

36

1<sup>o</sup>  
semestre  
2019

*sociedade e as novas modernidades*

# *INTERAÇÕES*



# INTERAÇÕES

3 PREFÁCIO/PREFACE

ARTIGOS/ARTICLES

- 9 Media practices in the Brazilian mobilizations of 2013  
*Práticas midiáticas durante as manifestações brasileiras de 2013*  
**Ana Cristina Suzina**
- 40 A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal  
*The Representation of the Concept of Activism in the Information Programs of Public Television channels in Portugal*  
**Naide Müller**
- 72 Official Media Discourse of 'Active Longevity': an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices  
*O discurso oficial dos media sobre a "longevidade ativa": uma tentativa de popularizar a ideia da inclusão de pessoas idosas na sociedade ou de ocultar escolhas forçadas indesejáveis*  
**Anastasiya Jurkevits**
- 100 As Tecnologias de Informação e Comunicação no Quotidiano Social da Pessoa Idosa: Breve Revisão Narrativa  
*Information and Communication Technology in Day Life of Elder People: a Brief Review Narrative*  
**José Mendes**
- 113 Impacto social de la política de legalización de Cannabis sativa (marihuana) en Uruguay  
*Impacto social da política de legalização da Cannabis sativa (marijuana) no Uruguai*  
*Social impact of legalization of Cannabis sativa (marijuana) in Uruguay*  
**Ignacio Pablo Traversa Tejero**

ENSAIOS/ESSAYS

- 134 Psicanálise e Vida: Mitologia e Cinema  
*Psychoanalysis and Life: Mythology and Cinema*  
**Henrique Testa Vicente**
- 158 Immunization Campaigns: Mitigating Barriers - Designing Communication  
*Campanhas de Imunização: Mitigando Barreiras - Projetando a Comunicação*  
**Deepak Gupta, Badrul Hassan, Anusha Agarwal, Avni Bhasin**

## *Prefácio*

### **Media, Participação Cívica, Movimentos Sociais, Democracia e Populismo**

Diferentes padrões de comunicação (on-line e off-line) podem influenciar os indivíduos a terem comportamentos específicos em relação à participação cívica e à adesão a movimentos sociais de diferentes âmbitos e campos ideológicos.

Como os públicos têm a oportunidade de canalizar as suas ideias através de comportamentos na Internet a literatura geralmente identifica a Internet como um espaço público que promove a ação coletiva e reconhece que a tecnologia tem moldado a estrutura e a identidade de movimentos sociais e grupos ideológicos.

A análise das influências diretas e indiretas das práticas mediáticas no envolvimento cívico deve considerar que a democracia não é um conceito estático e que esse envolvimento também é influenciado pelas instituições políticas.

Os media amplificam os discursos políticos e esta mediação constrói socialmente eventos. O “envolvimento mediado” dos cidadãos tanto pode incrementar o comprometimento cívico como a manipulação política.

Neste número especial da Interações propomos uma reflexão sobre Media, Participação Cívica, Movimentos Sociais, Democracia e Populismo. Os trabalhos publicados apresentam resultados de investigação empírica e/ou reflexão teórica sobre movimentos sociais e contra-narrativas mediáticas, participação cívica e media alternativos, representações mediáticas de ativismo, discursos e narrativas hegemónicas de uma ideologia dominante nos media, novas formas de envolvimento cívico e político numa perspetiva geracional, políticas públicas e os seus impactos sociais, entre outros.

O volume abre com um artigo de Ana Suzina sobre as práticas mediáticas durante os protestos de 2013 no Brasil. O texto centra-se na dinâmica das manifestações desse ano, tomando-as como um microcosmo representativo de uma cultura mediatizada emergente, revelando a natureza fortemente assimétrica da esfera mediática brasileira. Através da análise de conteúdo quali-quantitativa de um caso e com recurso a entrevistas qualitativas a ativistas, o objetivo deste artigo é ouvir a voz dos media e a dos

atores (ativistas e jornalistas de media alternativos). A análise revelou dois momentos principais da cobertura mediática: o primeiro é caracterizado por uma abordagem negativa, onde os manifestantes foram retratados como vândalos e a repressão da polícia justificada; o segundo momento revela peças jornalísticas predominantemente neutras e positivas, relatando os protestos com mais detalhes e caracterizando os manifestantes como cidadãos em protesto pelos seus direitos. Ana Suzina conclui que o uso de plataformas alternativas de comunicação, especialmente as redes sociais, foi central para denunciar a violência e revelar o viés da cobertura dos media de comunicação tradicionais. A apropriação das plataformas digitais consolidou-se como forma de desenvolver e tornar visíveis as narrativas alternativas.

Naide Muller aborda a representação do conceito de ativismo nos canais de serviço público em Portugal no ano de 2017. A partir da análise de conteúdo noticioso na informação da RTP1 e RTP2, a autora verificou que os assuntos cobertos e as causas que têm maior representatividade são internacionais, estando relacionadas com questões políticas e direitos humanos. O artigo permite ainda concluir que “os programas informativos da RTP1 e da RTP2 não destacam a ação dos grupos ativistas que praticaram atos violentos, nem revelam indícios de cobertura audiovisual sensacionalista. Por outro lado, são privilegiadas as ações concretas no terreno, cujos porta-vozes são os cidadãos comuns ao nível micro”.

O artigo de Anastasiya Jurkevits centra-se nas narrativas mediáticas do discurso oficial de “longevidade ativa” na Bielorrússia no período 2017-2018, com o objetivo de explorar os significados que eles transmitem na sociedade, e qual a imagem da realidade social que representam e constroem. A análise permite concluir que existe uma narrativa oficial propagada pelos media que associa a “longevidade ativa” a produtividade laboral e utilidade para a sociedade. A autora aponta que esta narrativa visa desconstruir as perspetivas populares sobre a velhice, ignorando a necessidade de humanização dos idosos e privilegiando um paradigma económico.

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) no quotidiano social da pessoa idosa são trabalhadas no artigo de José Mendes. Através de uma revisão de estudos empíricos, o autor reflete sobre o fenómeno do envelhecimento nas sociedades contemporâneas e as TIC enquanto agente facilitador da vida quotidiana dos cidadãos mais velhos. O artigo aponta para o facto de que “a investigação na avaliação das TIC pelas pessoas idosas concentra-se mais nas vantagens voltadas para o cuidado e capacidades funcionais sendo mais negligenciados aspetos como as potencialidades da utilização das TIC no quotidiano da pessoa idosa (i.e., participação cívica)”.

O artigo de Ignazio Tejero estuda o impacto social da política de legalização de cannabis no Uruguai. Um inquérito aplicado a habitantes de quatro municípios uruguaios fronteiriços com o Brasil revela que um terço dos inquiridos foi ou é consumidor de cannabis, através de canais principalmente informais. A maioria dos inquiridos deste estudo nunca utilizou cannabis (68,1%), não conhece os objetivos da lei de legalização da cannabis (77,4%) e apenas 20% acreditam que é uma forma de combater o narcotráfico. O artigo analisa ainda efeitos e percepções sobre o consumo, a vários níveis, sempre em relação com a problemática da sua legalização.

O volume encerra com dois ensaios. O primeiro, da autoria de Henrique Vicente, intitula-se “Psicanálise e Vida: Mitologia e Cinema” e foi o texto da oração de sapiência proferida em 21 de novembro de 2018 na Cerimónia Solene de Abertura do Ano Letivo no Instituto Superior Miguel Torga. O autor desenvolve uma análise psicanalítica de duas produções cinematográficas contemporâneas de ficção científica: as trilologias de “Star Wars” e “Back to the Future”. Henrique Vicente conclui que “a arte cinematográfica, enquanto linguagem artística contemporânea, ‘reinventa’ o mito em ficção arquetípica. A ciência psicanalítica faculta os instrumentos que permitem analisar a reatualização do campo mitológico no cinema e o mito é ‘redescoberto”.

A partir de uma abordagem de marketing, no segundo ensaio, Gupta, Hassan, Agarwal e Bhasin equacionam estratégias de comunicação sobre campanhas de vacinação, tendo em conta a inclusão social dos mais vulneráveis, difíceis de alcançar e pobres. Os autores propõem um modelo denominado “*Vaccination Communication Model*” que visa fornecer uma abordagem a uma estratégia de comunicação de imunização que possa ser reproduzida em países em desenvolvimento, dotando os indivíduos e as comunidades de competências que permitam a sua formação como “capacitadores”.

Inês Amaral  
Maria João Barata  
Vasco Almeida

## *Preface*

### **Media, Civic Participation, Social Movements, Democracy and Populism**

Different communication patterns (online and offline) may influence individuals to have specific behaviours concerning civic participation and adherence to social movements of different ideological frameworks and scopes.

As publics have the chance to channel their ideas through Internet behaviours, literature often identifies Internet as a public space that promotes collective action, and acknowledges that technology is shaping the structure and identity of social movements and ideological groups.

The analysis of direct and indirect influences of media practices on civic engagement must consider that democracy is not a static concept and that such engagement is also influenced by political institutions.

The media amplifies political discourses and this mediation socially constructs events. The 'mediated engagement' of citizens may enhance either civic involvement or political manipulation.

In this special issue of *Interações* we propose a reflection on Media, Civic Participation, Social Movements, Democracy and Populism. The articles in the volume present results of empirical research and/or theoretical reflection on social movements and media counter-narratives, alternative civic and media participation, media representations of activism, hegemonic discourses and narratives of a dominant ideology in the media, new forms of civic involvement and political perspective and public policies and their social impacts, among others.

The volume opens with an article by Ana Suzina on media practices during the 2013 protests in Brazil. The paper focuses on the dynamics of the 2013 manifestations, taking them as a microcosm representative of an emerging mediated culture, revealing the strongly asymmetrical nature of the Brazilian media sphere. Through the qualitative-quantitative content analysis of a case and using qualitative inter-

views with activists, the purpose of this article is to listen to the voice of the media and the actors (activists and alternative media journalists). The analysis revealed two pivotal moments of media coverage: the first is characterized by a negative approach, where demonstrators were portrayed as vandals and police repression justified; the second moment reveals predominantly neutral and positive journalistic pieces, reporting the protests in more detail and characterizing the demonstrators as citizens in protest for their rights. Ana Suzina concludes that the use of alternative communication platforms, especially social networks, was central to denouncing violence and revealing the bias of traditional media coverage. The appropriation of the digital platforms consolidated as a way to develop and make visible the alternative narratives.

Naide Muller discusses the representation of the concept of activism in public service channels in Portugal in the year 2017. Based on the analysis of news content in the information of TV channels RTP1 and RTP2, the author verified that the subjects covered and the most representative causes are related to political issues and human rights. The article also allows concluding that “the information programs of RTP1 and RTP2 do not highlight the action of the activist groups that have practised violent acts, nor do they show evidence of tabloid audiovisual coverage. On the other hand, concrete actions are favoured on the ground, whose spokespersons are ordinary citizens at the micro level”.

Anastasiya Jurkevits’ article focuses on the media narratives of the official “active longevity” discourse in Belarus in the period 2017-2018, to explore the meanings they convey in society, and what the image of the social reality they represent and construct. The analysis concludes that there is an official narrative propagated by the media that associates “active longevity” with labour productivity and utility for society. The author points out that this narrative aims to deconstruct the popular perspectives on old age, ignoring the need for the humanization of the older people and privileging an economic paradigm.

Information and communication technologies (ICT) in the daily social life of the elderly are worked in the article by José Mendes. Through a review of empirical studies, the author reflects on the phenomenon of ageing in contemporary societies and ICT as an agent facilitating daily life of older citizens. The article points out that “research on the evaluation of ICT by older people focuses more on the advantages of care and functional capacities, with more neglected aspects such as the potential of the use of ICT in everyday life of the elderly person (i.e., participation civic)”.

## Preface

The article by Ignazio Tejero studies the social impact of cannabis legalization policy in Uruguay. A survey applied to inhabitants of four Uruguayan municipalities bordering Brazil reveals that one-third of the respondents were or are cannabis users through mainly informal channels. Most respondents in this study never used cannabis (68.1%), do not know the goals of the cannabis legalization law (77.4%), and only 20% believe it is a way to combat drug trafficking. The article also analysis effects and perceptions of the consumption, at several levels, always in connection with the problematic of its legalisation.

The volume ends with two essays. Henrique Vicente writes the first, entitled “Psychoanalysis and Life: Mythology and Cinema” which was the text of the inaugural speech given on November 21, 2018, at the Solemn Ceremony of Opening of the Academic Year at Instituto Superior Miguel Torga. The author develops a psychoanalytic analysis of two contemporary cinematographic productions of science fiction: the trilogies of “Star Wars” and “Back to the Future”. Henrique Vicente concludes that “cinematographic art, as a contemporary artistic language, ‘reinvents’ the myth into archetypal fiction. Psychoanalytic science provides the tools for analysing the re-updating of the mythological field in cinema, and the myth is ‘rediscovered’”.

From a marketing approach, in the second essay Gupta, Hassan, Agarwal and Bhasin equate communication strategies on vaccination campaigns, taking into account the social inclusion of the most vulnerable, hard to reach and poor. The authors propose a model called “Vaccination Communication Model” which aims to provide an approach to an immunization communication strategy that can be replicated in developing countries, giving individuals and communities capacities so that they can be trained as “enablers”.

Inês Amaral  
Maria João Barata  
Vasco Almeida



# Media practices in the Brazilian mobilizations of 2013<sup>1</sup>

Ana Cristina Suzina

Comuni - Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Mídia Local, Brasil - [anasuzina@hotmail.com](mailto:anasuzina@hotmail.com)

## Abstract

This article discusses how a series of national mobilizations in Brazil, in 2013, embedded a relevant debate around the social judgment regarding journalistic practices and a consequential “desire of reform” towards an “ideal journalism”. I will also discuss the assumption that community and alternative media help, on a regular basis, to develop journalism and improve democracy. The reflection is based on a two-step approach. The first step

consists in the observation of the evolution of mainstream media covering during the protests, through the analysis of the front pages of the newspaper Folha de S. Paulo. The second refers to the inclusion of claims related to media in the demonstrations and its roots in the struggles for media democratization in the country, and counts on interviews with 11 Brazilian media activists.

**Keywords:** protest, media, activism, Brazil, democracy.

## Práticas mediáticas durante as manifestações brasileiras de 2013

### Sumário

Este artigo discute a forma como uma série de manifestações nacionais no Brasil, em 2013, embutiu um debate relevante em torno do julgamento social em relação às práticas jornalísticas e um consequente “desejo de reforma” em direção a um “jornalismo ideal”. Também discute a hipótese de que os media comunitários e alternativos contribuem, regularmente, para desenvolver o jornalismo e a melhorar a democracia. A reflexão é baseada numa

abordagem em duas etapas. A primeira delas consiste na observação da evolução da cobertura mediática sobre os protestos, por meio da análise das primeiras páginas do jornal Folha de S. Paulo. A segunda etapa refere-se à inclusão de reivindicações relacionadas com os media nas manifestações e às suas raízes nas lutas pela democratização dos media no país, e se fundamenta em entrevistas com 11 mediativistas brasileiros.

**Palavras-chave:** protesto, media, ativismo, Brasil, democracia.

---

<sup>1</sup> The data analyzed in this article was collected within a doctoral research financed by CAPES/Brazil.

## INTRODUCTION

In June of 2013, more than three million Brazilian citizens went to the streets of around 140 cities all over the country, in a series of demonstrations that were later denominated as the Journeys of June (Secco, 2013). It all begun with a regular demonstration organized by *Movimento Passe Livre* (MPL) against the increment of 20 cents in the price of the transport ticket in the city of São Paulo.

As Lincoln Secco describes<sup>2</sup>,

The two first acts followed the traditional MPL's capacity of mobilization for street demonstrations (around two thousand people). The fourth act kept still small, but the repression coming from the police triggered a wave of solidarity towards MPL that was able to bring about 250 thousand people to the following act. (Secco, 2013, p. 73)

The series of protests of 2013 joined a large wave of massive mobilizations around the world and became a turning point in the Brazilian recent history, with controversial frameworks of analysis (Bringel & Pleyers, 2015). Part of the interpretations recognized the appropriation of the streets and of the political debate by the people – following the celebrated perception that “the giant has woken up”, suggested on online and offline posters. Another part took different perspectives that highlighted an appropriation of the popular movement by right wing actors, identifying a fascist threat, and even finished by reading the protests as the birth place of the movement that led to the results of 2018 elections.

Breno Bringel and Geoffrey Pleyers summarize that the Journeys of June represented “a new cycle of protest, a reconfiguration of civil society and the emergence of entrenched political subjects in another conception of democracy” (Bringel & Pleyers, 2015, p. 11). The authors insert the mobilizations in a larger historic cycle and discuss how a viral diffusion of a transversal agenda has reached millions of citizens and triggered transformations that continued to evolve after the mediatized events within less visible dynamics of contestation.

The objective of this article is to discuss particularly how this series of mobilizations embedded a relevant debate around the social judgment regarding journalistic practices and a consequential “desire of reform” towards an “ideal journalism”, such

---

2 All translations from originals in Portuguese and French were made by the author.

as described by Géraldine Muhlmann (2004). It will also discuss the participation of community and alternative media in the Journeys of June and its effects over the media sphere in general. Accordingly, it will bring up to discussion the assumption that this kind of media initiatives help, on a regular basis, to develop journalism and improve democracy.

Journalism and media can be placed among the main elements in the evolution of the Journeys of June, as a massive mobilization where networks and communities of knowledge<sup>3</sup> played an important role in the nature and form of engagements. First, the attempt of mass media to classify people in the streets as vandals and justify the violence of police against citizens participating and journalists covering the demonstrations can be considered as part of the turnover point that motivated thousands of people to take part of the movement. Secondly, as a consequence, a debate around the conditions and practices of journalism in the country was established, even leading to some particular demonstrations addressing specific media companies, such as *Globo*<sup>4</sup>.

It is debate that concerns not only traditional journalism but the media sphere as a whole. During the Journeys of June, the use of alternative platforms of communication, especially social networks, was central for denouncing the violence and reveal the bias of mass media covering. Some media activists evaluate that they were able to set mass media, which was forced to change the speech from the condemnation to the support of demonstrations. These alternative media were very important as well in the call for participation as in the broadcasting of information directly from the streets, as it was observed in most of the massive protests post-2010 all over the world (Gerbaudo, 2012).

In a later research, I have observed a strong influence of the media practices applied during the Journeys of June in the evolution of a “media logic” (Lundby, 2009) that has been transforming community and alternative media all over Brazil. The

---

3 Although I am not here directly applying the notion of “emergent local knowledge communities” developed by Jorge González, this idea of networks and communities of knowledge is inspired by his concept of “ciber-cultur@” as “an open and adaptable process that generates a range of emergent answers” (González, 2014, p. 38). My understanding here refers to dynamics where people engage in collective action based on or moved by the exchange of knowledge, meaning production, consumption, re-production and diffusion of information that makes sense within collective experiences.

4 According to data organized by the Media Ownership Monitor, Globo Corporation is the world’s second largest TV network, only behind North-american ABC. The group holds five terrestrial television channels, four newspapers, 14 magazines, 16 websites, three radio networks along with other 50 affiliates, and Globosat, the group’s branch in cable TV. (Reporters Without Borders / Intervezes, 2017)

appropriation of media platforms was consolidated as a way to develop and make visible alternative and competitive narratives, guiding online and offline strategies (Suzina, 2018). This article concentrates in the dynamics during the mobilizations of 2013, taking them as a microcosm that is highly representative of this emergent mediated culture as well as of the strongly asymmetrical nature of the Brazilian media sphere (Suzina, 2016).

The article is organized in four main sections. The first one proposes a discussion about journalism and democracy. It focuses on media framing processes and the way community and alternative media can interfere in those dynamics. The second section presents the methodology and cases approached. The third section brings up the results of an analysis of the front pages of *Folha de S. Paulo*, a national Brazilian mainstream newspaper, during the month of mobilizations, as well as a first approach to the perspective of social actors. Finally, there is a section of debate, where I propose a discussion about the role of media in a democratic society.

### ABOUT JOURNALISM AND DEMOCRACY

The reflections and debates around journalism and democracy date long back in time and cover a variety of perspectives and approaches (Muhlmann, 2004; Müller, 2014). In this article, the discussion takes two of many possible axes. They are both related to social movements and marginalized communities. The first considers how these actors are framed by mainstream media. The second regards how they build their own media in reaction to these framings. This initial section brings up some reflections about these issues, illustrating the debate with the case of the Journeys of June, the national mobilizations that took place in 2013 in Brazil.

#### *Framing contest and marginalized actors*

The studies about media framing justify its importance by defining it as a process with significant effects over the construction of social issues. The power and the polemics around framing are related to its dynamics of selecting aspects of a reality to promote certain definitions and interpretations (Entman, 1993; McQuail, 1994; Nelson, Clawson, & Oxley, 1997). It is important to highlight that the effects of media framing are commonly studied separately for long term effects (how gender or race, for instance, are depicted by media) and for immediate effects (how one mobiliza-

tion was covered, for example). In this article, the objective is to suggest that both processes follow the same pattern and that the alternative covering of Journeys of June triggered a debate around this connection between long and short term effects.

In this sense, the most useful definitions of framing are those that relate it to processes of visibility and meaning-making. Stephen Reese talks about framing as “organizing principles” symbolically working to “meaningfully structure the social world” (Reese, 2001, p. 11). They would contribute to what Boaventura de Sousa Santos (2007) describe as the “abyssal lines”, i.e., the social constructions that build intentionally a frontier between the existent and the nonexistent.

Particularly, a great number of studies have revealed how contestant and marginalized actors are placed in two problematic positions in relation to this frontier. Either they are in the side of nonexistent, being completely neglected by the media covering, or they exist, although marked by negative associations such as crime and disorder (Miguel, Biroli, & Duailibe, 2013; Rovira, 2013; Suzina & Pleyers, 2016). Todd Gitlin argues that the power of media professionals consists of attributing meaning to social movements actions without no voice back about the frames produced (Gitlin, 1980).

For Venício A. de Lima, during the Journeys of June, the Brazilian “old media” have showed the same behavior as always. He says that “the absence of connection (in other words, the disconnection of the old media from the most majority of the Brazilian population) has been diagnosed a long time ago” (Lima, 2013, p. 93). For him, at least one of the reasons for the massive demonstrations was a combination of the sense of lack of political representation in the Parliament with – and derived from – the lack of representation in the public debate. He says that “the large diversity of opinions present in the society does not find channels for public expression neither has the means for making itself represented in the public debate that establishes the public opinion” (Lima, 2013, p. 93).

Jürgen Habermas proposes that “we understand the act of speech when we know what makes it acceptable” (Habermas, 2012, p. 515). Contradictory situations, such as the media covering during the Journeys of June and others denounced by media activists, may trigger a spirit of doubt or even rejection regarding the legitimacy of speech acts. They question social arrangements (Honneth, 1995) through the discussion about who is legitimate to describe the social world and define its main issues.

Changes in the media sphere, meaning mainly the access for new actors would then touch the functions of mutual understanding (Habermas, 2012). This context approaches the function of production and innovation of interpersonal relations re-

garding mainstream media as a discursive actor whose legitimacy is challenged. It grabs the function of representation or presupposition of states and events while new speakers become able to present their worldviews. And finally, it seizes the function of manifestation of experiences bringing to light practices that have been ignored or stereotyped until then.

Habermas himself, as well as other authors, such as Dominique Wolton, problematize the enlargement of access to the public debate, arguing that the increasing number of players does not necessarily correspond to more deliberation (Habermas, 2006) or connection (Wolton, 2005). As suggested by Luis Felipe Miguel (2014), however, I take the dissonance produced by the inclusion of new actors in the media sphere cannot as a first step of change, considering its disruptive potential.

### *Community and alternative media as legitimate actors*

In a country as large as Brazil, it might be utopian to speak about a medium that could cover the entire diversity of social and cultural manifestations. So, in one hand, it would be possible to accept the structural limitation of diversity and a consequent “structural homogeneity” (Muhlmann, 2004, pp. 92-93) in the constitution of the public sphere. This reflection moves the problem of framing to the issue of the hegemony behind the homogeneity, which would be inhibiting the incessant collective reconstruction of the common. Géraldine Muhlmann criticizes the naïve Kantian perspective, in which this reconstruction would be naturally nourished by an “ideal journalism” that makes room for the plurality of views (Muhlmann, 2004, p. 92). In this sense, the “structural homogeneity” can be a condition but still constitute a public arena, meaning an intense dynamic of argumentation, as conceived by Daniel Cefaï (1996).

Accordingly, in the other hand, it would also be possible to approach the large media system. In this case, the response would be closer to what proposes Michel Foucault (1994), i.e., “the problem is to multiply the channels, the bridges, the ways of information, the television and radio networks, the newspapers” (as cited in Muhlmann, 2004, p. 85). That is where community and alternative media may play an important role. They can bring up social actors and struggles from the level of “pre-political” (Muhlmann, 2004, p. 71) to the one where the action is turned into a rational image and can influence the organization of the society. In such a perspective, the diversity takes the form of an information ecology (Nardi & O’Day, 2000; Treré, 2011), composed by a variety of media outlets, that propose different facts but also different narratives about each fact.

The use of media has been part of the strategies of social movements and activists for a long time all over the world. Described under several different concepts such as popular communication, participatory communication, citizen's media or communication for social change among others<sup>5</sup>, for the most part, they configure communication processes “which allow people themselves to define who they are, what they want and need, and how they will work together to improve their lives” (Gumucio-Dagron & Tufte, 2006, p. xiv). In Brazil, struggles and actions related to the appropriation of media have started in the 1960's with a strong participation of the civil society, both in the development of initiatives as in the debate around public policies for the field of communication and media (Lima, 2006).

In Latin America, long term initiatives of “popular communication” refer to the culture of the so-called popular classes – which includes indigenous people, those living in peripheries and suburbs, campesinos and all groups that are excluded from the dominant elite culture – who use media outlets to produce or highlight a narrative opposed to a dominant one (González, 1990; Peruzzo, 2008). It also and mainly refers to practices searching for the emancipation and the improvement of life conditions of these groups (Festa, 1984; Gimenez, 1984; Otre, 2015).

For Cicilia Peruzzo, the active participation of citizens in the management and delivery of contents leads to the development of processes *educunicativos*, meaning the appropriation of communication skills and techniques in order to improve individual and collective participation, and hence the exercise of democracy and citizenship (Peruzzo, 2006). Taking part in communication experiences may thus contribute to bring up the daily lives of citizens into the public sphere. This exercise helps to establish a connection between everyday experience and the more global context of political debates. Charged with this values, the public sphere is no longer a place for experts and democracy is no longer something reserved for politicians and intellectuals to become a topic in real life actions.

Peruzzo (2006) advocates that popular and alternative media carry on the right to communication, which includes access to information itself as well as the opportunity to participate in its production and distribution. She explains that this kind of media emerges from the action of the popular groups and plays a role of collective

<sup>5</sup> These different concepts have been used by authors around the world following different approaches and according to different contexts of action. For more information about each of them, including references about authors dealing with these different approaches, I recommend the book “Communication for Social Change. Anthology: Historical and Contemporary Readings”, edited by Alfonso Gumucio-Dagron and Thomas Tufte (2006).



mobilization. It also comes from the people - with their participation or in relation to their aspirations - and/or is directed to the people (Peruzzo, 1998).

The emergence of digital culture introduces new opportunities in this field, mainly easing the opportunity of reaching new audiences. For Manuel Castells, “the advent of digital communication, and the associated changes in organization and culture, have deeply modified the ways in which power relationships operate” (Castells, 2013, p. xix). This author enhances the potential of the internet to increase the autonomy of the communicating process, opening opportunities for individuals to produce self-massive information, meaning that a message issued by only one person or group can reach massive audiences without or at least with less interference from owners and regulators of the communicative infrastructure.

Much of studies on activism and social movements in relation to the internet have focused on the protest and large mobilizations (Rodríguez, Ferron, & Shamas, 2014). However, activism is not limited to the protest and the Journeys of June make a good case in this sense. The mobilizations themselves exposed the media framing as that process of meaning making described above together with an emergent capacity of reaction coming from the civil society. At the same time, as long as the protests included claims regarding the democratization of media, they led the debate to a general reflection about the configuration of the whole media system.

### METHODOLOGY

This article analyses the debate about media and democracy that came up in Brazilian streets during the mobilizations in June of 2013. The reflection is based on a two-step approach. The first observes the evolution of mainstream media covering during the protests, assuming that it played a role in the evolution of the protests themselves. The second refers to the inclusion of claims related to media in the demonstrations and its roots in the struggles for media democratization in the country.

The first step consisted of the analysis of the front pages of the newspaper *Folha de S. Paulo*, from 7<sup>th</sup> to 30<sup>th</sup> of June 2013. Titles, texts and images figuring only on the front page were taken into account, considering two main reasons: the dominant communicative power of front pages comparing to articles; and the high exposure of front pages that reaches regular readers but also a larger audience of those just getting the frontlines (LEMEP, 2016). *Folha de S. Paulo* was picked to illustrate what has



been said about the demonstrations because of its representativeness in the Brazilian media sphere. It is the daily newspaper of largest paid circulation in Brazil (Reporters Without Borders / Intervezes, 2017), reaching the average of 300.000 copies daily (Grupo Folha, n.d.). Additionally, as the events that are considered as the catalyzers of the national mobilizations took place in the city of São Paulo, this newspaper could provide material for analysis covering the whole period of peak of protests.

It is relevant to highlight that the goal of this article *is not* to provide an extensive analysis of valence frames, although it follows the main elements of this method. Mainly, it observes how *Folha de S. Paulo* “select[ed] some aspects of a perceived reality and make[made] them more salient in a communicating context”<sup>6</sup>, which configures a classic framing mechanism (Entman, 1993, p. 52). The elements observed on the front pages were: main headlines, pictures, short texts introducing articles, titles introducing articles and editorials. In all of them, the first step of the analysis consisted of identifying: the mention (or not) to the mobilizations, the size and the position of the headline and of the introductory texts, the use (or not) of images, the size and the position of images, and the words chosen to describe the events.

All references to the protests were, then, classified according to their tone, that could be neutral, negative or positive. I considered neutral elements that showed the information without explicitly classifying it as positive or negative, meaning that the description of protesters did not depict them neither as aggressive or dangerous nor as honorable citizens. Negative elements highlighted aspects that connected the demonstrations to violence, destruction and social disorder – they suggest that the repression is justified. Positive elements depicted participants as citizens, social actors influencing a political decision, and also as victims of the violence of the police – they suggest that participants have the right to protest and/or even are contributing to democracy. The objective of this level of analysis was, then, to offer some evidence of the evolution of editorial choices that legitimated either the repression of the State or the social mobilization.

The complementary step constituted a dialogue between the observation of the mainstream media covering and the perspective of actors enrolled in community and alternative media practices, some of them directly involved in the Journeys of June. The approach to the actors was done through semi-structured personal interviews conducted during the months of October and November of 2013 with Brazilian journalists and media activists from *Mídia Ninja* (multimedia, digital, national range; 1

<sup>6</sup> Additions by the author

person interviewed), *Coletivo Nigéria* (audiovisual, digital, national range; 2 people interviewed), *Jornal do MST* (newspaper, national range; 1 person interviewed), *Rede de Notícias da Amazônia* (network of local radios, Amazon region; 1 person interviewed), *Rádio Ibiapina* (community radio, local range, Northeast region, 3 people interviewed), *Rádio Fundação Casa Grande* (community radio, local range, Northeast region; 2 people interviewed) and *Fala, Mãe Luíza* (community newspaper, local range, Northeast region, 1 person interviewed).

All interviews were developed personally and most of them took place during field observations in the places where the media practices are usually developed – the exceptions were the *Rede de Notícias da Amazônia* and the newspaper *Fala, Mãe Luíza*, whose communicators were interviewed during a meeting of popular communicators before each respective field immersion that took place afterward. The interviewees were all communicators leading media practices in their organizations.

The objective was double. On the one hand, to confront the “particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation” (Entman, 1993, p. 52) applied by *Folha de S. Paulo* during the manifestations with the perspective of the actors. On the other hand, the idea was to situate this debate in the larger framework of media and democracy, including a discussion about the role of community and alternative media.

### THE VOICES IN THE MEDIA AND THE VOICES OF THE ACTORS

This section is divided into two parts. The first presents the results of the analysis of the front pages of *Folha de S. Paulo*. This analysis is also organized in two parts, to better explore the positive and negative editorial approaches observed in the covering. The second part exposes some of the ideas identified during the interviews with the actors.

#### *The Journeys of June in the front page of Folha de S. Paulo*

Between the 7<sup>th</sup> and the 30<sup>th</sup> of June 2013, the Journeys of June were the subject or were mentioned in 128 pieces in the front pages of the newspaper *Folha de S. Paulo*. The demonstrations were the subject of the main headline 13 times and 34 images of the acts were exposed in the front pages during the period. The evolution of the covering can be observed in the Figure 1, that shows also that it begun with a negative trend,

made a drastic turning point around the 13<sup>th</sup> of June, when the numbers of pieces mentioning the demonstrations increased<sup>7</sup>, to end with a neutral-positive trend.

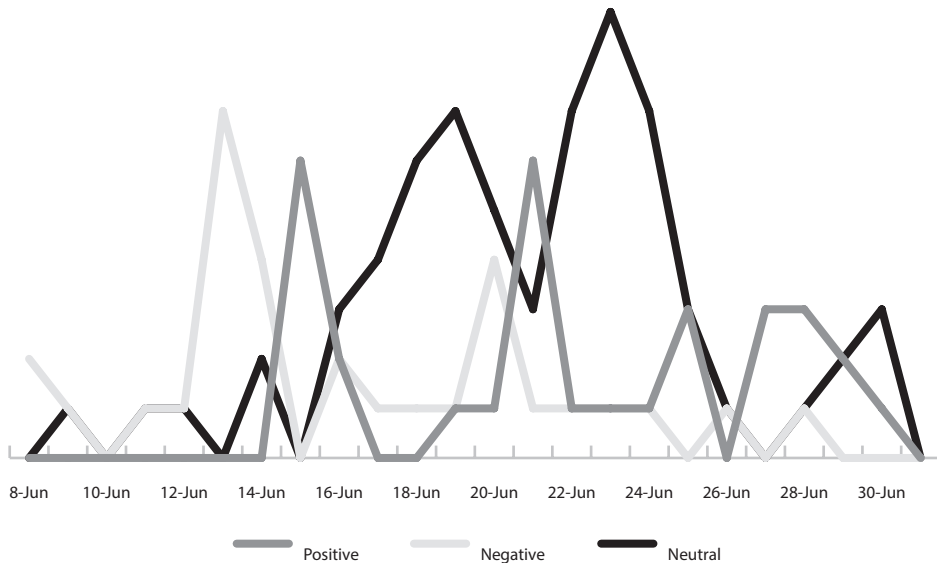


Figure 1. Evolution of the covering of Journeys of June in the front pages of Folha de S. Paulo

Accordingly, the analysis of the front pages of the newspaper *Folha de S. Paulo* was divided into two groups, that correspond to two opposite approaches to the facts. The first one shows a covering close to the criminalization of social movements. The other corresponds to a change on editorial choices that depict the mobilizations inside the framework of citizenship. As we will see, this evolution is close to what has been observed as an impact of the use of digital media in the context of social mobilizations in other regions of the world.

### *The discourse of criminalization*

Manipulation, over simplification, sensationalism, partiality, artificiality. These are some of the critics directed to journalism, and mainly to mass media, all over the world. As exposed by Muhlmann:

<sup>7</sup> In the 23<sup>th</sup> of June, *Folha de S. Paulo* printed a special issue devoted to the protests, featuring several introductory texts on the front page. These introductory texts were counted and classified for this article, but the special issue itself did not.

## Media practices in the Brazilian mobilizations of 2013

Journalists are criticized for imposing points of view biased, in the service of the powerful, distorted from the exchange of opinions and perspectives that would occur naturally in the public space if this space was not precisely in the hands of media. (Muhlmann, 2004, p. 25)

In June of 2013, the mass media in Brazil left room for hardening these ideas. The disputes around the construction of a narrative and of the meaning of the series of massive protests exposed the asymmetrical relationships that characterize Brazilian democracy (Suzina, 2016, 2018). The period can be described as a microcosm of a situation where deep inequalities in resources and recognition turn into power asymmetries, establishing what voices are allowed not just to be included but to interfere in the public debate.

During around three weeks, more than three million people went to the streets claiming for changes in several fields of public services (Secco, 2013). The demonstrations were originally called by the *Movimento Passe Livre* (MPL), a social movement who challenges the situation of the public transport through local and horizontal mobilizations all over the country. They started in the city of São Paulo, in reaction to the increment of 20 cents in the price of the transport ticket and followed the same strategy of mobilization applied by the movement in precedent opportunities, i.e., mainly young people sum up to demonstrations blocking streets and to popular and open assemblies, where anyone can take the word for deciding the ways and the form of the actions (Passe Livre SP, 2013). The movement fits largely the model of action that characterizes the “alter-activism” (Pleyers, 2010), dialoguing in approach with several mobilizations that spread after 2010 in different regions of the world, such as Occupy Wall Street, in the United States, *Los Indignados*, in Spain, *Nuit Debut*, in France, or Gezi Park, in Turkey.

The first reaction of mass media to the Brazilian protests in early June was to condemn the demonstrations and characterize their participants as vandals, as it was possible to see in the front page of the newspaper *Folha de S. Paulo* (see Figure 1 and Table 1).

Table 1

*Front page of Folha de S. Paulo in the beginning of the Journeys of June*

Date	Title	Dimension
June, 7th	<b>Vandalism</b> characterizes act for cheaper transport in São Paulo	Small note in the top of the page, with big picture of streets on fire
June, 8th	Protesters <b>cause fear</b> , block highway and spray messages on buses	Small note in the down side of the page, with a big picture of people running in the streets
June, 12th	Against the price of the ticket, protesters <b>vandalize</b> the center and the Paulista Avenue	2/3 of the page, with three pictures of streets and buses on fire, and the police attacking the protesters
June, 13th	Government says that it will take harder against <b>vandalism</b>	1/3 of the page with a big central picture of an injured policeman arresting his aggressor and defending himself with his gun pointed to the crowd (we don't see the crowd, that is suggested by the text)

Note. Source: Author with information from Acervo Folha (Folha de S. Paulo, 2013)

As a telling anecdote, in June 12<sup>th</sup>, there is a specially interesting element regarding the editorial decisions of *Folha de S. Paulo*. While protesters were associated to vandalism in the streets of São Paulo, the newspaper published a small note informing that “Turkish police represses *activists* in a square of Istanbul”, referring to a same kind of mobilization in the Gezi Park that became internationally recognized as well (Pleyers, 2018).

The fourth demonstration was strongly repressed by the police and, while the mass media kept affirming that the violence was a response against the vandalism of protesters, amateur videos and records from media activists and journalists started to show a different story on the Internet. They revealed scenes where the police attacked people singing or exhibiting posters with political messages. Media actors such as *Mídia Ninja* and *Coletivo Nigéria* started to become legitimate as a source of information coming directly from the streets (see next section).

In the 13<sup>th</sup> of June, there is a turning point in the covering and the negative trend diminished. Pieces reporting acts of violence were still present in the front pages until the end of the month, but they were not prevalent anymore.

*The emergence of a new perspective*

As long as thousands of people decided to join the demonstrations – or organize new ones in their cities all over the country – and diversified information was circulating around, it was possible to see an evolution in the headlines on *Folha de S. Paulo* (Table 2). In the front page of this newspaper, vandals became protesters who were playing acts, even if when there were still mentions to situations of vandalism.

Table 2

*Front pages of Folha de S. Paulo in the evolution of the Journeys of June*

Date	Title	Dimension
June, 14th	<b>Police react with violence</b> to a <b>protest</b> and São Paulo lives a night of chaos	¾ of the page with a big picture in the top showing a policeman attacking a woman plus another small picture of a journalist who was shot in the eye with a rubber bullet
June, 17th	The government of São Paulo asks and will have a meeting with <b>protesters</b> today	2/3 of page with a picture showing confrontation between protesters and the police in Rio de Janeiro, with reference to a football match of the Confederations Cup
June, 18th	<b>Thousands</b> go to the streets ‘against everything’; groups reach palaces	Whole page with a big picture showing the shadow of protesters in the National Congress, in Brasília, a small picture of a crowd in the center of São Paulo, and a series of smaller images showing different political complains expressed by protesters
June, 19th	<b>Act</b> in São Paulo includes attack to the City Hall, sacking and <b>vandalism</b> ; police slow to react	Whole page with a big picture of the municipal guard defending the building, and smaller images of a <b>TV station truck on fire</b> , a protester walking down with a stolen TV, and a crowd in the center of São Paulo
June, 20th	<b>Street protests</b> put fares down	Whole page with a big picture of a crowd showing posters with complains, and a smaller image of another crowd watching the announcement of the reduction of the fares

Note. Source: Author with information from Acervo Folha (Folha de S. Paulo, 2013)

There are several important elements to take into account in the change of tone in the headlines of *Folha de S. Paulo*. It meant actually the emergence of positive approaches towards the demonstrations, such as those where protesters were depicted as active citizens searching for their rights and the State begun to show up as repressive or looking for dialogue with the citizens. But it corresponds mainly to a more balanced covering, with a high number of neutral pieces disposed together with positive and negative approaches (see Figure 1). There was place to pieces reporting profile and motivations of protesters, negotiations between actors involved in the organization of the acts as well as the evolution of popular demands in the political agenda. Headlines called to articles developing sociological and historical hypotheses about the mobilizations and the role of the police. But there was also room for information regarding acts of vandalism, robbery and other disorders.

It is equally relevant to highlight that the end of the covering, meaning the last week of analysis, frequently presented the protests as a background for approaching political issues, such as positions of and measures taken by the Executive and Legislative powers regarding claims expressed in the streets. In most of these cases, the demonstrations were just mentioned as the reason or the motive behind a debate or an action. This aspect of the change deserves further analysis regarding the editorial tone applied to report the acts of president Dilma Roussef, who started to appear as the main political actor to blame for every problem displayed in citizens' claims. The observations of the present sample suggest a link to the editorial approach that was consolidated in the following months, introducing the electoral (2014) and the impeachment (2016) processes.

### ***The perspective of the actors***

As already mentioned, the turning point in the mainstream covering came at the same time as alternative narratives started to be intensively reproduced on the Internet. This is another feature shared between the Brazilian demonstrations and most of massive mobilizations post-2010 in other countries, where digital platforms of communication played a central role (Gerbaudo, 2012; Pleyers, 2018). In Brazil, among many groups and citizens providing information from the streets, some got more notorious. It is the case of *Mídia Ninja* and *Coletivo Nigéria*.

For some media activists, such as Rafael, from *Mídia Ninja*, the change in the discourse of mainstream media was considered as a kind of victory of this confrontation

of perspectives. He considered that their production has set mass media and transformed narratives during the Journeys of June:

The person who has figured in the cover of *Revista Veja*<sup>8</sup> was someone identified by our covering during the demonstrations in Rio; and during three days the *Jornal Nacional*<sup>9</sup> [Globo] had to use our images in the case of Bruno Teles<sup>10</sup>, because their team was not able to get the story.

The name NINJA stands for *Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação* and the initiative consists of a network of mainly young people spread all over the country, who produce and broadcast information through a webpage on Facebook and other digital platforms. During the demonstrations, they went to the streets with cameras and smartphones recording and broadcasting everything that crossed their path – they frequently used live and long transmissions. The number of views and “likes” on their page jumped to thousands and their content started to be reproduced all over.

For Rafael, the legitimacy of their alternative covering came from its capillarity and independence, as he explained:

In the last two or three years, we have been debating and building what would be the foundations of a network connecting people that were already doing live photography, using social media all over Brazil (...) When June comes, we were the most prepared to do this B-side covering of the streets of June, we were in the streets all over the country, with an autonomous self-managed and self-financed system. We did not have a skeleton in the closet and, so, we could speak about everything that was happening.

*Coletivo Nigéria* is an entrepreneurship of four young journalists, located in Fortaleza, Ceará, in the Northeast region. It is a project that mixes video production for social movements and NGOs with initiatives of media activism. They also went out to the streets to follow up the demonstrations and get alternative information in relation to what mainstream media were showing. For Yargo, one of the media activists of *Coletivo Nigéria*, June was the moment of an “explosion”. He explained that they were

8 Another mainstream media outlet, *Revista Veja* is a weekly magazine with a very conservative editorial line.

9 *Jornal Nacional* is a daily TV news program, broadcasted by Globo TV on national range.

10 The case is related to the detention of the protester Bruno Teles, who was accused of carrying on explosive devices and detained even if there was divergent information among different police records.



already broadcasting information about the impacts of the World Cup before, but after the Journeys, the number of likes on their Facebook page increased “from 150 to more than 3.000”. For him, “there was evidence of a need of contra-hegemonic information, alternative information, which ended up by making our work better known”.

Differently from *Mídia Ninja*, they did not transmit live but used to work in careful editions before publishing their material. One of their most popular pieces, by the moment we met, was the documentary “Com Vandalismo” [With vandalism] (Coletivo Nigéria, 2013), whose objective was to establish a debate around the discourse of vandalism in relation to what actually happened during the demonstrations and its motivations. Only until December 2013, this video had reached more than 150.000 views on Youtube.

Between the actors interviewed, including those involved in the Journeys of June and others more related to longstanding traditional popular media, there are some common elements. The first one is that the need of being represented is related to the capacity of making their actions a valid option for them and maybe for the whole society. Being represented is interpreted by these actors as being recognized as citizens. The public space would be, then, the space of citizenship, meaning mainly being seen as who they are – and not as a stereotype that fits a homogeneous definition –, and maybe being taken as reference for others as a result of this exposition.

The change in the editorial approach during the Journeys of June is not a particular case of Brazilian protests. Several authors have tracked the influence of digital media over mainstream covering during collective actions all over the world, such as the Arab Spring, the Occupy movement, the mobilizations for public education in Chile, among others (Navarro, 2016; Ponce Lara & Miranda, 2016; Lecomte, 2013/5; Galindo, 2016). All these cases share a similar dynamic with three particular moments: first, the collective action suffers from a situation of invisibility or bad covering; then, there is a massive exposition of alternative information on the Internet and social networks; and finally, there is a transformation in the mainstream narrative. The perspective renews the hopes of media activists, as we have seen above, but the regular relationship between mainstream media and social movements seems to be still fragile.

These actors seem to clearly recognize the limits of the media sphere, but they are still faithful in their media action as an instrument to leave the private space and take part in the public one, confronting the mass of society. In this sense, Rafael gave an interesting statement saying that he does not conceive *Mídia Ninja* as the voice of the

social movements. “These groups already have a voice and what we want is to make it louder, to make it visible”, he declared. They would embody a character close to what Foucault calls as the “*diagnosticien du présent*” (Foucault, 1994), who is the one who refocus the gaze and makes visible what is visible but not yet seen (as cited in Muhlmann, 2004, p. 86).

### THE IDEAL OF AN IDEAL JOURNALISM

In the 5<sup>th</sup> of August, one of the most traditional debate programs of the Brazilian television, called *Roda Viva*, brought two of the leaders of *Mídia Ninja* to the discussion and the character of their work was one of the central issues. In this occasion, Bruno Torturra, journalist and one of the founders of the initiative affirmed that journalism is what it is (TV Cultura, 2013). Later, during an interview for this research, Rafael said that it is *also* journalism. No matter what the answer finally is, what this debate represent is that there is a question regarding the limitedness of what Lima (2013) calls “old media” as well as about what is the possible reform of journalism and what is the room for new practices in the media sphere.

All journalists and media activists consulted are pretty close to the enthusiastic perspective of criticizing the media. Even if they recognize the effects of the monopoly of media in Brazil and the precariousness of the field of journalism, they are ready to press up for transformations and to develop alternatives for improving the general debate in the public sphere. As suggested by Muhlmann, they accept that the public sphere is a place affected by dominations, where the plurality is always imperfect (Muhlmann, 2004).

There is a trend of getting close to the Kantian ideal of an autonomous thinking as a result of the freedom of expression. This idea is frequently present in the discourses of the young communicators leading very innovative initiatives such as *Mídia Ninja* and *Coletivo Nigéria*. For instance, Rafael declared being convinced that if people get access to different views of an issue, each citizen will be able to decide what to think. That’s why he defines the editorial line of *Mídia Ninja* as “multipartial”. It means showing the different perspectives, even if he has declared that in their “multipartiality”, there is one declared partiality of making visible the word of social movements and groups that are regularly neglected by mass media. The main goal, for him, is to establish the conflict that may lead to better decisions:

We have been broadcasting the demonstrations and for every link, for example, the pictures that we post, if there will be an act today, we post a picture with 8-10 links of streaming. Each person chose his/her preferred storyteller, the worldview that will be there, what each one will be showing. It is in this sense that we say that you chose what you want to see. You sum up them, you get your conclusions. We won't give it ready, in a certain way. We have no problem of diffusing a specific idea, but we believe that the construction will be upon it, upon this diversity.

Yargo and his partner Pedro, from *Coletivo Nigéria*, also believe in the competence of the public for identifying the contradictions when faced by a plurality of views. They think that time has arrived for rethinking the journalism as a whole and that this will include more space for investigative journalism and for other platforms for diffusing information, outside mass media. Both *Mídia Ninja* and *Nigéria* already try innovative languages and formats, mixing text, photography, audio and video resources. Rafael said that, after getting a bunch of information about an issue, *Ninja's* team concentrate themselves in the choice of the best package for achieving the maximum of audience.

Yargo and Pedro seem to be less worried about the number of people consuming their information. They agree that it is important to care about the audience but it is equally important to avoid being hostage of the public and, therefore, repeating the same mistakes of the mass media. Again, they highlight this idea of the importance of searching for answers outside mass media. They want to break the monopoly denounced by Lima, who says that

Even if they are 'connected' by these networks [*social networks*] and, then, even if they do not get their information, do not have their entertainment and do not express themselves (primary) by the old media, the youth who triggered the demonstrations still depend on them to achieve public visibility, i.e., to be included in the space that constitutes the public opinion. (Lima, 2013, p. 90)

### ***Generalization: the roots of the problem***

Most of the journalists and media activists interviewed goes in the same direction, criticizing mass media as a frequent obstacle for achieving the conditions for seeing and been seen. The tension between mainstream media and social movements, that

exploded during the Journeys of June, was depicted as a permanent condition by these actors. They talk about their mission as making visible people, situations and opinions that use to be inaccessible for the public eyes or represented as just a part of who they are and what they mean. The claims for a better journalism as well as the attacks against media companies (see below) during the demonstrations reveal a general discontent in relation to the asymmetrical condition of the Brazilian media sphere.

Some of these media activists fight for enlarging the debate in the society as a whole, some others work from particular groups or regions, such as Júnior, from the community newspaper *Fala, Mãe Luiza*, in the city of Natal, Rio Grande do Norte. The publication was created in 1989 to challenge the negative image diffused by mass media about the neighborhood – which name is *Mãe Luiza*. He explains that “through the community newspaper, the community can see itself out of the stereotypes and as part of the world”.

Júnior advocates the importance of approaching the issues of the neighborhood from the perspective of its own dwellers, principle that is defended also by the team leading the *Rede de Notícias da Amazônia* (Network of News from Amazon), a network of local and catholic radios that share contents and produces regional programs about the reality of the Amazon Region. Rosa, a partner in the project, explains that the initiative was established in 2007 for “opposing the information coming from the South, that frequently focus on the disgraces of Amazon” and for “making the Amazon known by its people, for allowing Amazon to talk to the Amazon”.

### ***The condemnable practice of journalism***

The bleak perspective for criticizing the journalism – *critique sombre*, as named by Muhlmann – is also present in the Brazilian debate. From this point of view, the democracy is a regime where the exchange of public opinions is affected by a strong homogeneity and the journalism reflects this domination (Muhlmann, 2004). During the Journeys of June, and especially in the protests that came later on, this critic was mainly focused in the monopoly of media ownership, an old complain of social movements and media activists.

The *Intervozes Coletivo Brasil de Comunicação Social* is an NGO that defends the right to communication as a way to free people from the hostage of media controlled by powerful actors. In a film called “*Levante sua voz*” [Raise your voice], they illustrate the control of the media sphere in Brazil by the confrontation of the number

of 11 families who own most of the media in the country with the tens of thousands of applications for getting authorization for the establishment of a community radio (Ekman, 2009). The Media Ownership Monitor confirmed the high concentration of the Brazilian media sphere:

Despite the vast regional diversity in the country and the continental dimensions of its territory, the four main media groups concentrate an exorbitant national audience – over 70% in the case of free-to-air television, the most popular media in the country. (Reporters Without Borders / *Intervozes*, 2017)

Data collected by Angelo Serpa illustrate the situation with the example of Salvador, in the state of Bahia. According to him, between 1999 and 2005, the national authority prevented 537 radio stations from start working in the city and only 31% of all requests made got a permission (Serpa, 2013). Despite some efforts from the governments of the Workers Party (2003-2016), the legal and structural framework of media operations in the country kept highly restrictive. For instance, in 2010 and 2011, around two radio stations operating without permission were closed every day all over the country (Paiva, Malerba, & Custódio, 2013).

As Muhlmann suggests, the situation of the journalism tends to be connected to the situation of the democracy where it is developed. The inequality in the media sphere in Brazil seems to be very close to social and economic inequalities. Vilson Vieira Jr. established a relationship between poverty in different Brazilian regions and the concentration of media. He takes as reference a study of EPCOM, in 2006, that pointed out

A direct relationship between the economic strength of a region and the degree of concentration or plurality of the media. (...) The poorer is the region the largest is the level of media concentration, i.e., the lower is the number of actors owning media such as radio and television, considering that the Gross Domestic Product (GDP) is directly related to the number of broadcasters and private TV operators in the states. (Vieira Jr., 2007)

According to *Intervozes*, the result of this monopoly of property is a homogeneity of issues, sources of information, actors and approaches represented in the public debate. Most of the journalists and media activists interviewed mentioned this ho-

mogeneity, meaning both the lack of representation of the Brazilian social diversity in the media as well as the trend of building stereotypes that create kind of categories of what exists.

The concentration of property also means that a lot of the content is produced or selected from urban centers, like São Paulo, Rio de Janeiro and Brasília, or the capitals of the states, leaving a small space for local facts and perspectives and a lot of room for homogeneity. It means establishing patterns that do not necessarily correspond to the complexity of the Brazilian society, in a straight connection to the complaint towards the disconnection between the media and the situation of the Brazilian population.

For instance, Júnior justified the community newspaper as a way to show people inside and outside the neighborhood that *Mãe Luiza* has more than drugs and violence issues. In Nova Olinda, a small city in the interior of Ceará, João Paulo said that taking part in the project of the *Fundação Casa Grande* community radio made it possible for him to discover that he must not leave the city to be a citizen. This radio was established about 20 years ago, as part of a large cultural project that offers to children activities related to music, theater, cinema and media, always focusing on improving the access to cultural goods as well as highlighting aspects of local and regional history and culture. According to João, everything that he heard before, in the mass media, led to believe that they were isolated and far from reaching anything good.

In a context of such inequalities, it's possible to assume that when social groups decide to fight against mass media, in fact, they are fighting against a model of society that uses the media to reproduce itself. They are fighting against a cultural unity that was built upon a false homogeneity and avoids conflict. Therefore, it takes the risk of building a "crowd" instead of a public (Muhlmann, 2004).

### ***The role of popular, community and alternative media***

It is important to observe how the Journeys of June constituted itself a space where so called vices of mass journalism were exposed as well as an event that related the discussion about the Brazilian democracy to the one regarding the journalistic practices. Venício A. de Lima says that, in Brazil, despite the development of information and communication technologies and the crescent use of digital media, the "old media", as he names the traditional mass media, still keep the monopoly of visibility, of "turning things public" (Lima, 2013), which the agenda setting celebrated by media activists can illustrate.

Social movements need visibility in order to get support for their actions and themes. Media are, therefore, a constant concern, an agent that is approached in a strategy of sharing information and beliefs, but also faced with criticism because of editorial preferences that criminalize social action and reduce or hide relevant social issues (Rovira, 2013; Barker, 2008). What gets visible, what is turned public became part of the complains during the demonstrations all over the country – probably motivated by the biased covering of the demonstrations themselves. Protesters recorded situations where reporters of *Rede Globo* were harassed in many cities by small or large groups of people yelling at them phrases such as “the people is not fool, *Globo* get out”. There were cases of attacks against vehicles of *Globo* and other TV networks and, in July, some smaller protests were organized in cities such as São Paulo, Rio de Janeiro and Brasília, taking media as their central issue.

For Muhlmann, the question about how media keep their role as a mediation between the individual and the community is the very question of democracy (Muhlmann, 2004). Most of the actors interviewed agree that mainstream media in Brazil is far from this role. They justify their engagement with media initiatives as a mechanism for confronting both stereotypes produced by mainstream media and for introducing new issues in the debate. For Igor, from the *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*, considering the big structural changes proposed by society, the community and alternative media have a role of preparing militants and citizens to understand the challenges and take part in the decisions. He makes a straight connection between the power of media framing and the possibility of social change, attributing to popular media a central role for vocalizing alternative perspectives:

Before, the enemy of MST and of the agrarian reform was the farmer, with his hat, his boots dirty with mud, his belt and his employees, who protected his land, that he used for real estate speculation. (...) This farmer was frequently associated to the worst political methods, to authoritarianism. In the last period, what have we got? A process in which transnational companies, Monsanto, Bunge, Cargill, Syngenta, come to Brazil and get associated to capitalist farmers, establishing a new model of production in the agriculture, which is the agribusiness. (...) Then, the society, because of the power of agribusiness over media, with advertisings that created a perspective that the agribusiness is modern, that it produces, it exports, it supports the Brazilian economy; the society looks to agribusiness and say ‘it is good’. Now those who are old-fashioned are the ones fighting for redistributing the land, those



who do not produce anything, because the media do not give any space for diffusing our production experiences.

Digital technologies come with another wave of hope in this sense (Cardon, 2010; Castells, 2012). Some of the media activists interviewed talk about a “revolution of the filters”, referring to the possibility of broadcasting a message by oneself, without passing by any gatekeeper, as newsrooms journalists are regularly described in the literature for their power over the decision of what become news. Some mention the possibility of reaching people far away without needing to make important investments in broadcasting equipment (Gonçalves, 2013; Lara & Gheller, 2013; Rosembach & Zottis, 2013). For many, it represents an opportunity for passing along a message that otherwise would be confined into already engaged publics, as it was the case of the alternative media that flourished during the mobilizations of June 2013.

Community and alternative media keep a role of development and emancipation inside communities and groups, as presented above. It is important to consider, though, that, even if mainstream media still keep the place of central source of information, the introduction of digital technologies gives community and alternative media another condition. If the access to mass media is still problematic, digital media become mass media, as “a new space with a higher potential reach and the opportunity to broadcast unfiltered content” (Sartoretto, 2016, p. 49).

The journalists and media activists interviewed decided to intervene, putting pressure over mass journalism and developing practices to get other voices louder. In this path, they may be contributing to one of the requirements proposed by Muhlmann, that involves decentring, i.e., researching permanently the otherness (Muhlmann, 2004). The results seem to be very positive regarding the case of the Journeys of June. The challenge would be to keep and enlarge this effect to regular collective actions promoted by social movements.

### FINAL CONSIDERATIONS

This article has showed the change in the narrative of a Brazilian mainstream newspaper regarding a massive series of social mobilizations during June of 2013. The analysis revealed two main moments of the covering. The first characterized by



a negative approach, where protesters were depicted as vandals and the repression of police, justified. The second moment brought up a mix of predominantly neutral and positive pieces, where the mobilizations were reported with more aspects and protesters started to figure as citizens searching for their rights.

The actions of alternative media, especially those structured upon digital technologies, can be depicted as a major element in this evolution, following an international trend in the context of social protest. They provided alternative perspectives and supported a popular engagement. At the same time, these dynamics triggered a reflection among the protesters themselves regarding the central role of media in the organization of society and, consequently, about the democratization of media. Actors already involved in community and media practices agreed with new media activists about the importance of improving actions in this field.

The Journeys of June opened a debate, or at least a conversation, around the role and the practices of journalism in particular, and media in general, in the Brazilian society. The mass media behavior regarding the demonstrations served as a confirmation for those who were already mobilized around the right to communication issue and invited other actors to take part in the discussion, especially the youth, who was directly involved in the events<sup>11</sup> and felt betrayed for what was being showed by media.

And if the Journeys of June have triggered this debate, they have done it by highlighting new narratives and actors. Considering the size and the social and cultural diversity of a country like Brazil, we may be focusing a reform that does not touch mass media exclusively, but that is rescuing the role of local, regional, community and alternative media. They could be better considered in this tension of permanently reconstructing a common and feeding the conflict necessary to the democracy.

In this process, we could agree with Muhlmann that visibility is a main issue, but we should also take into consideration the new context where the digital technologies can play a role both as a platform for legitimating other actors as sources of information – and maybe as a complement for the traditional journalism – and as an actor that can influence the practices of the old media as well. Taking the journalism as a space of power and knowledge, with the author, we assume that its limits – and con-

---

11 “According to Folha de S. Paulo, 84% of the protesters from São Paulo in 17 of June did not have preference to any political party, for 71% this was the first time they took part of a protest and 53% were under 25 years old.” (Secco, 2013, p. 71)

sequently those of the public sphere – can be treated, and maybe restored, by more journalism, more perspectives and more curiosity, presuming that community and alternative media play an important role in this process.

## REFERENCES

- Barker, M. (2008, April 22). *Mass media and social movements*. Retrieved from <http://www.globalresearch.ca/mass-media-and-social-movements/8761>
- Bringel, B., & Pleyers, G. (2015). Les mobilisations de 2013 au Brésil : vers une re-configuration de la contestation. *Brésil(s). Sciences humaines et sociales*, 7(mai), 7-18.
- Cardon, D. (2010). *La démocratie Internet*. Paris: Seuil.
- Castells, M. (2012). *Networks of outrage and hope. Social movements in the Internet age*. Cambridge: Polity.
- Castells, M. (2013). *Communication Power*. United Kingdom: Oxford University Press.
- Cefaï, D. (1996). La construction des problèmes publics. Définitions de situations dans des arènes publiques. *Réseaux*, 14(75), 43-66.
- Coletivo Nigéria. (2013, July 26). *Nigéria Audiovisual*. Retrieved November 03, 2013, from Youtube.com: <http://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s>
- Ekman, P. (Director). (2009). *Levante sua voz* [Motion Picture].
- Entman, R. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58.
- Festa, R. (1984). Comunicação popular e alternativa: a realidade e as utopias. *Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)*, 290. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior.

- Folha de S.Paulo, J. (2013, June). *Folha.com*. Retrieved January 07, 2014, from Acervo Folha: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/>
- Foucault, M. (1994). *Dits et Écrits 1954-1988* (Vol. III). (D. Defert, & F. Ewald, Eds.) Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1994). Le philosophe masqué. In M. Foucault, D. Defert, & F. Ewald (Eds.), *Dits et Écrits 1954-1988* (Vol. IV, pp. 104-110). Paris: Gallimard.
- Galindo, L. (2016). La red como cronotopo: Internet y prácticas políticas en el Movimiento Estudiantil Colombiano Mane y Occupy São Paulo. *Observatorio*.
- Gerbaudo, P. (2012). *Tweets and the streets*. London: Pluto.
- Gimenez, G. (1984). Notas para uma teoría de la comunicación popular. In *Que es la comunicación popular y alternativa?: Dos documentos para discusión* (2nd ed., Vol. 1). ECO Servicio de documentación: comunicación y solidaridad.
- Gitlin, T. (1980). *The whole world is watching: Mass media in the making & unmaking of the new left*. Los Angeles: University of California Press.
- Gonçalves, C. V. (2013). Em Itapipoca “Web Rádio São Francisco.com” comunica, forma e divulga. 8º *Mutirão Brasileiro de Comunicação*. Natal (RN).
- González, J. (2014). Researching and Developing Cybercult@: Emerging Local Knowledge Communities in Latin America. In T. Askanus, & L. Stubbe Ostergaard, *Reclaiming the Public Sphere: Communication, Power and Social Change* (pp. 26-46). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- González, J. A. (1990). *Sociología de las culturas subalternas*. Mexico: UABC.
- Grupo Folha. (n.d.). *Conheça a Folha de S.Paulo*. Retrieved May 28, 2014, from Folha de S. Paulo: [http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca\\_a\\_folha.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_a_folha.shtml)
- Gumucio-Dagron, A., & Tufte, T. (2006). *Communication for Social Change. Anthology: historical and contemporary readings*. New Jersey, USA: Communication for Social Change Consortium.
- Habermas, J. (2006). Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research. *Communication Theory*, 16, 411-426.

- Habermas, J. (2012). *Teoria do Agir Comunicativo - Tomo 1: Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: Martins Fontes.
- Honneth, A. (1995). *The struggle for recognition. The moral grammar of social conflicts*. Oxford, UK: Polity Press.
- Lara, R. S., & Gheller, S. (2013). Webradio Migrantes: Canais em português e espanhol dão visibilidade para os coletivos de imigrantes latino-americanos. 8º *Mutirão Brasileiro de Comunicação*. Natal (RN).
- Lecomte, R. (2013/5). Expression politique et activisme en ligne en contexte autoritaire. Une analyse du cas tunisien. *Réseaux* (181), 51-86.
- LEMEP, L. d. (2016, August 10). *Metodologia*. Retrieved from Manchetômetro: <http://www.manchetometro.com.br/metodologia/>
- Lima, V. A. (2006). Uma iniciativa fundamental. In I. C. Social, *Vozes da Democracia: histórias da comunicação na redemocratização do Brasil* (pp. 12-15). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; INTERVOZES: Coletivo Brasil de Comunicação Social.
- Lima, V. A. (2013). Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In E. Maricato [et al], *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (pp. 89-94). São Paulo: Boitempo: Carta Maior.
- Lundby, K. (2009). *Mediatization. Concept, changes, consequences*. New York: Peter Lang.
- McQuail, D. (1994). *Mass communication theory: An introduction* (3rd ed.). Thousand Oaks: Sage.
- Miguel, L. F. (2014). *Democracia e Representação. Territórios em Disputa*. São Paulo: Editora Unesp.
- Miguel, L. F., Biroli, F., & Duailibe, K. (2013). O lugar do pobre no jornalismo brasileiro. 5º *Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Política*. Curitiba, PR.
- Muhlmann, G. (2004). *Du journalisme en démocratie*. Paris: Éditions Payot & Rivages.

- Müller, L. (2014). *Comparing Mass Media in Established Democracies. Patterns of Media Performance*. UK: Palgrave Macmillan.
- Navarro, E. F. (2016). How is social media contributing to subjectivity in authoritarian societies? The case of #YoSoy132 in Mexico. *Observatorio*.
- Nelson, T., Clawson, R., & Oxley, Z. (1997). Media framing of a civil liberties conflict and its reflects on tolerance. *American Political Science Review*, 91(3), 567-583.
- Otre, M. A. (2015). A pesquisa acadêmica sobre comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil: análise de dissertações e teses produzidas em programas de Pós-Graduação em Comunicação entre 1972-2012. *Tese (Doutorado em Comunicação Social)*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior.
- Paiva, R., Malerba, J. P., & Custódio, L. (2013). “Comunidade gerativa” e “comunidade de afeto”: Propostas conceituais para estudos comparativos de comunicação comunitária. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 12(24), 244-261.
- Passe Livre SP, M. (2013). Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In E. Maricato [et al], *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (pp. 13-18). São Paulo: Boitempo: Carta Maior.
- Peruzzo, C. (1998). *Comunicação nos Movimentos Populares*. Petrópolis: Vozes.
- Peruzzo, C. (2006). Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Brasília, DF: Intercom : UnB.
- Peruzzo, C. M. (2008). Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. *Palavra Chave*, 11(2).
- Pleyers, G. (2010). *Alter-Globalization. Becoming Actors in the Global Age*. Cambridge: Polity Press.
- Pleyers, G. (2018). *Movimientos sociales en el siglo XXI : perspectivas y herramientas analíticas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO.
- Ponce Lara, C., & Miranda, N. (2016). Redes de confianza online y flash mobs. *Observatorio*.

- Reese, S. (2001). Framing public life: A bridging model for media research. In S. Reese, O. Gandy, & A. Grant, *Framing public life* (pp. 7-31). Mahwah: Erlbaum.
- Reporters Without Borders / Intervezos. (2017). *Media Ownership Monitor*. Retrieved February 20, 2018, from Media Ownership Monitor Brazil: <https://brazil.mom-rsf.org/br/>
- Rodríguez, C., Ferron, B., & Shamas, K. (2014). Four challenges in the field of alternative, radical and citizens' media research. *Media, Culture and Society*, 1-17.
- Rosembach, C. J., & Zottis, J. (2013). Comunicação Comunitária Alternativa. 8º *Mutirão Brasileiro de Comunicação*. Natal (RN).
- Rovira, G. (2013). Activismo mediático y criminalización de la protesta: Medios y movimientos sociales en México. *Convergencia*(61), 35-60.
- Sartoretto, P. M. (2016). Between opportunities and threats – an analysis of Brazilian Landless Workers' movement experiences with new media technologies. *Observatorio*.
- Secco, L. (2013). As Jornadas de Junho. In E. Maricato [et al], *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (pp. 71-78). São Paulo: Boitempo : Carta Maior.
- Serpa, A. (2013). L'univers des radios communautaires à Salvador de Bahia. *Brésil(s) - Sciences Humaines et Sociales. Dossier: Hétérotopies urbaines*, 3, 89-108.
- Sousa Santos, B. d. (2007). Beyond abyssal thinking: from global lines to ecologies of knowledges. *Review*.
- Suzina, A. C. (2016). Digital resources in popular media practices in Brazil: strategies to reduce asymmetries in the public debate. *Observatorio (OBS\*) Journal* (nº 10, Special Issue. Media, Internet and Social Movements in the context of asymmetries), 11-34.
- Suzina, A. C. (2018). Popular media and political asymmetries in the Brazilian democracy in times of digital disruption. 482 p. Louvain-la-Neuve: Université catholique de Louvain.
- Suzina, A. C., & Pleyers, G. (2016). Media practices and the challenge of political asymmetries. *Observatorio (OBS\*)*, 10(ESPECIAL), 1-10.

- Treré, E. (2011). Studying media practices in social movements. *CIRN Prato Community Informatics Conference 2011*. Prato, Italy.
- TV Cultura, F. P. (2013, August 05). Programa Roda Viva. São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Vieira Jr., V. (2007, October 08). *Oligopólio na comunicação: um Brasil de poucos*. Retrieved December 26, 2013, from Observatório do Direito à Comunicação: [http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com\\_docman&task=doc\\_details&gid=342&Itemid=99999999](http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=342&Itemid=99999999)
- Wolton, D. (2005). *Il faut sauver la communication*. Paris: Éditions Flammarion.

# A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

Naíde Müller

Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa - [134517001@alunos.lisboa.ucp.pt](mailto:134517001@alunos.lisboa.ucp.pt)

## Sumário

O ambiente digital trouxe novas e inesperadas formas de mobilização coletiva e de ativismo, mas a televisão continua a ser o meio privilegiado para ter acesso à informação da grande maioria dos cidadãos, em Portugal e na Europa. Partindo-se da análise do conteúdo noticioso das peças que os jornalistas identificam como sendo sobre ativistas e ativismo, ou seja, que usam as palavras “ativistas” e “ativismo”, na informação televisiva dos dois canais públicos da televisão portuguesa – RTP1 e RTP2 - no ano de 2017, foi possível aferir quais os assuntos cobertos e as causas com maior representatividade que são de âmbito internacional e relacionadas fundamentalmente com ques-

tões políticas e de direitos humanos. Sendo práticas sociais dotadas de uma grande mutabilidade as ações ativistas são também alvo de uma volátil projeção mediática, no entanto, foi possível observar que os programas informativos da televisão pública não destacam a ação dos grupos ativistas que praticam atos violentos, privilegiando ações concretas no terreno, cujos porta-vozes são os cidadãos comuns ao nível social micro. Os resultados possibilitam uma reflexão sobre qual o papel da televisão pública, num momento em que procura justificar a sua relevância, no alcance da massa crítica por determinados grupos minoritários.

**Palavras-chave:** Ativismo, televisão, causas, representações.

## The Representation of the Concept of Activism in the Information Programs of Public Television channels in Portugal

### Abstract

The digital environment has brought new and unexpected forms of collective mobilization and activism, but television remains the privileged medium to access information of the vast majority of citizens in Portugal and in Europe. Based on content analysis of TV news reports that journalists identify as being about “activists” and “activism”, news reports where

they use the words “activist” and “activism”, in the television information of the Portuguese public channels - RTP1 and RTP2 - in 2017, it was possible to determine which subjects were covered and the most representative causes that present an international scope and are fundamentally related to political and human rights issues. It was possible to obser-



ve that the public television news programs do not highlight the action of activist groups that practice violent acts. Special emphasis was placed on concrete actions on the ground, whose spokespersons are ordinary citizens at

the social micro level. The results allow a reflection on the role of public television, at a time when it seeks to justify its relevance, in helping certain minority groups to reach critical mass.

**Keywords:** Activism, television, causes, representations.

## INTRODUÇÃO

Recentemente têm-se verificado mudanças sociais significativas pelo facto de os ativistas contemporâneos passarem a poder organizar-se de forma global deixando de estar limitados aos seus locais de ação (Baer, 2016; Bennett, 2014; Castells, 2017; Earl & Kimport, 2011). Mas será que estas mudanças decorrentes do ativismo digital resultam em ferramentas efetivas para exponenciar ao máximo o poder da imaginação dos ativistas contemporâneos e a sua capacidade de intervir na mudança social? Se, por um lado, alguns autores defendem que estamos a assistir a um revivalismo de algumas formas de ativismo com o cultivo de fortes narrativas criativas sobre temas tão diversos como o combate à pobreza, poluição, racismo, com foco no clima e na justiça económica e social (Cardoso, Costa, Coelho, & Pereira, 2015; Jordan, 2002; Jouët, 2018), por outro lado, o ativismo *online* tem sido criticado por não ser seguido ou complementado por formas de participação offline e muitas vezes rejeitado como *clícativismo* ou *slacktivismo* (Gladwell, 2011; Halupka, 2014; Karpf, 2010; Morozov, 2009; Shulman, 2009), cumprindo supostamente apenas o desejo de auto satisfação instantânea e tendo pouco ou nenhum impacto nos processos políticos reais e nas ações concretas dos cidadãos.

Também em Portugal se têm verificado mudanças sociais decorrentes da era da “comunicação em rede”, com o ambiente digital a trazer novas e inesperadas formas de mobilização coletiva e de ativismo (Campos, Viera, & Mendonça, 2016; Cardoso, et al., 2015). Mas a televisão continua a ser o meio privilegiado da grande maioria dos cidadãos, em Portugal e na Europa, para ter acesso à informação (Burnay e Ribeiro, 2016; EB88, 2017) e os noticiários televisivos influenciam fortemente, pela sua

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

representatividade, a construção e orientação da opinião pública (Brandão, 2010, p. 134).

Partindo-se da análise do conteúdo noticioso das peças que os jornalistas identificam como sendo sobre ativistas e ativismo, na informação televisiva dos dois canais públicos da televisão portuguesa – RTP1 e RTP2 –, no ano de 2017, este artigo explora as associações que são feitas aos conceitos nos espaços informativos do serviço público de televisão e procura pistas sobre quem são os ativistas representados, que espaço ocupam, que causas defendem e sobre a atual imagem mediática televisiva a eles associada e transmitida aos públicos.

### O CONCEITO DE ATIVISMO

Não existe uma definição universalmente reconhecida de ativismo e, apesar de ser um conceito amplamente utilizado em vários contextos, a literatura sobre este tópico, de um ponto de vista conceptual, é escassa. Etimologicamente a palavra ativismo é recente, surge no século XX, utilizada em contextos apolíticos e mais associada a questões metafísicas (Joyce, 2014). Na Europa, o termo foi usado para se referir ao “mundo físico de nações, poder e política” sendo que, no discurso sobre a Primeira Guerra Mundial, o ativismo foi usado por um jornalista britânico para descrever o apoio ativo à Alemanha. Nos anos 30, o termo continuou a denotar um envolvimento com a vida pública, mas não apenas em contextos políticos, uma vez que os educadores usaram o termo ativismo para se referirem à defesa de uma nova filosofia pedagógica. Durante os anos da Segunda Guerra Mundial a palavra ativismo é pouco mencionada, mas, na década de 1950, surgiu uma definição de ativismo que combinou a conotação do início do século XX de “crença política apaixonada” e a conotação da era progressiva do envolvimento pessoal na transformação social (Joyce, 2014, p.15). O conceito adquire os contornos contemporâneos passando a significar o “envolvimento pessoal em atividades que trazem transformação política e social”, sendo que os investigadores da década de 60 construíram os seus estudos sobre este significado (Joyce, 2014, p. 16).

A definição de ativismo da *Enciclopédia do Ativismo e da Justiça Social* diz-nos que “o ativismo é uma ação em nome de uma causa, que vai além do que é convencional ou rotineiro” (Martín, 2007, p. 19). De um ponto de vista histórico o ativismo desempenhou um papel importante no fim da escravidão, desafiando as ditaduras,

protegendo os trabalhadores da exploração, protegendo o meio ambiente, promovendo a igualdade para as mulheres, opondo-se ao racismo e a muitas outras questões importantes, no entanto, o ativismo também pode ser usado para outros objetivos como atacar minorias ou promover a guerra, pelo que o ativismo não é necessariamente algo bom ou mau. Tudo depende da causa, das ações e da apreciação de cada indivíduo sobre aquilo que “vale a pena” defender (Martin, 2007, p. 19).

A ação ativista vai, habitualmente, além da política convencional, no entanto, quando são criados partidos políticos para promover causas especiais, tais como partidos trabalhistas em muitos países nos séculos XIX e XX ou partidos verdes a partir da década de 1960, o ativismo transforma-se em política convencional passando a operar “lado a lado”. O que conta como ativismo depende do que é convencional. Em sociedades nas quais a liberdade de expressão é respeitada e protegida, fazer queixas do governo é uma ocorrência rotineira. Mas numa ditadura tais queixas podem ser vistas como subversivas podendo os responsáveis ser punidos. Normalmente são aqueles que detêm menos poder na sociedade que recorrem ao ativismo uma vez que aqueles que detêm posições de poder e influência podem geralmente alcançar os seus objetivos através dos meios convencionais (Martin, 2007, pp. 19-20).

Tim Jordan (2002) afirma que as batalhas políticas tradicionais estão a ser substituídas por práticas coletivas que originam diferentes tipos de um novo ativismo político, contrariando as escolas de pensamento que afirmam que a cultura ocidental nunca foi politicamente mais apática. Nesta perspetiva, as sociedades do século XXI estão a gerar novos significados sobre o que é “uma vida boa” e esses novos significados estão a ganhar autoridade e a afetar o quotidiano (Jordan, 2002, p. 8).

O que separa o ativismo de outros tipos de ação coletiva, como partilhar a mesma sala de cinema, é a solidariedade que une os ativistas em torno do objetivo comum de alcançar mudanças na procura de novos valores para as sociedades do futuro. Historicamente, o conceito tem estado muito associado à ação conjunta com a motivação de alcançar mudanças políticas. Sendo que o próprio conceito de ação política incorpora diversas dimensões e uma vasta série de ações estando também a sofrer alterações nas sociedades ocidentais, algumas relacionadas com a habitual distinção de esquerda, centro e direita, que se tem apresentado como problemática quando apresentada às novas gerações enquanto separação ideológica estanque (Jordan, 2002). Por outro lado, o ativismo é muitas vezes confundido enquanto componente de uma cidadania ativa, sendo remetido para formas mais amplas de envolvimento com a comunidade, apesar de este envolvimento não possuir muitas vezes uma natureza

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

ativista, funcionando apenas para abrir espaço para projetos comunitários dentro dos critérios definidos para um bom *status* de cidadania (Kennelly, 2009, pp. 135-145).

As diferentes abordagens e definições do ativismo estão relacionadas com o facto de o “ativista” representar uma “identidade negociada”. Pesquisas anteriores fornecem pistas sobre como os atores de movimentos ativistas contestam as definições e desafiam a autoidentificação sobre que é ser “ativista” (Bobel, 2007; Corrigan-Brown, 2012; Gamson, 1995). Para auxiliar na compreensão das construções culturais concorrentes sobre o que é um “ativista” e o que eles fazem, as descobertas de Cortese (2015) permitiram a criação de três tipos de “ativistas” - Empáticos, Reconciliadores e os Demarcadores. Os Empáticos definem “ativista” de formas muito positivas e identificam-se com um tipo ideal de ativista. Estes atores dos movimentos geralmente definem um padrão de ativismo na organização e são os líderes que têm uma profunda dedicação aos objetivos e resultados do movimento. Os Reconciliadores constroem uma nova definição de “ativista” com o objetivo de conciliar a sua dedicação à missão do movimento, apesar da sua incapacidade de alcançar um “padrão perfeito” de ativismo. Os Reconciliadores estabelecem os seus próprios padrões de ativismo para que quase tudo o que fazem os qualifique como “ativista”. Os Demarcadores têm definições claras sobre o que é um “bom ativista” e um “mau ativista”, identificando-se entre os bons, e definindo uma fronteira objetiva entre ativistas. Agem como uma espécie de sentinela para se demarcarem do “mau ativismo” ou “ativismo radical” e usam esta demarcação para gerir perspectivas e táticas divergentes nos grupos ou movimentos onde se inserem (Cortese, 2015, p. 217).

Existem também vários métodos de ativismo. Gene Sharp (2005) divide os métodos de ação não violenta em três tipos principais. Primeiro, os métodos de *protesto e persuasão* que vão além do comportamento convencional, como discursos, slogans, cartazes, protestos, vigílias, cantos, marchas e palestras. O segundo tipo de ação não violenta é a *não-cooperação*, desobediência aos costumes sociais, emigração de protesto, boicote dos produtores, retiro de depósitos bancários, embargo comercial internacional e uma ampla variedade de greves. O terceiro tipo é a *intervenção*, incluindo ocupações não-violentas, teatro de guerrilha, jejum e a criação de instituições económicas e políticas alternativas (Sharp, 2005, pp. 25-30). Entre a ação não violenta e a luta armada está a violência contra objetos físicos como, por exemplo, a sabotagem de oleodutos ou de plantações geneticamente modificadas (Martin, 2007, p. 21).

Os métodos de ativismo continuarão a evoluir juntamente com as oportunidades políticas e os desenvolvimentos culturais e tecnológicos. Para desafiar a cultura

consumista, por exemplo, surgiu uma nova prática denominada *culture jamming*, que envolve uma transformação dos símbolos convencionais, como os usados em campanhas publicitárias, para criar uma mensagem nova, subversiva e de confronto (Klein, 2002, p. 201). O aumento do ativismo anticorporativo ou *antibranding* está relacionado, essencialmente, com fortes preocupações económicas e humanas e com a “quebra de promessas das marcas” (Klein, 2002, p. 201). Os protestos criativos surgem aqui como uma necessidade de “reforçar a estética das manifestações”, numa tentativa de reduzir a carga estereotipada em torno dos movimentos e fazer com que as suas mensagens cheguem a públicos que de outra forma seriam inalcançáveis. Para isso são necessárias estratégias de comunicação integradas, com recurso a práticas das áreas do Marketing, Publicidade, Design e Relações Públicas que partilham um “lado artístico-transgressor” (Assis, 2006, p. 5). O ativismo *online*, denominado de *ciberativismo*, é outra das novas formas de ativismo e envolve a utilização da Internet para comunicar e organizar ações tradicionais. Não obstante o reconhecimento do potencial destas formas de ativismo, têm surgido perspetivas cétricas sobre a capacidade da Internet e dos *media* sociais para fortalecer a democracia e servir como plataformas para a participação política (Fuchs, 2013, p. 10).

### **Media e Democracia**

No momento atual de rápidas e constantes mudanças torna-se necessário examinar a forma como os estudos de *media* podem contribuir para procurar respostas para os dilemas éticos, políticos e sociais sempre em expansão. Não estando os estudos de *media* dissociados da cultura podem abordar esses dilemas perguntando, entre outras questões importantes e relevantes: Quem são os grupos e/ou indivíduos que estão ativamente envolvidos nas questões sociais urgentes atuais e de que forma eles ocupam, ou procuram ocupar, o espaço público na sua função de resistência a forças culturais mais amplas e estabelecidas? O presente artigo pretende ser um contributo para este debate, partindo do pressuposto de que, numa democracia saudável, a esfera pública exige que os dilemas sociopolíticos urgentes sejam objeto de contestação pública vigorosa como a fornecida por grupos ativistas (Benhabib, 1996).

Não é possível conhecer um país sem pensar nas suas revoluções. O historiador André Canhoto Costa (2019) recorda-nos que cultural e historicamente Portugal “parece ter sido vítima de uma instabilidade permanente, gerando revoluções atrás de revoluções, nenhuma com profundidade suficiente para inverter o processo de pobreza relativa” na comparação com os países do Norte da Europa (Costa, 2019, p. 19). Mesmo

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

os vários movimentos que provocaram a erosão das hierarquias sociais têm-se revelado incapazes de gerar lideranças que façam com que as revoluções em Portugal atinjam os níveis de mudança social profunda alcançada por países como a França, Inglaterra ou os EUA. O autor apresenta, no entanto, a imprensa como o “instrumento da comunicação da efervescência das ideias que é fundamental para quebrar hábitos e conceitos antigos ou tradicionais” (Costa, 2019, pp. 39-42).

Quando falamos de meios de comunicação não falamos apenas de tipos de tecnologia e partes dos conteúdos que escolhemos, falamos de uma visão que reconhece que as utilizações e apropriações dos *media* penetram todos os aspetos da vida contemporânea (Deuze, 2011, p. 137). Sobre as dinâmicas dos pesos e contrapesos existentes no espaço público, que são ampliadas ou silenciadas através dos *media*, Elisabeth Noelle-Neumann (1974) defendeu que os que detêm as opiniões majoritárias no espaço público tendem, mesmo que indiretamente, a silenciar os que detêm as opiniões minoritárias que, por receio de represálias, acabam por não expor as suas ideias. De acordo com o mecanismo psicológico e social denominado “Espiral do Silêncio”, os meios de comunicação de massa “devem ser vistos como criadores de opinião pública uma vez que fornecem o contexto ambiental ao qual as pessoas respondem com espontaneidade, concordância ou silêncio” (Noelle-Neumann, 1974, pp. 43-51). Para além disso, a autora salientou repetidamente a natureza dinâmica da opinião pública que, sendo limitada no tempo e no espaço, só está suscetível aos efeitos da espiral do silêncio durante um período de tempo (Noelle-Neumann, 1974, pp. 43-51). No âmbito da literatura que investiga a teoria da Espiral do Silêncio no contexto digital tem-se sublinhado que, mudanças na perceção do clima de opinião influenciam a predisposição das pessoas para expressar opiniões minoritárias (Matthes, 2015, pp. 155-156). De referir que os estudos sobre a observação dos pressupostos desta teoria no ambiente digital têm sugerido que as condições oferecidas facilitam a disponibilidade das pessoas para se manifestarem, parecendo diminuir o medo do isolamento, associado muitas vezes ao anonimato. No entanto, existem também evidências de que, apesar dos indivíduos parecerem estar mais dispostos a expressar suas afiliações políticas *online*, as discussões neste contexto são fortemente irracionais (Malaspina, 2014, p. 2).

Do ponto de vista do discurso democrático e de uma república participativa, a economia da informação em rede oferece uma verdadeira reorganização da esfera pública (Benkler, 2006, p. 465). No entanto, isso não significa que as funções básicas dos *media* tradicionais, enquanto instituições pilar das sociedades democráticas,

deixem de ser de extrema importância, sendo vários os autores que alertam para os perigos reais e inerentes a um discurso e a uma percepção excessivamente otimista sobre os novos *media* e o que eles representam para as mudanças sociais em torno dos valores democráticos (Couldry, 2004; Curran, 2012; Sandoval & Fuchs, 2010).

Tal como com o aparecimento da imprensa, a euforia da Internet nos anos 90 previa uma oportunidade para a marcha da democracia e que os ditadores iam cair porque a Internet inspirava e reclamava liberdade, mas muitos governos autoritários pelo mundo obtiveram, na prática, melhores ferramentas para censurar e alterar os conteúdos do que aquilo que os otimistas dos *media* digitais puderam prever (Curran, 2012; MacKinnon, 2011). Pelo que, sobre as ‘afirmações apocalípticas’ acerca desta matéria importa recordar que os novos e os velhos *media* estão a ‘conviver’ nas sociedades contemporâneas de forma articulada, com os novos a complementar os velhos (Ribeiro, 2015, p. 212).

Como resultado do desenvolvimento da indústria de tecnologias emergentes de *novos media*, a relação entre a televisão, a vida quotidiana e as audiências foi alterada gerando novos conceitos como o de “televisão *transmedia*” que se refere à “prática (...) de utilização de várias tecnologias de *media* para apresentar informação relativa a um único universo ficcional através de uma variedade de formas textuais” (Evans, 2011, p. 1).

Sobre a pertinência de se investigar a televisão neste contexto social e comunicacional, importa realçar que embora existam perspetivas que acreditam que a reconfiguração mediática trazida pelo ambiente digital fará com que a televisão deixe de ser, no curto ou médio prazo, um meio de comunicação social relevante, principalmente entre os mais jovens, as evidências apontam para um cenário de complementaridade (Vicente, 2016).

Apesar de se prever até 2023 um declínio na indústria tradicional de televisão por assinatura no mercado norte-americano (o maior do mundo), devido à ascensão do *streaming*, à incapacidade dos emissores públicos para alcançar aumentos significativos nas receitas e aos fortes desafios de competitividade colocados a outros *players* historicamente fortes (Global Entertainment & Media Outlook 2019 – 2023), o que compromete o seu domínio quase absoluto no mercado, a televisão continua a ter uma “grande centralidade na vida social (usos do tempo, costumes e partilha social) e económica (peso no bolo publicitário, canal de distribuição para as indústrias criativas)”, continuando a ser o “ícone dos *media* tradicionais por excelência” (Cardoso et al., 2016, p. 9).



## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

A televisão em Portugal de uma forma geral, e os canais generalistas em particular, procuram adaptar-se à conjuntura de convergência dos *media* e de transformação tecnológica, sendo que o seu estudo continua relevante quer pelas incertezas decorrentes da digitalização, quer pelo impacto que estas mudanças têm na reorganização do setor e nas novas práticas de consumo audiovisual (Cardoso, Mendonça, Paisana, Lima, & Caldeira, 2017; Sobral, 2012).

Para além de continuar a ser o meio privilegiado da grande maioria dos cidadãos, em Portugal e na Europa, para ter acesso à informação (Burnay & Ribeiro, 2016; EB88, 2017; Cardoso et al., 2017; Gonçalves, 2015), a análise da evolução dos consumos nos últimos 17 anos, indica que, a par do crescimento progressivo do Cabo, no *Prime-time* (horário nobre), destaca-se o crescimento dos géneros temáticos “Informação”, “Séries” e “Entretenimento” (Cardoso et al., 2017, p. 26). De destacar também que o género “Informação” aumentou audiências na SIC, TVI e no Cabo, sendo que perdeu audiências em ambos os canais públicos RTP. Globalmente, foi o género que subiu audiências em mais canais, reforçando a preferência do público português pelo género informativo em televisão (Cardoso et al., 2017, p. 35). Não obstante a televisão continuar a ser o principal recurso para consumo de notícias, as redes sociais têm surgido como a “segunda plataforma noticiosa” mais importante em termos gerais, revelando a expressividade das mudanças operadas pelo digital (Gonçalves, 2015, p.26) principalmente entre as faixas etárias mais jovens. As evidências apontam para a existência de fortes disparidades geracionais nas práticas de consumo, com as gerações mais velhas a privilegiarem assistir televisão na sala de estar, por oposição às gerações mais jovens que, mesmo mantendo uma afinidade muito elevada com a televisão, diversificam os locais de acesso a conteúdos audiovisuais bem como os dispositivos (Burnay & Ribeiro, 2016, p. 10).

Por outro lado, tem sido possível traçar certas tendências que indicam uma diminuição, de modo geral, do interesse dos jovens por notícias, com acessos cada vez mais pontuais e por breves períodos de tempo, a privilegiarem assuntos sobre entretenimento, celebridades, desporto, moda, ciência e tecnologia, enquanto os assuntos menos acedidos pelos jovens se referem a questões políticas e económicas. Reconhece-se como necessária a investigação centrada nesta questão e na promoção e construção de valores e identidades que permitam aos jovens “um maior sentido de pertença e participação na vida cívica” (Merlo & Pereira, 2016, p. 95).



## A RELEVÂNCIA DO SERVIÇO PÚBLICO DE TELEVISÃO

Embora o conceito de televisão pública tenha uma longa história na Europa, continua a ser um fenómeno de difícil descrição em termos simples e não ambíguos, uma vez que o leque de respostas possíveis é, desde logo, restringido por um clima ideológico que contrapõe o favorecimento da regulação do mercado, com visões mais tradicionais de política cultural, destinadas a proteger e defender a radiodifusão pública.

Pode dizer-se, no entanto, que este serviço representa um modelo específico de gestão de *media*, que prevê um conjunto de intervenções políticas no mercado mediático, ao nível dos apoios, do inventário de obrigações e das estruturas de controlo, com o objetivo de assegurar que os organismos de radiodifusão públicos produzem conteúdos de valor para a sociedade. Historicamente as características que definem estes conteúdos são: a) Cobertura universal; b) Diversidade e qualidade da programação, incluindo satisfação das necessidades dos cidadãos, orientação para objetivos de natureza cultural, atenção a minorias e a grupos específicos, pluralismo e imparcialidade da informação; c) Proteção da cultura e da identidade nacionais, com uma programação que contemple a arte e a cultura, encarando os públicos mais na qualidade de cidadãos do que na de consumidores (Brandão, 2010; Serrano, 2010, p.6; Syvertsen, 2003, p. 157).

O debate quanto à utilidade do modelo de serviço público de radiodifusão implica diversos argumentos e níveis de complexidade (que não seria possível analisar em profundidade neste artigo), a que vêm juntar-se as mudanças introduzidas pela convergência tecnológica e económica. São apontadas vulnerabilidades ao serviço público relacionadas com o facto de os conteúdos, “*on demand*”, poderem ser disponibilizados através de qualquer plataforma o que vem desafiar o seu estatuto de regime especial e limites regulatórios, questionando os apoios públicos e o pagamento de impostos por conteúdos sujeitos a regras que pretendem assegurar a sua qualidade, mas que não atraem grandes audiências (Serrano, 2010, p. 15).

Ao longo da história e apesar das críticas ferozes ao serviço público de televisão, que têm introduzido alterações nos modelos com tendência a erradicar a tradicional distinção entre televisão “pública” e “comercial”, a capacidade das instituições e dos decisores políticos para se adaptarem a novas realidades tem sido crucial para a sobrevivência continuada de um sistema regulado publicamente (Syvertsen, 2003, p. 159).

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

Entre os argumentos que justificam o modelo de serviço público encontram-se as visões relacionadas com questões de cidadania e de participação, fundamentais para este trabalho. Se a radiodifusão for considerada um bem público devido às suas características de não-exclusão e de não-rivalidade, perante a transmissão de conteúdos populares pelos *media* privados, o fornecimento de conteúdos educativos, informativos ou de entretenimento de qualidade é altamente desejável e deve ser garantido pelos *media* públicos (Brandão, 2010; Pinto, 2005; Santos, 2013, pp. 138-139; Trappel et al., 2011).

Para se diferenciar como realidade específica a televisão de serviço público tem de se assumir como “instituição da sociedade, agindo em estreita relação com as outras instituições, vocacionada para lhes dar vez e voz, sem estar condicionada pelas exigências do sucesso, embora também não as enfeitando” (Pinto, 2005, p. 15). No entanto, a exigência deste posicionamento coloca este serviço perante um dilema sem soluções fáceis, sendo que, no futuro, o desafio para os radiodifusores regulados publicamente será convencerem as autoridades políticas que representam uma alternativa valiosa à radiodifusão comercial, com conteúdos de qualidade e na aposta da capacitação informativa e democrática dos cidadãos, ao mesmo tempo que apresentem resultados suficientemente amplos e populares para atrair audiências (Syvertsen, 2003, p. 170).

Apesar de os *media* serem determinantes na conceção democrática da sociedade, a sua evolução recente não tem sido no sentido de tornar os cidadãos mais conscientes e críticos dos problemas que os rodeiam, no sentido em que a crescente competitividade da oferta subjacente ao desenvolvimento tecnológico e os seus impactos nas práticas jornalísticas, não têm necessariamente bons resultados culturais, cívicos ou mesmo qualitativos. Argumenta-se que, se a finalidade central de qualquer operador privado é o lucro, a sua prioridade não pode ser a de alargar os horizontes das pessoas, integrando em simultâneo as componentes de inovação e de risco económico que isso representa, e que é aqui que o serviço público, enquanto investimento para além dos valores do mercado, continua a encontrar justificação (Santos, 2013, p. 145-146).

Com as fronteiras entre “o jornalismo e as formas confessadamente persuasivas do discurso mediático” cada vez mais diluídas, (Brandão, 2010, p.164), as “teorias da conspiração” ligadas à perceção de exclusão do poder político (Moore, 2017) a minar a deliberação democrática e a promover o “ciclo vicioso de cinismo” (Einstein & Glick, 2013) e a denominada crise de desinformação, que representa o outro

lado das sociedades digitais, com informações adulteradas a perturbar os processos eleitorais (Conspiracy & Democracy Project, 2018), o serviço público encontrará as motivações para se reinventar talvez até com maior consistência do que nas últimas duas décadas.

Partimos para a análise da representação do conceito de ativismo na emissora de serviço público de televisão em Portugal, assumindo a convicção de que os *media* devem contemplar, no caso dos privados, e privilegiar, no caso do público, a defesa dos interesses fundamentais dos cidadãos, em torno da noção de interesse público, enquanto interesse coletivo de uma sociedade quanto ao aperfeiçoamento do seu conhecimento e constituição cívica (Garcia, 1995, p. 367). Nesta ótica, a transferência de temas que habitam o dinâmico fluxo comunicativo do ambiente digital contemporâneo, onde a ação ativista encontra cada vez mais eco, para o serviço público de televisão, pode contribuir, por um lado, para inverter práticas e representações que tendem a ignorar a agenda dos movimentos ativistas (Hackett, 2000, p. 62), estimulando alguns grupos minoritários a alcançar a massa crítica necessária para obter determinadas mudanças sociais e, por outro, para investigar a veracidade daquilo que é considerado informação no ambiente *online*.

## METODOLOGIA DO ESTUDO

Foram identificados para este estudo todos os programas de informação transmitidos nos dois canais de televisão de serviço público portugueses – RTP1 e RTP2 – que utilizaram as palavras “ativismo” e “ativistas” no ano de 2017<sup>1</sup>. Ou seja, a presente análise incide sobre as peças que os próprios jornalistas identificaram como sendo sobre ativismo e ativistas, tendo usado estes termos especificamente na apresentação/relato das notícias. Para a escolha destes canais tivemos em consideração o facto de serem transmitidos em sinal aberto, sendo, dentro do universo do operador público, os que atingem um maior número de espectadores, segundo dados da audiometria CAEM / GFK. Na verdade, uma parte significativa da população considera que os canais de televisão generalistas oferecem “programas suficientes para a satisfação de suas necessidades informativas e recreativas” (Burnay & Ribeiro, 2016, p. 25). Ao analisarmos as notícias transmitidas na RTP1 e na RTP2 pretendemos responder às seguintes questões de investigação:

<sup>1</sup> Este levantamento foi realizado com apoio da Cision.

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

- Quantas vezes os programas de informação dos canais públicos de televisão portugueses (RTP1 e RTP2) referiram os conceitos de “ativismo” e de “ativistas” em 2017?

- Que causas, movimentos e representações são associadas ao conceito de ativismo nos programas de informação dos canais públicos de televisão (RTP1 e RTP2) em Portugal?

Para a análise de conteúdo foi realizada uma seleção das dimensões sobre as quais a pesquisa pretende incidir, tendo sido criadas uma **série de variáveis que serviram de estrutura à análise** categorial temática do conteúdo destas peças. O estudo empírico realizado por investigadores da Universidade de Amesterdão (Arbaoui, Swert, & der Brug, 2016), que efetuou uma análise de conteúdo a uma amostra de 29 noticiários diários em emissoras de televisão públicas e privadas de 14 sistemas de televisão, e a investigação de Nuno Goulart Brandão (2006, p. 151) aos noticiários televisivos portugueses representativos do ano de 2003 foram a base de sustentação metodológica deste trabalho, adaptada ao presente estudo, no que respeita à categorização de dados.

### VARIÁVEIS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO – QUANTITATIVAS

**Variável 1 – Notícias** - Esta variável analisa o número de notícias dos programas de informação dos dois canais generalistas portugueses de sinal aberto do serviço público de televisão português - RTP1 e RTP2 - que em 2017 referiram as palavras “ativismo” e “ativistas”.

**Variável 2 – Canal** – Esta variável examina o número de notícias publicadas por cada canal - RTP1 e RTP2.

**Variável 3 – Programa** – Esta variável analisa o número de notícias emitidas em cada programa de informação que os canais públicos apresentam nas suas grelhas de programação como informativos de âmbito nacional: Bom Dia Portugal (de Segunda a Sexta-Feira); Jornal da Tarde (diariamente); Portugal em Direto (de Segunda a Sexta-Feira); Telejornal (diariamente); Sexta às 9 (Sexta-Feira); Jornal 2 (diariamente).

**Variável 4 – Repetições** – Esta variável analisa o número de vezes que cada notícia é repetida.

## VARIÁVEIS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO - QUALITATIVAS

**Variável 5 - *Duração da Notícia*** – Esta variável analisa as durações e variações temporais das peças televisivas/notícias objeto de estudo.

**Variável 6 - *Posicionamento*** – Esta variável refere-se à localização que a notícia ocupa na ordem de emissão do programa de informação, à semelhança do que Brandão (2006, p. 158) realizou para a análise dos noticiários, numa lógica que permitirá aferir a relevância que o meio de comunicação em causa atribuiu à notícia, sendo que a notícia de abertura destaca os acontecimentos considerados mais relevantes no alinhamento da informação. No caso das notícias de televisão será analisado se a notícia se encontra no *início*, *meio* ou *fim* do programa em causa. No que respeita às características das notícias nos alinhamentos dos programas informativos, são privilegiados “os acontecimentos extraordinários sobre os ordinários, os excecionais sobre os quotidianos, os exclusivos sobre os comuns (...) de modo a que a audiência os possa valorizar” (Brandão, 2010, p. 96). Apesar da duração dos diferentes programas informativos apresentar variabilidades, não sendo consensuais as visões sobre os tempos atribuídos às temáticas dominantes, foram contabilizadas como fazendo parte do início, ou período de tempo até ao fecho da primeira parte dos programas, as peças que foram transmitidas nos primeiros 15 minutos. Foram contabilizadas como estando posicionadas no fim, ou no fecho do programa, as peças que foram transmitidas nos últimos 15 minutos e as restantes foram classificadas como estando no meio do programa.

**Variável 7 - *Sensacionalismo imagem audiovisual*** – Não foi analisada a presença de marcas de sensacionalismo na escrita por se entender que, a aplicação de todos os critérios definidos pelos autores do estudo “Sensacionalismo na cobertura de notícias: um estudo comparativo em 14 sistemas de televisão” (Arbaoui, et all., 2016) ao presente estudo poderia enviesar os resultados. Os autores construíram uma variável que indica tópicos de notícias sensacionalistas versus tópicos de notícias não sensacionalistas, de acordo com os seguintes critérios: As peças cuja história central foque temas como crime, corrupção, má conduta, violência, desastres, acidentes, terrorismo, sexo, drogas ou celebridades, serão consideradas sensacionalistas. Da mesma forma, sempre que o sujeito ou sujeitos atores das notícias, aquele ou aqueles sobre os quais recai a atenção central da história, forem cidadãos “comuns” (espectadores, testemunhas, vítimas e perpetradores) são definidos como itens de notícias sensacionais. Tratando a presente análise de peças de televisão que versam sobre questões

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

de protesto social, a probabilidade de todas as peças analisadas fazerem referência a estes temas seria elevada, sendo arriscado assumir que todas as peças que fazem referência a estes temas são sensacionalistas. Por este motivo e para não se aprofundar a discussão sobre o que são, ou não, conteúdos escritos sensacionalistas, uma vez que que não representa o foco direto do trabalho, a opção metodológica recaiu na análise de características mais evidentes relacionadas com a imagem audiovisual de acordo com os critérios definidos pelos autores do estudo referenciado enquanto suporte metodológico (Arbaoui et al., 2016, p. 8-9). Serão avaliadas nas peças de televisão características que estimulam o sistema sensorial humano como o uso de música de fundo na notícia; o uso de efeitos especiais em imagens (movimento lento, aceleração de movimento, repetição de efeitos visuais, close-ups, foco suave); e o uso de representação pictórica ou gráfica que não seja um auxiliar da notícia exclusivamente informativo (Arbaoui et al., 2016, p. 8-9). Esta variável apura se as notícias em análise integram os elementos sensacionalistas do ponto de vista da imagem audiovisual e tem duas possibilidades de categorização: *sim* ou *não*.

**Variável 8 – Causas** – Esta variável identifica o tipo de causas defendidas nas peças de televisão em análise: *Direitos humanos* – Nesta categoria enquadram-se todas as peças que refiram a defesa dos direitos que constam na Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948; *Direitos ambientais/da Natureza* – Nesta categoria são identificadas todas as notícias que se refiram aos direitos da natureza e à ética de proteção ambiental (Cullinan, 2011; Klein, 2014; Nash, 1989); *Direitos dos animais* – Nesta categoria enquadram-se todas as notícias que se refiram à proteção dos animais não humanos (Cavaliere, 2002; Singer, 2009). Sempre que as reivindicações ativistas apresentadas nas peças de televisão em análise não se refiram especificamente a nenhuma destas causas, a peça em questão será categorizada especificando o tipo de ação ativista em questão.

**Variável 9 - Tipo de Atores/Organizações ativistas** – Nesta categoria são agrupados os atores sociais presentes nas peças de televisão de acordo com o nível de organização e pode ter três opções de categorização: *No nível micro* - indivíduos ativistas que podem integrar redes de protesto ativadas pela multidão não estando ligados a nenhum tipo de organização de movimento social. *No nível meso* - estão os atores coletivos na organização das mobilizações, ou seja, formações coletivas em que alguns indivíduos se juntam para interagir numa base estável. *No nível macrossocial* - é possível agrupar os atores do movimento social coletivo de acordo com sua cultura

política, públicos-alvo, causas, objetivos e capacidade de influenciar mobilizações (Mattoni & Treré, 2014, pp. 256-257). Em cada um destes níveis serão também identificados os nomes das organizações ativistas. Sempre que a referência aos conceitos “ativismo” ou “ativistas” surja noutra contexto, como a referência indireta a ação ativista não relacionada com nenhuma ação proativa específica por parte de ativistas, organizados ou não, a peça será categorizada como Não se Aplica (NA).

**Variável 10 - Tratamento Geográfico** - Esta variável possibilita categorizar as notícias “predominantes no *plano nacional* e quais são as do *plano internacional*” (Brandão, 2006, p.157).

**Variável 11 - Tom/Valência** - Esta variável avalia “se a notícia contém uma valorização *neutra*, *sentido positivo* ou *negativo* em relação à ação dos ativistas, ou seja, correspondentes às chamadas: «notícias neutras», «notícias boas» ou «notícias más»” (Brandão, 2006, p.158).

**Variável 12 - Título/Tema** - Esta variável identifica o assunto da notícia. Tratando-se de notícias televisivas que não têm um título propriamente dito, identifica a temática concreta relatada na peça de televisão, recorrendo a abertura/introdução do tema ou à informação presente nas notas de rodapé, nos casos em que existam.

**Variável 13 - Porta-vozes das causas ativistas** - Esta variável identifica quem são os porta-vozes que explicam o que está em causa e quais as suas reivindicações. As opções de categorização são: *cidadão comum*; *especialista de fora da organização*, *especialista da organização*; *Porta-voz da organização (institucional)*; *figura pública ou Outro (voz off do jornalista na narração dos acontecimentos)*. A mesma peça de televisão pode incluir Porta-vozes em mais do que uma categoria.

**Variável 14 - Tipo de Ação ativista** - A análise desta variável pretende apurar qual o tipo de ação ativista que prevalece nas notícias em análise e tem as seguintes possibilidades de categorização: *Métodos de protesto e persuasão* - que vão além do comportamento convencional, como discursos, *slogans*, cartazes, protestos, vigílias, cantos, marchas e palestras; *não-cooperação* - desobediência aos costumes sociais, denúncia, emigração de protesto, boicote dos produtores, retiro de depósitos bancários, embargo comercial internacional e uma ampla variedade de greves; *intervenção* - ocupações não-violentas, teatro de guerrilha, jejum e a criação de instituições económicas e políticas alternativas (Sharp, 2005, p. 25-30); *violência contra objetos físicos e ação violenta* - Luta armada (Martin, 2007, p. 21).

**Variável 15 - Confrontos** - Esta variável analisa se as notícias de televisão que referem os conceitos de “ativismo” e de “ativistas” relatam e/ou mostram imagens de confrontos físicos/violência entre polícia/autoridades e manifestantes/ativistas.



## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

**Variável 16 – *Perfil*** – Analisa se a peça em causa se refere aos ativistas enquanto *vítimas, agressores* ou *é neutra* em relação a este critério.

**Variável 17 – *Online*** – Esta variável analisa se a notícia de TV faz referência a fontes de informação que tenham tido origem ou se tenham desenvolvido no ambiente digital, Redes Sociais, Sites, Blogues ou outros (devidamente identificados).

### ANÁLISE DE RESULTADOS

O primeiro objetivo foi quantificar quantas vezes os programas informativos dos canais RTP1 e RTP2 referiram os conceitos de “ativismo” e de “ativistas” em 2017, tendo sido obtidos os seguintes resultados:

Tabela 1

*Transmissão de programas dos canais públicos generalistas portugueses com e sem referência aos conceitos de “ativistas” e “ativismo” em 2017.*

Programa/Canal	Nº Emissões 2017	Nº programas sem ref/At.	% programas com ref/At.
Bom Dia Portugal (RTP1)	250	195	22%
Jornal da Tarde (RTP1)	365	340	6,80%
Telejornal (RTP1)	365	340	6,80%
Sexta às 9 (RTP1)	52	51	1,90%
Jornal 2 (RTP2)	365	350	4,10%

Os programas acima identificados dos canais públicos de televisão portugueses (RTP1 e RTP2) referiram os conceitos de “ativismo” e de “ativistas” 120 vezes em 2017, sendo que na RTP1 os conceitos foram referidos 106 vezes e na RTP2 foram contabilizadas 15 referências. O programa de informação matinal da RTP1 - Bom Dia Portugal - foi o que referiu mais vezes estes conceitos (55), sendo que apesar disso, do total de programas emitidos no ano de 2017 (250), 22% referiram as palavras “ativistas” ou “ativismo”. Do total de peças analisadas 43 foram originais e 77 foram repetidas pelos diferentes programas o que reduz o número total real de “histórias” com referência a estes conceitos. A **duração das notícias** varia entre os 23 segundos (mais curta) e os dois minutos e 41 (mais longa), sendo que a maioria (87) se encontra no meio dos programas informativos, 24 no início, e nove no fim. No que



respeita à variável **sensacionalismo na imagem audiovisual** nenhuma das notícias analisadas revelou estes indicadores, mesmo nas situações em que são mostrados cenários de conflitos e confrontos. As imagens refletem apenas os acontecimentos e não revelam tratamento adicional que as possa qualificar de sensacionalistas de acordo com os critérios definidos. No que respeita às **causas** defendidas, como demonstra a Figura 1, os Direitos Humanos foram a área que obteve maior número de referências nas notícias (57) seguida de referências a formas de ativismo político (31), ou seja, de protestos contra situações e escolhas políticas concretas como a situação do independentismo na Catalunha e escândalos de corrupção. Seguem-se os direitos do ambiente (19) e as peças em que era defendida mais do que uma causa, as peças que fizeram referência aos direitos dos animais foram cinco.

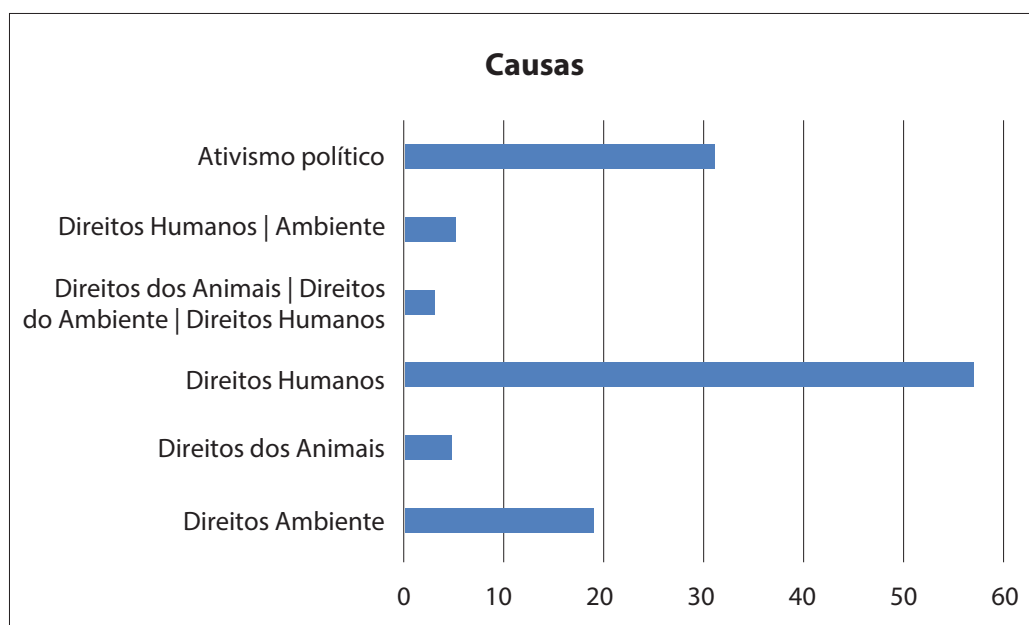


Figura 1. Tipo de causas defendidas nas peças de televisão em análise

No que respeita ao **Tipo de Atores/Organizações ativistas**, tal como demonstra a Figura 2, foi ao nível micro, com 41% das peças de televisão analisadas, que se detetaram mais referências. A este nível estamos a falar de indivíduos ativistas que integram redes de protesto não estando ligados a nenhum tipo de organização de movimento social. Cruzando esta variável com a variável tratamento geográfico é possível obser-

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

var que apenas quatro destas peças são de âmbito nacional, ou seja, das 49 peças que referem formas de ativismo não organizado, a grande maioria é de âmbito internacional. Das peças analisadas 31 referiam-se ao nível meso de organização, formações coletivas em que alguns indivíduos se juntam para interagir numa base estável e a este nível 13 das peças são de âmbito nacional. Já no nível macro, aquele em que é possível agrupar os atores do movimento social coletivo de acordo com sua cultura política, públicos-alvo, causas, objetivos e capacidade de influenciar mobilizações foram analisadas 37 peças, sendo que a este nível as referências de âmbito nacional aumentam significativamente, com apenas 7 peças de âmbito internacional, o que poderá ser um indicador de que é atribuída maior atenção mediática televisiva a iniciativas ativistas que resultem de movimentos organizados no tempo e no espaço. Ainda no nível macro foi possível identificar as seguintes organizações referidas nas notícias sobre ativistas e ativismo nos canais de televisão pública portuguesa em 2017: Amnistia Internacional (AI); Black Lives Matter; Campanha Linha Vermelha; Conselho Nacional dos Ativistas de Angola; Grupo de Ativistas em Tratamento (GAT); Greenpeace; Movimento Pró Tejo; Plataforma Espanhola de Toledo; Quercus; National Geographic; Zero.

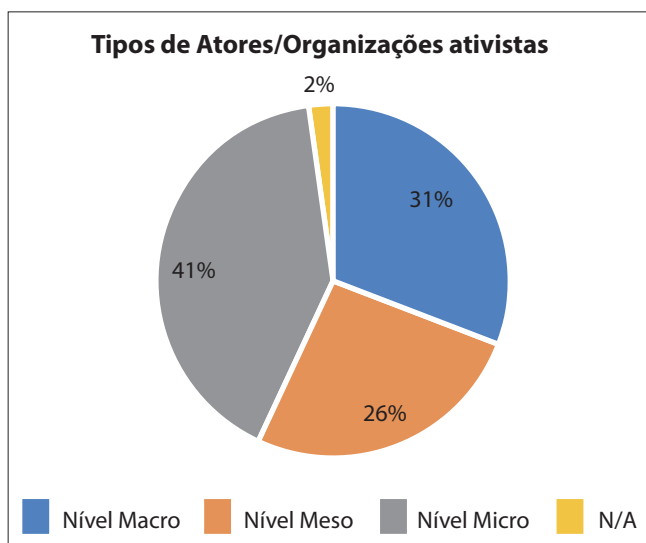


Figura 2. Tipo de Atores/Organizações ativistas representados nas peças de televisão em análise

No que respeita ao **tratamento geográfico** de destacar que a maioria das referências é de âmbito internacional (82) sendo que apenas 38 notícias se referem a iniciativas ativistas de âmbito nacional. Já a análise da variável **Tom/Valência** indica que as associações feitas aos ativistas presentes nas peças de televisão, nomeadamente através da *voz off* ou da locução, são maioritariamente positivas (94), o que sugere que a televisão apresenta, neste contexto, o modelo de jornalismo de “cão de guarda” que supervisiona as atividades das autoridades públicas em nome dos cidadãos (Dyck & Zingales, 2002; Serrin & Serrin, 2002), com 17 peças a apresentarem uma abordagem puramente neutra e apenas 9 das peças analisadas a apresentarem um tom negativo relatando confrontos com as autoridades ou com outros grupos ativistas e vandalização de monumentos. Os **assuntos** das notícias analisadas são apresentados na Tabela 2 com destaque para o processo independentista catalão com maior número de peças repetidas, seguido de manifestações contra cortes e falhas nos tratamentos da Hepatite A, de protestos contras as políticas de Donald Trump e manifestações contra a Guerra na Síria.

Tabela 2

*Título/tema das notícias e respetivas repetições nos programas e notícias em estudo*

Tema/Título	Nº Notícias
Tensão na Catalunha	14
Hepatite A - cortes e falhas nos tratamentos	12
Manifestações contra Donald Trump	8
Guerra na Síria	8
Detenções Membros AI na Turquia	7
Situação política em Luanda	7
Alterações climáticas em debate	6
Anti Energia Nuclear - Central de Almaraz	6
Direitos Humanos - China	5
Apoio a refugiados	4
Começou o Brexit	3
Manifestações em Israel	3
Manifestação anti racismo - Boston	3
Dia Mundial de Luta contra a Sida	3

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

Tabela 2 (continuação)

Tema/Título	Nº Notícias
Tensão na Venezuela - Protestos contra Maduro	3
Protesto contra os níveis de poluição no rio Tejo	2
Eleições presidenciais francesas	2
Ativistas National Geographic em Lisboa	2
Violência em Itália - Reunião G7	2
Relatório da Amnistia Internacional	2
Encontro da Mesa Nacional do Bloco de Esquerda	2
Fim do circo “O maior espetáculo da terra”	2
Gaia Todo o Mundo - Fórum Internacional	2
Protesto da extrema-direita na Virgínia - Contra Protesto pacifista	1
Atentado em Barcelona - Estado Islâmico	1
Conflitos Ameaça Nuclear Coreia do Sul - Coreia do Norte	1
Polémica em Tóquio c/ sem abrigo - Jogos Olímpicos 2020	1
Ativistas da Greenpeace colocaram uma faixa na Torre Eiffel	1
Conferências do Estoril	1
Copenhaga - Estátua da “Pequena Sereia” vandalizada	1
Festival Lisboa Mistura - arte interventiva	1
Protestos na Argentina	1
Incêndios e a seca o pior de 2017	1
2 anos de “geringonça”	1
Protesto em Sines - contra furos petróleo em Portugal	1

A identificação dos **porta-vozes das causas ativistas** (Figura 3) revela que, nas notícias de televisão em análise, o cidadão comum é o porta-voz privilegiado (41), seguido de peças apenas com locução do jornalista (26). As peças que apresentam um porta-voz institucional da organização ou do movimento ativista, mesmo não sendo considerado um especialista numa área específica, são 24.

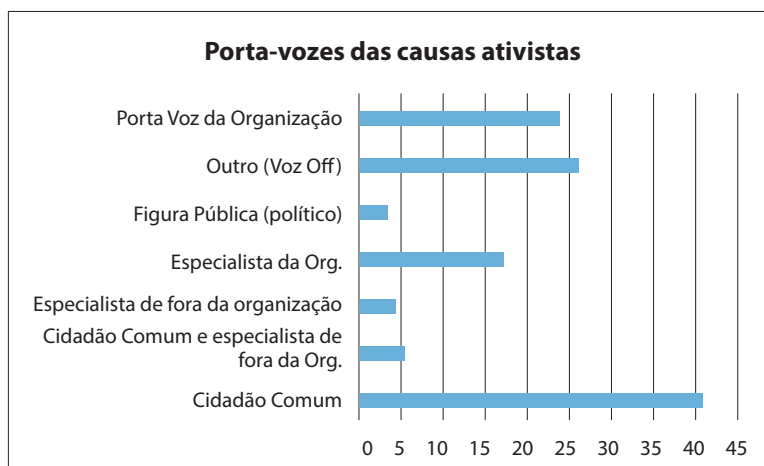


Figura 3. Porta-vozes das causas ativistas representados nas peças de televisão em análise

O **tipo de ação ativista** (Figura 4) que prevalece nas notícias em análise (95%) é claramente o protesto e a persuasão com iniciativas concretas que envolvem presença física dos intervenientes e ações de rua (manifestações; conferências; campanhas específicas; denúncia de abusos) seguido da violência contra objetos físicos ou ação violenta (3%) e da não cooperação (2%).

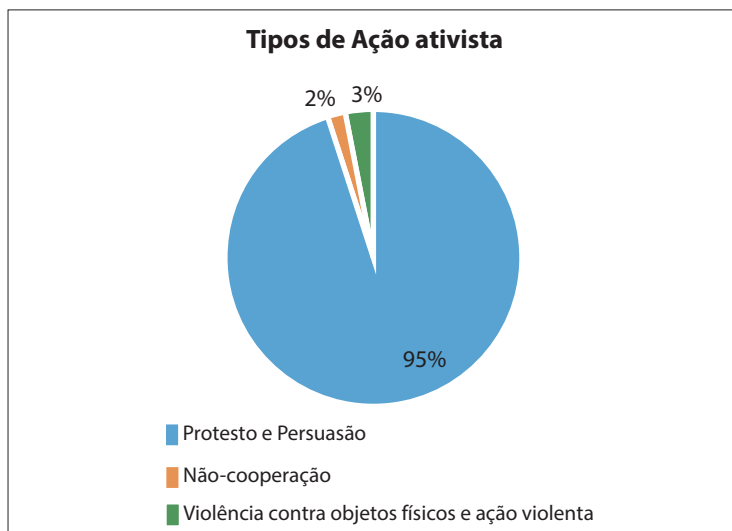


Figura 4. Tipo de ação ativista nas peças de televisão em análise

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

A grande maioria das peças analisadas não mostra imagens de **confrontos** físicos/ violência entre polícia/autoridades e manifestantes/ativistas conforme se pode observar na Figura 5:

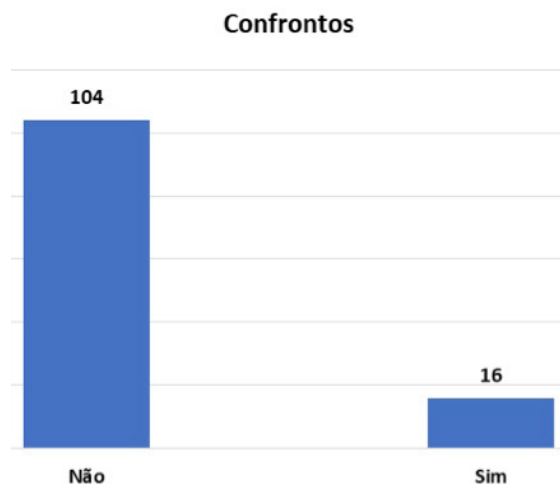


Figura 5. Confrontos nas peças de televisão em análise.

De acordo com um estudo que analisou os canais do YouTube de duas comunidades feministas virtuais que lidam com a violência contra a mulher, os signos das mensagens audiovisuais são complexos e recorrem a artefactos semióticos que produzem significado, estando sempre envolvidos numa representação que se destina a procurar compreender os valores e as posições dos envolvidos num determinado fenómeno, sendo que a variação do termo “vítima” ou “agressor” foi analisada, no presente estudo, dentro dos limites discursivos impostos ao jornalismo no que respeita às noções de objetividade e de imparcialidade (Núñez, Fernández, & Rubira, 2015). Posto isto, a grande maioria das peças analisadas é neutra em relação ao **perfil** dos ativistas (102), sendo que 16 das peças, em contextos de violações evidentes dos direitos humanos fundamentais, apresentam os ativistas como vítimas e apenas duas relacionadas com uma explosão na Colômbia provocada por um grupo ativista anti tourada os apresentam como agressores. Na variável **online**, das 120 notícias analisadas apenas uma, sobre um protesto promovido pela Amnistia Internacional contra o retrocesso das políticas de Donald Trump na área ambiental, fez referência ao ambiente digital, concretamente à página de Facebook da AI.

## DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Estudar o conceito de ativismo apresenta uma série de limitações pela própria subjetividade do que implica, muito sujeito a interferências conjunturais relacionadas com a localização geopolítica, o contexto espaço-temporal e cultural em que as iniciativas associadas ao conceito se desenvolvem e também aos automatismos psicológicos e sociobiológicos dos indivíduos (Núñez et al., 2015). A presente análise reflete estas limitações na medida que os acontecimentos que geram notícias de televisão associadas aos conceitos de “ativismo” e de “ativistas” são também conjunturais, por um lado, e, por outro lado, podem existir relatos associados a ações e organizações ativistas que, não tendo sido referidos pelos jornalistas especificamente como tal, tenham ficado fora do âmbito da análise, ou seja, é possível existirem peças que os jornalistas identificariam como sendo sobre ativismo mesmo sem usar essas palavras. Por outro lado, as opções metodológicas subjacentes ao critério de seleção das peças de televisão para análise excluem outras variantes de expressões relacionadas com o objeto de estudo, como o termo “ativista” no singular, por se ter privilegiado a variante de ação social coletiva. De igual forma, será interessante, no futuro, fazer a comparação da cobertura destes temas e programas entre os canais públicos e os privados, alargando substancialmente a amostra, aprofundando o cruzamento dos dados obtidos em algumas dimensões e analisar tendências ao longo do tempo.

No entanto, foi possível responder às questões de investigação colocadas e quantificar e identificar que causas, movimentos e representações são associadas a estes conceitos nos programas informativos da televisão pública portuguesa. A análise revelou-se elucidativa no que respeita aos assuntos cobertos, às causas com maior representatividade que são de âmbito internacional e relacionadas fundamentalmente com questões políticas e de direitos humanos. Sendo práticas sociais dotadas de uma grande mutabilidade, as ações ativistas são também alvo de uma volátil projeção mediática (Estanque & Bebiano, 2007), no entanto, foi possível observar que os programas informativos da RTP1 e da RTP2 não destacam a ação dos grupos ativistas que praticaram atos violentos, nem revelam indícios de cobertura audiovisual sensacionalista. Por outro lado, são privilegiadas as ações concretas no terreno, cujos porta-vozes são os cidadãos comuns ao nível micro. Esta inclinação na análise pode refletir uma tendência do sistema mediático para o aumento progressivo da interação e identificação com as audiências (Brandão, 2010, p. 95). Quando comparado com o

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

total de emissões de cada programa informativo dos dois canais de serviço público em 2017, o número de programas que referiu os conceitos de “ativismo” e “ativistas” é reduzido. O programa de informação matinal da RTP 1 - Bom Dia Portugal - foi o que referiu mais vezes estes conceitos (52), sendo que apesar disso, do total de programas emitidos no ano de 2017 (250), apenas 22% referiram estas expressões. De uma forma geral a maioria das peças tem duração inferior a um minuto (115), sendo que as peças mais longas, acima de dois minutos (5), dizem respeito a temas como a violação de Direitos Humanos na China, aos Protestos contra Donald Trump e ao Debate sobre Energia Nuclear - Central de Almaraz.

As peças em análise surgem colocadas principalmente no meio dos programas informativos, sem grande destaque, com a maior parte das notícias a serem repetições de assuntos de âmbito internacional, podendo ser indicadores de que, por um lado, no contexto nacional a ação ativista não é musculada o suficiente para atrair atenção mediática televisiva, ou por outro, que o serviço público de televisão desvaloriza a cobertura de ações ativistas como um elemento fundamental da formação da cidadania, reconhecendo, no entanto, que os resultados apresentados estão distantes de ser conclusivos em relação a estas hipóteses. De realçar também para estas considerações, o facto de praticamente não haver referência nas peças analisadas a acontecimentos iniciados e propagados no ambiente digital, o que pode sugerir um fosso entre o que mostram os ecrãs televisivos públicos e a forma como determinados tópicos adquirem relevância *online*.

Uma investigação empírica recente de uma equipa dos Estados Unidos e do Reino Unido, publicada na revista *Science*, traz novidades sobre as dimensões que os movimentos sociais precisam ter para alcançar mudanças de comportamentos na sociedade. Abordando temas atuais que vão desde o movimento contra o assédio sexual #MeToo, à propaganda política na China e ao debate sobre o acesso às armas de fogo nos Estados Unidos da América, a teoria desenvolvida sugere que quando um grupo minoritário atinge os 25% do total de uma população, torna-se capaz de influenciar a aceitação de normas, comportamentos e crenças na sociedade, partindo do princípio de que todos os indivíduos têm os mesmos recursos e poder social. Quando os grupos minoritários alcançaram a massa crítica - isto é, o tamanho do grupo crítico para iniciar a mudança social - eles foram consistentemente capazes de derrubar o comportamento estabelecido (Centola et al., 2018, p. 1116).

Se, como foi visto, em Portugal os vários movimentos se têm revelado incapazes de gerar lideranças que façam com que as revoluções atinjam os níveis de mudança e



inovação social profundos alcançados por outros países, sendo os meios de comunicação social tradicionais, principalmente a televisão no seu modelo de serviço público, fundamentais para a mudança de hábitos e de mentalidades, será de esperar que, na sua conquista por relevância, se possa posicionar enquanto espaço privilegiado, por excelência, para equilibrar as dinâmicas dos pesos e contrapesos existentes no espaço público, auxiliando determinados grupos ativistas a alcançar a massa crítica necessária para que a mudança social ocorra.

Evidências recentes indicam que os níveis de desconfiança dos cidadãos em relação aos *media*, bem como a percepção de parcialidade editorial têm vindo a aumentar nos últimos anos na maioria das democracias ocidentais (Ardèvol & Zúñiga, 2017). Se as tecnologias trouxeram um novo espaço de visibilidade para organizações ativistas solidárias, não violentas e inclusivas, elas também tornaram possível para organizações extremistas e movimentos totalitários criar espaços virtuais que naturalmente minam a confiança pública nas eleições, nos tribunais, nos *media* tradicionais e na ciência, com teorias da conspiração, falsas narrativas e perspectivas ignorantes sobre religião e raça (Albright, 2018, pp. 20-30). Neste contexto, aqueles que definem e procuram influenciar o que é transmitido nos telejornais, têm maior responsabilidade e interesse em fornecer perspectivas que permitam às audiências uma maior independência das mais variadas tentativas de “subjugação intelectual” inerentes à produção e disseminação de informação (Tornero & Varis, 2010, pp. 24-26).

## REFERÊNCIAS

- Albright, M. (2018). *Fascism: A Warning*. New York: HarperCollins.
- Arbaoui, B., Swert, K. D., & Der Brug, W. (2016). Sensationalism in News Coverage: A Comparative Study in 14 Television Systems. *Communication Research*. doi:[10.1177/0093650216663364](https://doi.org/10.1177/0093650216663364)
- Ardèvol-Abreu, A., & Gil De Zúñiga, H. (2017). Effects of Editorial Media Bias Perception and Media Trust on the Use of Traditional, Citizen, and Social Media News. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 94(3), 703–724. doi:[10.1177/1077699016654684](https://doi.org/10.1177/1077699016654684)

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

- Assis, É. G. (2006). 'Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo' (dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Baer, H. (2016). Redoing feminism: digital activism, body politics, and neoliberalism", *Feminist Media Studies*, 16:1, 17-34. doi:[10.1080/14680777.2015.1093070](https://doi.org/10.1080/14680777.2015.1093070)
- Bandura, A. (2002). Social Cognitive Theory in Cultural Context. *Applied Psychology: An International Review* 51, 269.
- Benhabib, Seyla. (1996). Toward a Deliberative Model of Democratic Legitimacy. In S. Benhabib (Ed.), *Democracy and Difference: Contesting the Boundaries of the Political* (68–94). Princeton, NJ: Princeton University Press
- Benkler, Y. (2006). *The Wealth of Networks*. New Haven: Yale University Press.
- Bennett, W. L., (2014). Communicating Global Activism: Some Strengths and Vulnerabilities of Networked Politics. In Wim van de Donk, Brian D. Loader, Paul G. Nixon, & Dieter Rucht (Eds.), *Cyberprotest: New Media, Citizens and Social Movements*. London: Routledge
- Bennett, W. L., & Segerberg, A. (2013). *The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bobel, C. (2007). "I'm not an activist, though I've done a lot of it": Doing Activism, Being Activist and the "Perfect Standard" in a Contemporary Movement. *Social Movement Studies* 6, 147-159.
- Brandão, N. G. (2006). *Prime Time – do que falam as notícias dos telejornais*. Lisboa: Casa das Letras.
- Brandão, N. G. (2010). *As Notícias nos Telejornais*. Lisboa: Guerra & Paz.
- Burnay, C. D., & Ribeiro, N. (2016). *As novas dinâmicas do consumo audiovisual em Portugal*. ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Campos, R., Pereira, I., & Simões, J. A. (2016). Ativismo digital em Portugal, Um estudo exploratório. *Sociologia, problemas e práticas*, 82, 27-47. doi:[10.7458/SPP2016826977](https://doi.org/10.7458/SPP2016826977)
- Cardoso, G., Costa, A. F., Coelho, A. R., & Pereira, A. (2015). *A Sociedade em Rede em Portugal: Uma Década de Transição*. Coimbra: Almedina

- Cardoso, G., Mendonça, S., Paisana, M., Lima, T., & Caldeira P. P. (2017). A Televisão em Portugal. Análise das audiências e dinâmicas concorrenciais do mercado televisivo português entre 1999 e 2016, *Relatórios OberCom - Observatório da Comunicação*.
- Cardoso, G., Vieira J., & Mendonça, S. (2016). Ecrãs em Rede – Televisão – Tendências e Prospectivas, *Relatórios OberCom - Observatório da Comunicação*.
- Castells, M. (2017). *Redes De Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Cavaleri, P. (2002). *The Animal Question: Why Non-Human Animals Deserve Human Rights*. New York: Oxford University Press.
- Centola, D., Becker, J., Brackbill, D., & Baronchelli, A. (2018, June 8), Experimental evidence for tipping points in social convention. *Science*, Vol. 360, (6393), 1116-1119. doi:[10.1126/science.aas8827](https://doi.org/10.1126/science.aas8827)
- Corrigan-Brown, C. (2012). *Patterns of Protest: Trajectories of Participation in Social Movements*. Stanford: Stanford University Press.
- Cortese, D. K. (2015, May). I'm a “good” activist, you're a “bad” activist, and everything I do is activism: parsing the different types of “activist” identities in LGBTQ organizing. *Interface: a journal for and about social movements*, 7 (1), 215–246.
- Costa, A. C. (2019). *As Cinco Grandes Revoluções da História de Portugal*. Lisboa: Desassossego.
- Couldry, Nick (2004). Theorising media as practice. *Social Semiotics*, 14(2), 115-132. doi:[10.1080/1035033042000238295](https://doi.org/10.1080/1035033042000238295)
- Cullinan, C. (2011). *Wild Law - Manifesto For Earth Justice*. Totnes: Green Books.
- Curran, James (2012). *Understanding the Internet*. London: Routledge.
- Della Porta, D. (2015). Democracy in Social Movements. In D. Della Porta & M. Dianni, *The Oxford Handbook of Social Movements*. Oxford: Oxford University Press.
- Deuze, M. (2011). Media life. *Media, Culture & Society*, 33(1), 137–148. doi:[10.1177/0163443710386518](https://doi.org/10.1177/0163443710386518)

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

- Dyck, A., & Zingales, L. (2002). The corporate governance role of the media. In R. Islam (Ed.), *The right to tell: The role of mass media in economic development* (pp. 101-137). Washington, DC: The World Bank Institute.
- Earl, J., & Kimport, K. (2011). *Digitally Enabled Social Change: Activism in the Internet Age*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Einstein, K. L., & Glick, D. M. (2013). 'Scandals, Conspiracies and the Vicious Cycle of Cynicism'. Paper presented at the Annual Meeting of the American Political Science Association.
- Estanque, E., & Bebiano, R. (2007). *Do Ativismo à Indiferença, Movimentos Estudantis em Coimbra*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Evans, E. (2011). *Transmedia Television Audiences, New Media, and Daily Life*. New York: Routledge.
- Fuchs, C. (2013). *Social media: A critical introduction*. London: Sage.
- Gamson, J. (1995). Must Identity Movements Self-Destruct? A Queer Dilemma. *Social Problems*, 42(3), 390-407. doi:[10.2307/3096854](https://doi.org/10.2307/3096854)
- Garcia, J. L. (1995). Os jornalistas portugueses enquanto actores do espaço público mediatizado. Legitimidade, Poder e Interpretação. *Revista de Comunicação e Linguagens, Comunicação e Política*. 21-22, 367-368.
- Gladwell, M. (2011). From innovation to revolution-do social media made protests possible: An absence of evidence. *Foreign Affairs*, 90, 153.
- Gonçalves, T. (2015). *Públicos e consumos de média o consumo de notícias e as plataformas digitais em Portugal e em mais dez países*, Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC).
- Hackett, R. (2000). Taking Back The Media: Notes On The Potential, For A Communicative Democracy Movement. *Studies in Political Economy* 63, (1), 61-86. doi:[10.1080/19187033.2000.11675233](https://doi.org/10.1080/19187033.2000.11675233)
- Halupka, M. (2014). Clicktivism: A systematic heuristic. *Policy & Internet*, 6, 115-132. doi:[10.1002/1944-2866.POI355](https://doi.org/10.1002/1944-2866.POI355)
- Jordan, T. (2002). *Activism!: Direct Action, Hacktivism and the Future of Society*, London: Reaktion Books Ltd.

- Jouët, J. (2018). Digital feminism: questioning the renewal of activism. *Journal of Research in Gender Studies* 8(1), 133–157.
- Joyce, M. C. (2014). ‘Activism Success: A Concept Explication.’ A thesis submitted in partial fulfillment of the requirements of the degree of Master of Arts, University of Washington.
- Karpf, D. (2010). Online political mobilization from the advocacy group’s perspective: Looking beyond clicktivism. *Policy & Internet*, 2(4), 7-41. doi:[10.2202/1944-2866.1098](https://doi.org/10.2202/1944-2866.1098)
- Kennelly, Jacqueline (2009). Good Citizen/Bad Activist: The Cultural Role of the State in Youth Activism. *The Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies*, 31:2-3, 127-149. doi:[10.1080/10714410902827135](https://doi.org/10.1080/10714410902827135)
- Klein, N. (2002). *No Logo - Taking Aim at the Brand Bullies*. New York: Picador.
- Klein, N. (2014). *This Changes Everything*. New York: Simon & Schuster.
- Kunsch, M. M. K., & Kunsch, W. L. (2007). *Relações Públicas Comunitárias: A comunicação numa perspectiva dialógica e transformadora*. São Paulo: Summus Editorial.
- Mackinnon, R. (2011). Liberation Technology: China’s “Networked Authoritarianism”. *Journal of Democracy* 22(2), 32-46. Johns Hopkins University Press. Retrieved June 18, 2019, from Project MUSE database.
- Malaspina, C. (2014). ‘The Spiral of Silence and Social Media: analyzing Noelle-Neumann’s phenomenon application on the Web during the Italian Political Elections of 2013’. Media@LSE, London School of Economics and Political Science.
- Martin, B. (2007). Activism, social and political. In Gary L. Anderson and Kathryn G. Herr (Eds.), *Encyclopedia of Activism and Social Justice*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Matthes, J. (2015). Observing the “Spiral” in the Spiral of Silence, *International Journal of Public Opinion Research*, 27(2), 155-176.
- Mattoni, A., & Treré, E. (2014), Media Practices, Mediation Processes, and Mediatisation in the Study of Social Movements. *Communication Theory*, 24, 252-271. doi:[10.1111/comt.12038](https://doi.org/10.1111/comt.12038)

## A representação do conceito de ativismo nos programas de informação dos canais de serviço público de televisão em Portugal

- Merlo, A. I., & Pereira, S. (2016). Os jovens e o acompanhamento da informação sobre a atualidade: questões a partir da análise de Relatórios sobre usos e práticas mediáticas. *Observatório (OBS\*)*, 10 (3), 80-97.
- Moore, A. (2017). Conspiracies, Conspiracy Theories and Democracy. *Political Studies Review* 2018, Vol. 16(1), 2–12.
- Morozov, E. (2011). *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*. Cambridge, MA: Perseus Books.
- Nash, R. (1989). *The Rights of Nature: A History of Environmental Ethics*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- Noelle-Neumann, E. (1974), The Spiral of Silence a Theory of Public Opinion. *Journal of Communication*, 24 (2), 43–51.
- Núñez P. S., Fernández R. D., & Rubira García, R. (2015). Online activism and subject construction of the victim of gender-based violence on Spanish YouTube channels: Multimodal analysis and performativity. *European Journal of Women's Studies*, 22(3), 319–333. doi:[10.1177/1350506814567002](https://doi.org/10.1177/1350506814567002)
- Pinto, M. (2005), *Televisão e Cidadania: Contributos para o debate sobre o serviço público*. Porto: Campo das Letras.
- PwC (2019). PwC's Global Entertainment & Media Outlook 2019–2023. Retrieved from <https://www.pwc.com/gx/en/industries/tmt/media/outlook.html>
- Ribeiro, N. (2015). The Discourse on New Media: Between Utopia and Disruption. In S. Kinnebrock, C. Schwarzenegger, T. Birkner (Eds.), *Theorien des Medienwandels*. Köln: Herbert von Halem.
- Sandoval, M., & Fuchs, C. (2010). Towards a critical theory of alternative media. *Tele-matics and Informatics*, 27, 141-150. doi:[10.1016/j.tele.2009.06.011](https://doi.org/10.1016/j.tele.2009.06.011)
- Santos, S. C. (2013). *Os média de serviço público*. Covilhã: Livros LabCom.
- Serrano, E. (2010). A especificidade do serviço público de televisão num contexto de fragmentação dos públicos e de multiplicação de plataformas. *Jornalistas & Jornalistas*, 43, 5-17.

- Serrin, J., & Serrin, W. (2002). *Muckraking! The journalism that changed America*. New York: The New Press.
- Sharp, G. (2005). *Waging nonviolent struggle*. Boston, MA: Porter Sargent.
- Shulman, S. W. (2009). The case against mass e-mails: Perverse incentives and low quality public participation in US federal rulemaking. *Policy & Internet*, 1(1), 23–53. doi:[10.2202/1944-2866.1010](https://doi.org/10.2202/1944-2866.1010)
- Singer, P. (2009). *Animal Liberation*. (1st Published in 1975). New York: Ecco Book/ Harper Perennial.
- Sobral, F. A. (2012). Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e prospetiva. *Millenium*, 42 (janeiro/junho), 143-159.
- Syvertsen, T. (2003). Challenges to Public Television in the Era of Convergence and Commercialization. *Television & New Media*, 4(2), 155–175. doi:[10.1177/1527476402250683](https://doi.org/10.1177/1527476402250683)
- Tornero, J., & Varis, T. (2010). *Media literacy and new humanism*. UNESCO Institute for Information Technologies in Education.
- Trappel, J., Meier, W., D’Haenens, L., Steemers, J. & Thomass, B. (2011). *Media in Europe Today*. Bristol: Intellect.
- Vicente, F. (2016). *Novos media ou media tradicionais? O lugar da política num paradigma da comunicação em mudança*. Cision Portugal. Retrieved from <https://www.cision.pt/2016/05/novos-media-ou-media-tradicionais-o-lugar-da-politica-num-paradigma-da-comunicac%CC%A7a%CC%83o-em-mudanc%C%A7a/>

**Outras Fontes:**

- EB88 || STANDARD EUROBAROMETER 88, (2017), “Media Use in the European Union”, Catalogue number NA-01-18-255-EN-N, ISBN 978-92-79-80983-5
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS in Diário da República Portuguesa
- Conspiracy & Democracy Project (2018), YouGov and Cambridge University.



# Official Media Discourse of ‘Active Longevity’: an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices

Anastasiya Jurkevits

Lithuanian Social Research Centre - [anastasiya.jurkevits@gmail.com](mailto:anastasiya.jurkevits@gmail.com)

## Abstract

In the process of reforming social policies, various actors use media channels to convey their arguments to a wide audience and popularize certain ideas. Not only facts are transmitted, but also a certain image of social reality. This paper explores the main media narratives of the official discourse of ‘active longevity’ in Belarus in the period 2017-2018, with the aim to explore the meanings that they broadcast in society, and what the image of social reality they represent and construct. For the analysis of narratives, semantic content analysis is used, as well as qualitative discourse analysis of texts/articles of The Belarusian Telegraph Agency BelTA and The Belarus Segodnia (‘Belarus Today’) state publishing house incorporated five newspapers. Texts were sampled for the period 1 January 2017 to 31 December 2018. The transmitted narratives

in the materials of the official media, together with the comments of journalists, show the activity of older people as a desirable version of reality, as well as their rarity and non-typicality for the contemporary Belarusian society. This conclusion suggests that in this discourse, exactly the official narrative of ‘active longevity’ is the counter-story, designed to overcome the dominant in society popular and most shared narratives. The understanding of ‘active longevity’ offered by official discourse seems to be a simplified version of reality, focusing mainly on categories of labour activity, utility for the society or not burdening the society. This counter-narrative does not re-humanize, but instead of empowering it makes other choices for understanding ‘active longevity’ invisible and insignificant.

**Keywords:** Belarusian official discourse, active ageing, active longevity narratives, counter-narrative.

## O discurso oficial dos media sobre a “longevidade ativa”: uma tentativa de popularizar a ideia da inclusão de pessoas idosas na sociedade ou de ocultar escolhas forçadas indesejáveis

## Sumário

No processo de reforma das políticas sociais, vários atores usam os canais dos media para

transmitir os seus argumentos a um público amplo e popularizar certas ideias. Não apenas



os factos são transmitidos, como também uma certa imagem da realidade social. Este artigo explora as principais narrativas mediáticas do discurso oficial da ‘longevidade ativa’ na Bielorrússia no período 2017-2018, com o objetivo de explorar os significados que eles transmitem na sociedade, e qual a imagem da realidade social que representam e constroem. Para a análise das narrativas, utiliza-se a análise de conteúdo semântico, assim como a análise qualitativa do discurso de textos / artigos da Agência Telegráfica da Bielorrússia BelTA e da editora estatal The Belarus Segodnia («Belarus Today») incorporada em cinco jornais. Os textos foram recolhidos por amostra no período entre 1 de janeiro de 2017 e 31 de dezembro de 2018. As narrativas transmitidas nos materiais dos media oficiais, juntamente com os comentários dos jornalistas, mostram

a atividade das pessoas idosas como uma versão desejável da realidade, bem como a sua raridade e não tipicidade para a sociedade bielorrussa contemporânea. Esta conclusão sugere que, neste discurso, exatamente a narrativa oficial da ‘longevidade ativa’ é a contra-história, projetada para superar as narrativas populares e mais comuns na sociedade. A compreensão da ‘longevidade ativa’ oferecida pelo discurso oficial parece ser uma versão simplificada da realidade, focada principalmente nas categorias de atividade laboral, de utilidade para a sociedade ou não sobrecarregando a sociedade. Essa contra-narrativa não se re-humaniza, mas ao invés de fortalecê-la, faz outras escolhas para a compreensão da ‘longevidade ativa’ invisível e insignificante.

**Palavras-chave:** discurso oficial bielorrusso, envelhecimento ativo, narrativas de longevidade ativa, contra-narrativa.

## INTRODUCTION

A person in the modern information space is immersed in many conflicting contexts created by both state authorities and the counter-contexts of various political forces, media resources, as well as regional and global contexts. Changing information contexts is an essential tool of ‘*soft power*’ affecting society (Nye, 2006). Business structures and political forces develop approaches to influencing the audience through the information flow of data, stories/narrations and visual landmarks or baits/appellants. Scientists note that although it is almost impossible to predict individual behaviour, collectives are predictable (Pentland, 2014). The design of informational contexts encompasses all large target groups, competing for the attention of an ever-expanding audience.

Media channels are important channels through which individuals receive not only factual information, but also a certain image of social reality. In the process of developing and reforming social policies, various actors interested in conveying their

## Official Media Discourse of ‘Active Longevity’: an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices

arguments and attracting as many supporters as possible need to think through the choice of facts and specific stories offered to an audience (Nye, 2006).

This task is no less important for the authorities. The main characteristics of the political field of Belarus (according to researchers) is a split into power and opposition parts with the president’s dominant position as the main subject determining the institutional design of the entire political system and the content of the power narrative (Chulitskaya, 2014). Nevertheless, despite the problems and limitations associated with functioning in a non-democratic state (Balmaceda, 2014; Bassuener, 2013; HRC Viasna 2016, 2018), in the media space the competition of alternative information sources beyond the control of the state is growing, though the reach of state media is still dominant (BAJ, April – June 2016; 2019).

In the context of the implementation of pension reform and the implementation of unpopular changes in legislation on pension provisions, it requires serious explanatory work to reduce the level of dissatisfaction with the social policy being pursued while crisis trends in the economy persist. A legislative increase in the retirement age also entailed an adaptation of the ‘*active ageing/longevity*’ concept in the form of ‘*active longevity*’ and the popularization of the idea of revitalizing the elderly population. This discourse of ‘active longevity’ was permanently present in the official discourse of 2017 and received additional development in 2018, when officials announced the need to develop the concept of active longevity by the end of 2019.

Global and regional problems of a socio-economic nature, the demographic situation in the country, as well as unfavourable forecasts by economists encourage/stimulate the authorities to search for new solutions. The speeches of officials already contain assurances that they have taken into account the interests of all of the citizens and have worked out an optimal solution to the problem. The Minister of Labour and Social Protection I.A. Kostevich announced the development in 2019 of The National Strategy of ‘*Active Longevity*’ that will be created in the interests of senior citizens. The task of overcoming social stereotypes associated with ageing is stated (Respublica, 29.12.2018).

The concept of ‘*active ageing*’ (or ‘*active longevity*’) in foreign literature is not unambiguous. The World Health Organization defines ‘active ageing’ as “*the process of optimizing opportunities for health, participation and security in order to enhance quality of life as people age*” (WHO, 2002). A detailed classification of various definitions was presented by Boudiny (2012) from unidimensional through multidimensional approaches to “*transcending the behavioural level*”. He designated

that active ageing is excessively understood in terms of stereotyped ‘youthful’ activities such as labour, care or sports (Boudiny, 2012, p. 1093). It is not only of interest what meanings are placed on them by representatives of the Belarusian state and what ideas they translate, but also what image of social reality is being constructed through official narratives.

This article explores the main media narratives of the official discourse of ‘*active longevity*’ in Belarus during the period of 2017–2018, with the aim of analysing the meanings that are broadcasted by them in society and the image of social reality they construct. We are interested in the use of ‘*soft power*’ by the state, in which the political stage has remained unchanged for more than two decades and requires a constant confirmation of its own legitimacy. In the context of global digitalization and the increasing share of alternative media in the information space, the power levers of government influence need to mobilize communication strategies to maintain their social policies and to form positive public opinion.

What social reality does the official discourse of ‘*active longevity*’ reflect and construct? What narratives are ‘*active longevity*’ are opposed to?

## THEORETICAL FRAMEWORK

The importance of strategies for conveying information to the audience in achieving the targets set for the state or other subjects of communication was emphasized by V. Vitto, who introduced the very concept of strategic communications (Vitto, 2001). The scientist raises the question of the vital importance of strategic communications for state security policy and stresses the need for a deeper study of cultures, relationships and networks of influence in the modern world, where traditional media capitulate/give in to the influence of the Internet.

The idea of studying the communicative paradigm is supported by researchers from the RAND Corporation (Larson, Darilek, Gibran, Nichiporuk, Richardson, Schwartz, & Thurston, 2009). They consider influence operations at the following levels: individual, group/network, enemy leaders, mass audience. As for the areas of influence, there are three directions: emotions, values, ‘hot’ cognitive processes; rational, cognitive and ‘cold’ processes; pressure for social obedience.

The study of media from the perspective of its ability to influence an audience and change its opinion began in the early 20th century, and today the power of

this phenomenon is studied in various ways (Bennet & Entman, 2001; Blumer & Kavanagh, 1999; Gans, 2003; Graber & Dunaway, 2017; Mayhew, 1997; Williams & Michael, 2011). Some researchers explore not only the degree and ways media influences socio-political processes at different levels, but also “*the influence of presumed influence*” on a political process (Gunther & Storey, 2003), thus arguing that the very belief in the significance of the media influences the actions and decisions of politicians. The President of the Republic of Belarus A. Lukashenko believes that the media is a weapon in the information war of the 21st century: “*And, you know, these weapons are more powerful than nuclear ones. Because a small charge in the form of some news instantly covers the entire planet*”, and therefore, addressing Belarusian journalists, he added: “*If we don’t take possession of the minds and souls of Belarusians, we will never build a sovereign and independent country in such a classic form*” (Grodno Regional Executive Committee, 2018).

The role of the media is not limited to informing, but extends to influencing through the formation of an information field, consisting either of facts and details selected by journalists and/or the formulation of stories/narrations with an emphasis placed on particular points. Thus, opinions are formed, a change in perception is developed, doubts begin to appear, and ultimately, the influence of change in audience behaviour becomes visible.

Back in 1990, J.S. Nye singled out the concept of ‘*soft power*’ as the ability of a state actor to shape the preferences of other actors through influencing public opinion without using violent means (Nye, 1990). Nye placed the main focus on attractiveness as a way to influence ‘*soft power*’ on public opinion (without using coercion) (Nye, 2006). Attractiveness is shaped by visual symbols, signals, utterances, and narratives distributed through various media channels. Strategies of ‘*soft power*’ and ‘*information operations*’ are often associated with the conduct of the information war (Porche, 2013), however, even in peacetime, various participants in the social policy development processes defend their ideas and interests, shaping and convincing the chosen audience with the help of statements, messages and narratives broadcast in the media space. And if hard power belongs to the state, then ‘*soft power*’ is not monopolized, and at the same time, according to L. Roselle, A. Miskimmon and B. O’Loughlin (2014), it can also coerce.

Here, the development of linguists and researchers of communicative processes proved useful when studying the problem of basic or strategic narratives that can formulate, influence and shape expectations (Miskimmon, 2013). Such narratives

and counter-narratives affect one's perception of the world, sense of identity, and qualitatively alter the meanings of familiar social concepts and forms.

One of the definitions of a narrative in sociology is referred to as a conversation specially organized around consequential events (Mishler, 1986). An important feature of the narrative is the interweaving of the context into the text of the narrative: the position of the narrator and the listener (potential or real), the specific situation of the narration, the complex of social, historical and political conditions, taking into account this '*localization*' and '*temporalization*' of ideal meaning (Husserl, as cited in Merlo-Ponti, 1996, p. 63). Thus, the researcher must be not only familiar with the context but with the situation as well. And even though a consistent uniform definition of narrative has not yet been developed, and the narrative analysis itself is on the border of several areas of scientific knowledge, the analysis of narratives is actively used by sociologists. Narrative analysis, unlike ethnographic analysis, investigates the respondent's story not as a realistic description of facts and events, but as original personal reflections and interpretations of social reality (Pollner & Stein, 1996). In turn, the analysis of media narratives puts us one step further from the facts described by the narrator, since the author of the material presents us with a selection of parts of personal stories supporting his or her idea. Thus, social reality is once again interpreted and constituted. And the discussion about the primary or secondary nature of language remains open: does language represent reality or does the narrative construct/constitute reality?

## RESEARCH DESIGN

First of all, it should be noted why this study does not separately consider official legal documents, but focuses on the discourse of official media (which contains extracts from legal documents and their explanations by official persons). Documents are read directly only by some citizens, but news containing the interpretation of documents and excerpts from them, quotes, explanations by officials, etc. are the most widely read and discussed materials and that is perceived as an official discourse among the public.

The objective of this study is to analyse the official discourse field, which is formed by representatives of state authorities and state media channels. Based on the concept

## Official Media Discourse of ‘Active Longevity’: an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices

of governmentality (Foucault, 1991), it would seem necessary to investigate official policy documents and the statements of power actors. We do consider the official discourse as determining state priorities, but also see it to be a partial expression of values and attitudes prevalent in this particular society (at least among some voters). Therefore, the meanings and content of the concepts analysed in this article are considered both as products and as contributions to the contemporary Belarusian discourse.

In this study, the narrative is considered one of the most prevalent forms of communication (Fisher, 1978, 1984, 1987), especially in the media (Ryan & Thon, 2014). It is also viewed as constituting reality and reproducing social reality through the prism of its experience, interests, and values (Berger & Quinney, 2004; Czarniawska, 2004). An analysis of the meanings that official media as social actors endow to the concept of ‘active longevity’ is of paramount importance for us. Counter-narratives refers to narratives that have arisen from the viewpoint of historically marginalized groups against traditional domination (Bamberg & Andrews, 2004).

Specific methods of analyzing narratives are diverse. In this study, semantic content analysis dominates and involves the systematization of units of text, depending on their meanings. “*Media content-analysis is a specialized sub-set of content analysis, a well-established research methodology*” and is widely used to study assorted/various ‘texts’ including the narrative (Macnamara, 2005, p. 1). Neuman (1997) explains content analysis as:

A technique for gathering and analysing the content of text. The ‘content’ refers to words, meanings, pictures, symbols, ideas, themes, or any message that can be communicated. The ‘text’ is anything written, visual, or spoken that serves as a medium for communication. (Neuman, 1997, pp. 272–273)

To justify the choice of data for analysis, the media context of the country and a description of two media organizations chosen for analyses were chosen: The Belarusian Telegraph Agency BelTA and The Belarus Segodnia (‘Belarus Today’/BT) state publishing house were selected as they have the biggest turnout (official website of the Republic of Belarus, 2019).

Since 1995, the largest information agency of Belarus, BelTA, was given the first right to transmit official documents and messages to the media. The Belarus Segodnia (‘Belarus Today’/BT) state publishing house is the largest modern multi-

media holding in Belarus, which, in addition to the state radio station, includes five of the country's largest state newspapers: "SB. Belarus Today", "Narodnaya Gazeta", "Republic", "Selskaya Gazeta" and "Banner of Youth".

Human rights activists from the Independent Association of Journalists of Belarus have declared it urgent that the country solve a problem remaining from USSR times i.e. the forced subscription to state newspapers not only for state institutions, but also for private individuals (Belarusian Association of Journalists, 2019). In their annual reports since 2002, Reporters Without Borders have ranked Belarus as one of the lowest for its level of freedom of the press; in 2019, Belarus has been ranked 153 out of 180 due to the "judicial harassment of freelance journalists" and «Internet censorship» (Reporters Without Borders, 2019). According to Rachel Denber, Deputy Director of the Europe and Central Asia Division at Human Rights Watch, "Belarusian authorities have a long and sorry history of contempt for media freedom" (Committee to Protect Journalists, 2019). However, access to the Internet provides an opportunity for the development of an independent Internet-media that creates serious competition for the government (Konstantinov, 2009).

The unit of analysis in this study consists of statements/phrases and the semantic extracts of texts, stories interpreting the concept of 'active longevity' ('active ageing') and related concepts. Fifty articles of the BelTA news agency and 81 articles of the The Belarus Segodnya (BT) were analyzed. In the search for materials, the keywords 'old age', 'old', 'elderly', 'retired', 'pensioner', 'old man/old woman', 'grandfather/grandmother', 'ageing', 'longevity', 'active longevity' were used. Then the texts were read for compliance with a chronological framework and themes. Texts in which the above keywords were used only to indicate the age group of the participants of the described events and did not carry additional meanings were excluded from the analysis (mainly news from the criminal chronicle). For example, in an initial search of keywords for the period of January 1, 2017 to December 31, 2018, 469 articles were found on the website of the 'Belarus Today' Publishing House, containing keywords, phrases, and cognates in various cases, but only 81 articles were chosen for further research.



**Official Media Discourse of ‘Active Longevity’: an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices**

Table 1

*Selection of materials by keywords.*

	Source of materials	BT	BelTA
Number of articles found by keywords	old age*	469	84
	active* longevity*/ageing*	69	55
	aged*	1172	931
	pensioner*	1802	1000
	old man*	796	123
	old woman*	52	4
	grandpa*/granddad*	932	186
	granny*/grandmother*	2093	452
	long-liver*	116	37
	old-aged*/advanced in years*	344	237
<b>Total found</b>		<b>7845</b>	<b>3109</b>
<b>Selected</b>		<b>81</b>	<b>50</b>

Note. Source: Field data

In the analysis of statements and stories of various subjects, narrative policy analysis was used as a subspecies of qualitative discourse analysis (Roy, 1994). Initially, all research materials were analysed to identify stories, non-stories, and counter-stories, then a comparison was made of the stories and non-stories that form the metanarrative, and then the metanarratives and counter-narratives were identified. It is important to determine the content of the metanarrative and its central problem for understanding certain policy decisions and policymaking processes, as well as the social context of these decisions.



## THE ADDRESSEES OF THE OFFICIAL NARRATIVE OF ‘ACTIVE LONGEVITY’ AND THE EXPECTATIONS OF THE STATE

First of all, it is necessary to note how powerful actors actualize the concept of ‘*active longevity*’ and represent their motivation for creating a strategy of ‘*active longevity*’ through an emphasis on demographic and economic trends in the country, as well as the latest medical advances and research by biologists and psychologists. The materials of state media and news agencies present an overall narrative of a conflictual situation that has arisen due to the disparity of traditional social attitudes with new realities in the modern context. It is precisely this discrepancy between obsolete stereotypes and the needs of individuals and society as a whole that is the cause and motivating force for policymakers who argue about the need to inform the population as a whole and to activate the elderly.

Attention to the concept of ‘*active longevity*’ by the media is caused by statements by state officials about the need to develop a national strategy by the same name. The officially published commentary to the *Decree Concerning the Improvement of Pension Provisions* on the website of the Ministry of Labour and Social Protection explains the main provisions of the regulatory legal act, and also expresses the goals pursued by the creators of the document. The decree provides for a set of measures “*aimed at increasing the level of pensions of citizens who have reached the generally established retirement age, calculated with prolonged work experience, increasing the motivation of employees for a longer legal work activity and restricting dependent attitudes.*”<sup>1</sup> (Presidential Decree N.º 570, 2014).

The development of a strategy of ‘*active longevity*’ is scheduled for 2019, but statements on this subject by officials and experts are actively appearing in the media. T. Fedorova, Deputy Head of the Main Department for Social Services and Social Assistance of the Ministry of Labour and Social Protection, said,

The strategy will be developed on the basis of the research work carried out by the Research Institute of Labour. Research in this area will allow to create a national age classification, determine who should be classified as elderly, what conditions for the development of the potential of senior citizens have already been created, suggest which areas need to be taken forward. (BT, 06.11.2018)

---

<sup>1</sup> All quotes in the Belarusian or Russian languages were translated into English by the authors of the articles.

## Official Media Discourse of ‘Active Longevity’: an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices

From this voiced task, it is impossible to isolate the need to study the needs of the elderly as a heterogeneous group of people, but there is a noticeable desire to classify this category into age groups and offer opportunities for realizing the potential of these subgroups.

For this, experts working on creating a national strategy of ‘active longevity’, older people as a category remain a passive object of the external motivating efforts of the state or family. As Fedorova stated:

It’s good if an elderly person has got grandchildren, children, friends, but if he is alone, then shuts down and goes into itself. It is needed to stir him up. Now various territorial and interest clubs are being created in the regional centres: singing, knitting, dancing, yoga, learning English, computers and much more. (BT, 06.11.2018).

An active lifestyle is promoted and supported by the state, whereas (as it is being presented in the official discourse) a passive life position is still dominant in society. The efforts public authorities are making and the initiatives being taken by local authorities to change this situation are not enough. All government agencies and local governments are developed, and the hypothetical narratives of potential outcomes illustrate the supposed perspectives. Thus, the new strategy is contrasted with negative public attitudes, and information is presented in the form of a story with a narrative of overcoming and a happy ending - solving the problem.

Another participant of the ‘round table’, A. Ezerin, director of the social and informational institution ‘Urban Development’, insists on the importance of changing age standards, which negatively affect the attitudes of Belarusians and illustrates his thesis by describing the usual stories of Belarusian men in retirement as “*cease to set tasks for themselves, to reach heights*” (BT, 06.11.2018). In this regard, Ezerin formulates a task for the media:

The vector of work is informational and is aimed at men who are 45+. There are many advanced, charismatic people who continue to live actively in their 50s, 70s, and even 90s. Our task is to find and talk about them in the mass media, create social advertising, videos that show examples of active longevity. Older people do not interfere with uniting into initiatives and spending time together, participating in promotions. (BT, 06.11.2018)

Thus, there are two distinct types of elderly people, one of which is active (unfortunately, the content put into the concept activity remains unknown), and the other, in the opinion of the author, needs to be activated and externally motivated, while the second type is much more numerous, since the active and energetic are invited to 'find' and present to the reader/viewer.

This topic of usefulness and the problem of dependency that opposes it is characteristic of the 'active longevity' narratives of officials and state experts. L. Zhilevich, Deputy Chief Doctor of the Clinical Hospital for Disabled People of the Great Patriotic War, Head of the State Gerontological Centre, Chief Geriatriist of the Ministry of Health, speaks about the dependent mentality of the elderly as a social problem:

Indeed, in my work I often come across a situation where older people consider themselves to be unnecessary to society. They do not know how to organize their lives in old age. So far, the mentality of an elderly person is as follows: he only expects benefits from the state, subsidies or other assistance. (BT, 06.11.2018)

It is important that this is stated by one of the future creators of the Belarusian 'active longevity' strategy, a person stating the need to educate Belarusian children in terms of the correct perception of an elderly person, people with disabilities, empathy and participation in helping such people. She insists that these older people need to be included in their work activities: *«given that the number of older people will grow, the need to create jobs for them, and to increase employment will increase»* (BT, 06.11.2018). Thus, not only political pressures, but also expectations (labour market activation) are emphasized in the power discourse of 'active longevity'.

A wide audience seems to be a problem, which is connected with the need to overcome social attitudes regarding relatively late age and stereotypes that exist in society and among elderly people in particular. The image of an elderly person in the statements of officials and official media materials is heterogeneous. There are references to the image of a 'typical', 'common', 'ordinary' elderly person and an emphasis on the qualities that characterize an 'atypical', 'exceptional' elderly person who surprises and serves as a model for other to follow. *“There are older people you look at and admire. They are calm, tidy, wise, there is strength and kindness in their eyes. They have not turned into grunts-negativists or capricious helpless children.”* (BT, 18.08.2018). The author convinces the reader that there are older people who differ

## Official Media Discourse of 'Active Longevity': an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices

from the usual (according to the author) average person images i.e. negative images.

Zhilevich also uses the mobilizing potential of the 'active longevity' narrative. She states that a person's ageing is inevitable, but proper work with elderly patients will allow them to remain active members of society for a long time: "*Elderly patients have from five to eight diseases. But this does not affect the quality of life of citizens. The main thing is to remain active, independent, 'the head of the centre asserts.'*" (BT, 02.10.2018). This formulation again emphasizes the controllability of the aging processes, and also focuses attention on the role of motivation in achieving a high quality of life. Economic arguments also serve to popularize the idea of activism of older people:

Changes in pension systems are taking place in many countries. This is primarily due to the increase in life expectancy and the increase in the number of elderly people. In Belarus, the significant role of the state in ensuring a comfortable old age remains. At the same time, there is an opportunity to save money for living on a well-deserved rest. Do our citizens use this? (BT, 06.06.2018).

The improvidence and passivity of the elderly affect the quality of life not only of the pensioners themselves, but also of society as a whole, which is forced to activate the elderly, wasting their resources decreasing every year due to demographic processes. "*Older people should remain in the labour market. Age is not a coordinate that is taken into account when we talk about work.*" (BT, 09.02.2017).

In turn, the state is doing everything possible to maintain a high quality of life for older people and their revitalization: rehabilitation and relaxation rooms, therapeutic and preventive physical education. The images of the Belarusian 'today' that elderly people offer (through mediation) expressed by journalists of the official media are bright and expressive: "*At the age of 100 years to get over stenting of the coronary vessels. At the age of 101 - an operation in an oncologic dispensary. This is not news from foreign countries, but examples from our Belarusian medical practice.*" (BT, 26.09.2018). The material creates an image of practically omnipotent Belarusian medicine, finally levelling the negative influence of biological factors, removing old age and giving older people every opportunity for an active and fulfilling life. However, the expression "*This is not news from foreign countries*", emphasizing the significance of the progress in Belarusian medicine, also shows the journalist's uncertainty that the audience could believe that this is possible in Belarus. The author argues that with the help of this state-adjusted system, a person can and should control his life even at the

latest age: «*In our country a person is more protected, he has the opportunity to realize himself as a person, extend the retirement age, more in society, and all this in a complex is the component of the growth of life expectancy.*» (BT, 14.04.2018).

All the problems of older people appear in a new light and no longer seem to be an alarming/critical issue, but easily corrected difficulties that an elderly person with the help of a modern and responsive Belarusian geriatric service could solve immediately. The dominant semantic line of this narrative is the thesis that old age is only an internal decision and individual laziness, passivity, because the state provides all the conditions for the longest and most active life of an elderly person. And since citizens have not yet understood this, it is necessary to find and exhibit to society examples of active older people and their secrets of longevity.

### **THE STORIES OF INDIVIDUALS IN THE DISCOURSE ON ‘ACTIVE LONGEVITY’ IN OFFICIAL MEDIA**

In the course of reading and analysing the materials in each of the articles, one main topic was highlighted (if one main topic could not be singled out, 2 or 3 main issues were highlighted) in order to see a quantitative expression of the frequency of consecration in state press issues related to aging, older people and ‘*active longevity*’ during the analysed period.

Table 2

*Main topics/issues associated with old age and active longevity in state media materials.*

Topics/issues	BT	BelTA	Total
State aid for older people (older people are objects of guardianship)	32	21	53
Secrets of longevity (by experts)	22	8	30
Examples of active older people	18	5	23
About the strategy of ‘ <i>active longevity</i> ’	9	7	16

**Official Media Discourse of ‘Active Longevity’: an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices**

Socio-economic situation caused by demographic issues	10	2	12
Reasoning about old age (journalists and experts)	9	0	9
‘Silver economy’	4	4	8
Secrets of longevity (by people)	4	1	5
Child support	4	0	4
Sexual life of the aged	4	0	4
Barriers to active life	0	2	2

Note. Source: Field data.

A detailed study of the materials revealed that on the one hand, pensioners are displayed as objects of guardianship, dependent and unable to cope with everyday problems, to decide for themselves, but on the other hand – active, full of enthusiasm and energy. Dependency and vulnerability are presented as the result of passivity as a personal decision because a person’s state of health can be controlled, if the person is hardworking and energetic. This duality of perception of the elderly in the official discourse can be traced in the texts devoted to the problems of ‘*active longevity*’ and thematically similar materials that could conventionally be entitled ‘*secrets of longevity*’. Two main types of behaviour and two scenarios of living in late age clearly stand out in this discourse, however, both options are rarely mentioned by experts and authors in same text.

The heroes of the articles notice state efforts to ensure a high quality of life and active longevity and express gratitude:

I used to have everything - work, love, friends and the state, and now only the state remains (...) I owe the fact that I stand today on my feet to the state. All life in sanatoriums I was treated free of charge. And now, at best, I would be managing the wheelchair. (BT, 29.09.2018).

At the same time, the interviewees improve their lives (actively): they create initiative groups for the improvement of households, work part time on the market, visit health centres for the elderly «*And still there are so many things to do.*» (BT, 27.10.2017).

According to V. Kovalkov, Deputy Minister of Labour and Social Protection, an increase in life expectancy is one of the reasons for raising the retirement age. He believes that raising the retirement age will not reduce the life expectancy of Belarusians, since: “*As the experience of other countries shows, after the implementation of this measure, life expectancy is still growing, and the states make decisions on further raising the retirement age.*” (BelTA, 21.12.2016). Vital activity in this discourse corresponds to labour activity or socially useful activity, while activity in the labor market is determined as one of the key factors for longevity.

To maintain this thesis and change attitudes towards late retirement, there are also materials about older people who have worked arduously and diligently, retaining not only their working ability, but also a desire to work or make a contribution to housework. The stories of these people are motivating, since the reader from the mouth of these old age people receives confirmation that even heavy physical work in the difficult conditions of the past was feasible for active people. Therefore today, when conditions are more favourable than whenever during their working lives, people are able to work longer:

Edmund Ludvikovich Chaley from the village of Kalinovka celebrated his 93rd birthday this year, lives with his daughter, and is accustomed to work - life worked as a field farmer (...) Edmund Ludvikovich and now works as much as he can: he feeds goats, helps with housework, says that now life has become much easier: there is comfort in the house, and there is always a daughter with a son-in-law in case of bad health: — If it had been like this before, I would have 150 years to live. (BT, 27.10.2018).

The same idea is put forward in the article ‘*Fired due to old age. Forty-seven years ago*’, in which an elderly heroine shows her attitude to work and shows the capabilities of an elderly person. «*In January, Anna Shatrova already celebrated her 101st anniversary. But the question of how much she still plans to live is answered - philosophically: - How much God will give. But I would like to live a little longer.*» (BT, 03.04.2017). The title of the article itself is ironic about the idea of retirement in

## **Official Media Discourse of 'Active Longevity': an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices**

connection with the attainment of an exact age after which a person can live actively for another 40 years. And the hero in another article, Nikolai Antonovich, speaks in support of the theory that it is hard work that contributes to longevity:

I worked a lot from an early age. Then - the war. Then I worked again, already in Baranavichy, at a furniture factory. Perhaps that is why I live so long. Now young people are lazy. There was a lot of technology, life has become more comfortable. Everything seems to be very good, but there is no movement... (BT, 08.06.2017)

Thus, not only the opportunity to work at retirement age, but also the desire to do so becomes the argument of the narrative. An additional argument is the thesis that longevity is the result of a long work experience.

The aged, old and advanced in years heroes of the interviews show that they are surprised by the substantial attention of correspondents to their age and insist that age is not an obstacle to an active life. Such materials are consistent with the objective of the media expressed in the framework of the official discourse that involves the search for and popularization of models of active ageing to follow. Interviews with active older people are one of the most popular topics (along with reports on state achievements in the field of social support for the elderly and their activity), which regularly appear in the media space of state-owned media.

Narratives of the official discourse present statistical data and expert conclusions according to which physicians, using a scientific approach to derive a formula for longevity, are accordant with stories of individuals of the third age that share their personal recipes for the elixir of youth. The findings are similar: the main component of longevity is an active and healthy lifestyle. Stories about active and busy old people, their positive attitude to life and to their age, illustrate the primacy of inner motivation and desire. Special attention is paid to the presence of favourable conditions: the efforts of physicians and the achievements of medicine to maintain the quality of life of an aged person and his social inclusion.

I always wondered how people could sit at home without fear of sight. One must walk, enjoy the sun, sky, fresh air, communicate with nature! - even now, having almost completely lost sight, Ekaterina Mikhailovna walks with her daughter Lyudmila several hours a day. After 40 years she devoted her life to a summer



cottage as a teacher of mathematics, retired. Only in 92 years she had to give up her hobby for health reasons, but now the former teacher finds herself. (BT, 08.06.2017)

There are plenty of examples to look back on and motivations if they are required, «*They could, now it's your turn*». However, examples of such activity are not perceived as ordinary, ubiquitous by journalists and their interlocutors. The stories of older people are presented as exceptional, outstanding from the crowd, nontrivial:

I remember one amazing patient who entered the hospital with a few manifestations of coronary artery disease and was quickly discharged. Man 93 years. Up to 90 years, he taught at BNTU. In retirement, wrote five books. One of them is about God, and five, imagine, about love! It turns out that he adored all his life and idolized his spouse, who had already passed away, and wrote about his feelings for her. He said that all his life he was a workaholic. Always active not only intellectually, but also physically. For myself, I chose swimming and Nordic walking. These are the examples that delight and delight. (BT, 18.08.2018)

Thus, the narrative of '*active longevity*' is constructed rather as a counter-narrative, designed to overcome the opposite, dominant in society. With such stories of exceptional people, journalists try to present arguments for maintaining activities familiar to a person into old age and to convince the audience. However, the admiring surprise at the stories of the interviewed older people underlines how unpopular and unusual/uncommon/atypical such stories are and how far they are out of the general range of views in modern Belarusian society.

Trying to break stereotypes about older people, journalists themselves use expressions that contradict the message of the material and reinforce negative social attitudes. For example, the age is mentioned as something defamatory, something that is customary to hide:

Usually it's not customary to talk about the age of women, even congratulating on the anniversary, we somehow try not to mention the number of years lived. But in the case of Minsk woman Polina Katsuba that is above 90 years old, age is a reason for pride - in its physical form and life optimism, it can easily give young people a head start. (BelTA, 13.03.2018)

At the same time, if older people are actively involved in labour for the benefit of society, their age is mentioned and becomes a reason for pride. Such activity brings not only psychological satisfaction, but also improves physical conditions. The stories of journalists’ interlocutors convince us that a positive attitude and activity have a significant effect on health and allow a person to forget about age. “*I am healthier today. (...) If someone had told me that I will dance, I would not have believed in it. My friends are shocked!*” (BelTA, 08.03.2018). That is, a person through his or her wilful decision and choice in favour of activity overcomes health problems that previously seemed inevitable to them at their age.

## **DISCUSSIONS AND CONCLUSIONS**

We can agree with the statement of Harbison & Morrow (1998) that older people are presented in connection with dichotomous oppositions ‘*healthy*’ - ‘*painful*’, ‘*dependent*’ - ‘*independent*’, ‘*burden*’ - ‘*self-sufficient*’. In this case, we were interested in dichotomous oppositions to the concept of ‘*active*’, used to define an old age person, and to the concept of ‘*active ageing/longevity*’ used in the framework of official discourse. For the narratives of ‘*active longevity*’ in the official discourse, the dichotomies ‘*active*’ - ‘*passive*’, ‘*useful*’ - ‘*dependent*’, ‘*motivated*’ - ‘*unmotivated*’ are also characteristic. Such a monochrome picture looks like a simplified version of reality, which does not reflect it accurately, but constructs a frame of reality. Moreover, the frequent identification of the vital activity as labour activity in this discourse aggravates the artificial separation of non-working aged from the rest of ‘*useful*’ groups of society. As the researchers note, «*an exclusive focus on employment is problematic, as it reduces the complexity of ageing to a single component*» so it becomes synonymous with ‘*productive ageing*’ (Giorgi, 2005 as cited in Boudiny & Mortelmans, 2011, p. 8).

According to Matyok, counter-narratives “*challenge cultural stereotypes and create new ways of seeing the world*” (Matyok, 2009, p.8). Likewise, Rimstead (1996) states that a counter-narrative re-humanizes, “*democratizes peace-making activities by giving silenced individual a public forum*”, but in the case considered here, the humanistic component of the goals of breaking stereotypes about old age as a time of well-deserved rest and avoiding active participation in the labour market is that under research scrutiny. Is the consolidation of a new social construct about the necessity

of remaining useful for society a form of aggravation of inequality and deterioration in the quality of life of the elderly? (Giorgi, 2005; Walker, 2006).

If, “*voice is power, storytelling - which facilitates voice - is empowering*” (Sehmi, 2000, p. 8), then the selection of stories shown votes only in favour of one idea, thus making invisible those who don't fit into the desired state concept. We can agree with the statement of Fisher (2010) that, “*discourse legitimizes patterns of (in)visibility and (in)equality that contribute to the legitimization of capitalist socio-political order*” That is why it is important either what is revealed or what is hidden (Stochetti, 2014; 2018). Furthermore, invisibility is related to injustice, and it would be very useful to conduct a quantitative study of the representation of older people in the Belarusian discourse and that share of the discussed problems related to this group of people presented in media materials. Quantitative content analysis would allow to measure the intensity of certain narratives in the official discourse of ‘*active longevity*’. It would also be interesting to investigate the frequency of visibility of older people in media materials, how much their problems are presented in the information field (see examples of the three countries of Bulgaria, Serbia and Portugal in Raycheva, Tomov, Amaral, Petrović, Vukelić, & Čizmić, 2018).

The idea of ‘*active longevity*’ is popularized by the official Belarusian media following the voiced objective of activating older people for inclusion in the life of society. In the materials of the official media, there are arguments defending the interests of society (economic contribution, social utility of the elderly), as well as a focus on benefits/outcomes for the elderly themselves (health, longevity, sense of self-worth). However, broadcast structured stories, scenarios (disputes with theses and conclusions regarding ‘*active longevity*’), other narrative scenes, not necessarily having the structure and form of a complete story (nonstories) - all along with the comments of journalists, show a preferred version of reality, as well as the rarity and non-proliferation of this choice in modern Belarusian society. This suggests that in this discourse it is the official narrative of ‘*active longevity*’ that is the counter-story, designed to overcome the dominant in society, popular and shared by most of the narratives.

In this discourse, there are no stories of people for whom the continuation of labour activity after retirement is an undesirable, forced decision. Economic difficulties are experienced only by the Belarusian economy that bears the burden of paying social benefits and organizing medical and social assistance. And the heroes of the stories, and the comments of journalists and experts do not contain arguments in favour of

improving the quality of life of older people through increasing pension payments. There are no critical comments on the current pension system and its possible changes in general; the main objects of criticism are dependency and passivity.

Typical of the language in these materials is the positioning of the elderly in an unequal position, in a position as objects of care, guardianship, motivation (external influence). The knowledge of passivity, inertia of the elderly and an unfriendly attitude towards them is introduced as assumed by and shared in society, and this is contrasted with the highlighted active, successful personalities of some elderly.

By using the ‘*soft power*’ instrument, the state motivates the elderly person, creates conditions for active longevity, however, also admits that only a small proportion of the elderly are active and energetic. The main obstacles to the activity of the elderly in this discourse are their passivity, an unwillingness to change attitudes, and the need for retraining. Diseases and destructive physical processes are not considered in the context of barriers to activities by the elderly.

What is the official discourse of ‘*active ageing*’/‘*active longevity*’ struggling with? With a stereotype about the passivity of the elderly or with their right to passivity? It is difficult to unequivocally answer this question. Alternative stories should be presented and other voices heard in order to provide not only an ‘expert’ perspective. In this way, each individual would have the right to choose and be fully aware about the choices available to them.

## REFERENCES

- Balmaceda, M.M. (2014). *Living the High Life in Minsk: Russian Energy Rents, Domestic Populism and Belarus’ Impending Crisis High*. Central European University Press, 236 p.
- Bamberg, M. & Andrews, M. (Eds.) (2004). *Considering counter-narratives: Narrating, resisting, making sense*. Amsterdam: John Benjamins.
- Bassuener, K. (2013). Belarus: Europe’s Last Dictatorship. In J. Kinsman, K. Bassuener (Eds.), *A diplomat’s handbook. For democracy development support*, (pp. 331-351). Third edition.

- Belarusian Association of Journalists (2019). "Forced subscription to newspapers is a Soviet anachronism," human rights activist Stefanovich/"Принудительная подписка на газеты – советский анахронизм", - правозащитник Стефанович. Retrieved from <https://baj.by/ru/analytics/prinuditelnaya-podpiska-na-gazety-sovetskiy-anahronizm-pravozashchitnik-stefanovich>
- Belarusian Association of Journalists. (2019). Special Issue: Results of the Year 2018 in Figures. *Mass Media in Belarus*, 1(57) [E-Newsletter]. Retrieved from <https://baj.by/sites/default/files/analytics/files/smi-01572019-en.pdf>
- Belarusian Association of Journalists. (2016, April – June). Mass Media on the Eve of Parliamentary Elections – 2016. *Mass Media in Belarus Bulletin* 2(48). [E-Newsletter]. Retrieved from <https://baj.by/en/analytics/e-newsletter-mass-media-belarus-bulletin-248-mass-media-eve-parliamentary-elections-2016>
- Bennett, W.L., & Entman, R.M. (Ed.). (2001). *Mediated Politics: Communication in the Future of Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Berger, J., Quinney, R. (Eds.) (2004). *Storytelling Sociology: Narrative as Social Inquiry*. Rienner Publisher.
- Blumler, J. G., & Kavanagh, D. (1999). The Third Age of Political Communication: Influences and Features. *Political Communication*, 16, 209-230.
- Boudiny, K. (2013). 'Active ageing': from empty rhetoric to effective policy tool. *Ageing & Society*, 33, 1077-1098.
- Boudiny, K., Mortelmans, D. (2011). A critical perspective: Towards a broader understanding of 'active ageing'. *Electronic Journal of Applied Psychology*, 7(1), 8-14.
- Chulitskaya, T. (2014). *The narratives of social justice in a non-democratic regime: an analysis of the case of Belarus/Socialinio teisingumo naratyvai nedemokratinio režimo sąlygomis: Baltarusijos atvejo analizė*. (Unpublished doctoral dissertation). Vilnius University and Lithuanian Social Research Centre, Lithuania.
- Committee to Protect Journalists (2019, May 3) *Belarus: Use Europe to Spur Media Freedom*. Retrieved from <https://cpj.org/2019/05/belarus-european-games-eoc-journalist-hotline.php>

**Official Media Discourse of 'Active Longevity': an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices**

- Czarniawska, B. (2004). *Narratives in Social Science Research. Introducing Qualitative Methods*. London: Sage Publications.
- Fisher, E. (2010). Contemporary Technology Discourse and the Legitimation of Capitalism. *European Journal of Social Theory*, 13(2), 229-252.
- Fisher, W. R. (1978). Toward a logic of good reasons. *Quarterly Journal of Speech*, 64(4):376-384.
- Fisher, W. R. (1984). Narration as a human communication paradigm: The case of public moral argument. *Communication Monographs*, 51(1), 1-22.
- Fisher, W. R. (1987). *Numan communication as narration: Toward a philosophy of reason, value, and action*. Columbia, S.C.: University of South Carolina Press.
- Foucault, M. (1991). Governmentality. In C. Gordon, G. Burchell, P. Miller, & M. Foucault, *The Foucault effect: studies in governmentality: with two lectures by and an interview with Michel Foucault* (pp. 87-104). London, Harvester/Wheatsheaf.
- Gans, H. (2003). *Democracy and the News*. New York: Oxford University Press.
- Giorgi, L. (2005). *Overcoming the barriers and seizing the opportunities for active ageing policies in Europe*. Brussels: European Commission.
- Graber, D.A., & Dunaway, J. (2017). *Mass Media and American Politics*. CQ Press..
- Grodno Regional Executive Committee (2018). *Alexander Lukashenko on the role of the media: it is not the fact that nuclear weapons are more powerful/Александр Лукашенко о роли СМИ: не факт, что ядерное оружие мощнее*. Retrieved from <https://grodnorik.gov.by/ru/republic-ru/view/aleksandr-lukashenko-o-roli-smi-ne-fakt-chno-jadernoe-oruzhie-moschnee-2235-2018/>
- Gunther, A.C., & Douglas Storey, J. (2003). The Influence of Presumed Influence. *Journal of Communication*, 53(2), 199-215.
- Harbison, J., & Morrow, M. (1998). Re-examining the social construction of elder abuse and neglect: A Canadian perspective. *Ageing & Society*, 18(6), 691-711.
- Human Rights Center Viasna (2016). *Human Rights Situation in Belarus in 2016: Analytical Review*. Retrieved from [https://spring96.org/files/misc/review\\_2016\\_en.pdf](https://spring96.org/files/misc/review_2016_en.pdf)

- Human Rights Center Viasna (2018). *Human Rights Situation in Belarus: 2018*. Retrieved from <http://spring96.org/en/news/90469>
- Konstantinov, G./Константинов, Г. (2009, April 16). The popularity of online media is growing in Belarus/В Беларуси растёт популярность интернет-СМИ. *Deutsche Welle*. Retrieved from <https://www.dw.com/ru/в-беларуси-растет-популярность-интернет-сми/a-4183812>
- Larson, E. V., Darilek, R. E., Gibran, D., Nichiporuk, B., Richardson, A., Schwartz, L.H., & Thurston, C. Q. (2009). *Foundations of Effective Influence Operations. A Framework for Enhancing Army Capabilities*. Santa Monica, CA: RAND Corporation. Retrieved from <https://www.rand.org/pubs/monographs/MG654.html>
- Macnamara, J. (2005). Media content analysis: Its uses; benefits and best practice methodology. *Asia Pacific Public Relations Journal*, 6(1), 1-34.
- Matyok, T. G. (2009). *Constructing counter-narrative: A key to changing neo-slavery in the de-nationalized world of globalization – the shipping industry and the case of the M/V Agios Minas*. University of North Carolina at Greensboro.
- Mayhew, L. H. (1997). *The new public: Professional communication and the means of social influence*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Merlo-Ponti, M./Мерло-Понти, М. (1996). *In defence of philosophy/В защиту философии*. Москва: Издательство гуманитарной литературы.
- Mishler, E. G. (1986). *Research interviewing: Context and narrative*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Miskimmon, A. (2013). *Strategic narratives. Communication power and the new world order*. New York.
- Neuman, W. (1997). *Social research methods: qualitative and quantitative approaches*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Nye, J. S. (1990). Soft Power. *Foreign Policy*, 80, 153-171.
- Nye, J.S. (2006). Think Again: Soft Power. *Foreign Policy*, February, 23.



**Official Media Discourse of 'Active Longevity': an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices**

- Official website of the Republic of Belarus (2019). *Mass media in Belarus*. Retrieved from <https://www.belarus.by/en/about-belarus/mass-media-in-belarus>
- Pentland, A. (2014). *Social Physics: How Good Ideas Spread – the Lessons from a New Science*. Penguin: London.
- Pollner, M., Stein J. (1996). Narrative mapping of social worlds: the voice of experience in alcoholics anonymous. *Symbolic Interaction* 19(3), pp. 203-223.
- Porche, I.R. (2013). *Redefining information warfare boundaries for an army in a wireless world*. Santa Monica.
- Presidential Decree No 570 (2014, December 8). *Concerning the improvement of pension provision system*. Retrieved from [http://president.gov.by/en/official\\_documents\\_en/view/decree-no-570-of-8-december-2014-10386/](http://president.gov.by/en/official_documents_en/view/decree-no-570-of-8-december-2014-10386/)
- Raycheva, L., Tomov, M., Amaral, I., Petrović, I., Vukelić, I., & Čizmić, S. (2018). Ageing Women in the Media Mirror Maze. *Media Environment, Public and Strategic Communication*, 39-47. Izdatelski kompleks – UNSS.
- Reporters Without Borders (2019). *2019 World Press Freedom Index*. Retrieved from <https://rsf.org/en/ranking#>
- Rimstead, R. (1996). Mediated lives: Oral histories and cultural memory. *Essays on Canadian Writing*, 60, 139-165.
- Roselle, L., Miskimmon, A., & O'Loughlin, B. (2014). Strategic narrative: A new means to understand soft power. *Media, War & Conflict*, 7(1), 70-84.
- Roy, E. (1994). *Narrative Policy Analysis*. London: Duke University Press.
- Ryan, M.-L., & Thon, J.-N. (2014). *Storyworlds Across Media*. University of Nebraska Press, 380 pp.
- Stochetti, M. (2014). Images and Power in the Digital Age: The Political Role of Digital Visuality. *KOME. An International Journal of Pure Communication Inquiry*, 2(2), 1-16.
- Stochetti, M. (2018). Invisibility, Inequality and the Dialectics of the Real in the Digital Age. *Interações: Sociedade e as novas modernidades* 34, 23-46.



- Vitto, V. (2001, October). *Report of the Defence Science Board Task Force on Management Information*. Washington D. C.: DSBTF&MI.. Retrieved from <http://www.acq.osd.mil/dsb/reports/ADA396312.pdf>
- Walker, A. (2006). Active ageing in employment: Its meaning and potential. *Asia Pacific Review*, 13(1), 78-93.
- WHO (2002). *Active Ageing. A Policy Framework*. World Health Organisation, Geneva.
- Williams, B. A., & Michael, X. D. C. (2011). *After Broadcast News: Media Regimes, Democracy, and the New Information Environment*. New York: Cambridge Univeristy Press.

### Periodicals:

- BeITA/БелТА (2016, December 21). *Raising the retirement age will not hit the life expection of Belarusians – Kovalkov/Повышение пенсионного возраста не ударит по продолжительности жизни белорусов – Ковальков*. Retrieved from <https://www.belta.by/society/view/povyshenie-pensionnogo-vozrasta-ne-udarit-po-prodolzhitelnosti-zhizni-belorusov-kovalkov-224826-2016/>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2017, February 9). *On the bright side of demographics. Experts - about the new state program of demographic security of the country/На светлой стороне демографии. Эксперты – о новой госпрограмме демографической безопасности страны*. Retrieved from <https://www.sb.by/articles/na-svetloy-storone-demografii.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2017, April 3). *Fired due to old age. Forty seven years ago/Уволена по старости. Сорок семь лет назад*. Retrieved from <https://www.sb.by/articles/uvolena-po-starosti-sorok-sem-let-nazad.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2017, June 8). *Hundred years in motion/Сто лет в движении*. Retrieved from <https://www.sb.by/articles/sto-let-v-dvizhenii.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2017, October 27). *The most golden age/Самый золотой возраст*. Retrieved from <https://www.sb.by/articles/samyi-zolotoy-vozrast.html>

**Official Media Discourse of ‘Active Longevity’: an Attempt to Popularize the Idea of the Inclusion of Older People into Society or to Conceal Undesirable Forced Choices**

- BelTA/БелТА (2018, March 8). *REPORT: Age is not an obstacle: Minsk pensioners are actively engaged in yoga and Indian dances/ РЕПОРТАЖ: Возраст не помеха: минские пенсионерки активно занимаются йогой и индийскими танцами*. Retrieved from <https://www.belta.by/special/regions/view/reportazh-vozzrast-ne-pomeha-minskie-pensionerki-aktivno-zanimajutsja-jogoj-i-indijskimi-tantsami-293282-2018/>
- BelTA/БелТА (2018, March 13). *Minsk woman in 85 years old wins marathons and is going to the Galkin show/Минчанка в 85 лет побеждает в марафонах и собирается на шоу к Галкину*. Retrieved from <https://www.belta.by/special/interview/view/minchanka-v-85-let-pobezhdaet-v-marafonah-i-sobiraetsja-na-shou-k-galkinu-6118/>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2018, April 14). *Major geriatrist of the Ministry of Health Lyudmila Zhilevich: “Old age can come in 40 years if you have forgotten how to look at the world positively”/Главный внештатный гериатр Минздрава Людмила Жилевич: «Старость может наступить и в 40 лет, если вы разучились смотреть на мир позитивно»*. Retrieved from <https://www.sb.by/articles/glavnyy-vneshtatnyy-geriatr-minzdrava-lyudmila-zhilevich-starost-mozhet-nastupit-i-v-40-let-esli-vy-.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2018, June 6). *Money love the bill. Pension in the size of an average salary: how to ensure a comfortable old age?/Деньги любят счет. Пенсия размером в среднюю зарплату: как обеспечить себе безбедную старость?* Retrieved from <https://www.sb.by/articles/dengi-lyubyat-schet523625.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2018, August 18). *‘Do not envy anyone and love life’/ «Никому не завидуйте и любите жизнь» Простые правила продлить свой век подсказала читателям «СТ» геронтолог*. Retrieved from <https://www.sb.by/articles/nikomu-ne-zaviduyte-i-lyubite-zhizn.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2018, September 26). *Age does not matter/ Возраст значения не имеет*. Retrieved from <https://www.sb.by/articles/vozzrast-znacheniya-ne-imeet.html>

- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2018, September 29). *Gray legends. What is the average portrait of a nursing home dweller?/Седые легенды. Как выглядит среднестатистический портрет обитателя дома престарелых.* Retrieved from <https://www.sb.by/articles/sedye-legendy324.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2018, October 2). *Belarus wants to expand geriatric care/ В Беларуси хотят расширить службу гериатрической помощи.* Retrieved from <https://www.sb.by/articles/v-belarusi-khotyat-rasshiryat-sluzhbu-geriatricheskoy-pomoshchi.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2018, October 27). *Gene rural longevity/Ген сельского долголетия.* Retrieved from <https://www.sb.by/articles/gen-selskogo-dolgoletiya.html>
- Belarus Today/Беларусь Сегодня (2018, November 6). *These are our years/Такие наши годы.* Retrieved from <https://www.sb.by/articles/takie-nashi-gody.html>
- Republic/Рэспубліка. (2018, December 29). *Ирина Костевич – о столетнем юбилее системы органов по труду и соцзащите, идеальной модели семьи и стратегии активного долголетия.* Retrieved from <http://pravo.by/novosti/obshchestvenno-politicheskie-i-v-oblasti-prava/2018/december/31971/>

## As Tecnologias de Informação e Comunicação no Quotidiano Social da Pessoa Idosa: Breve Revisão Narrativa

**José Mendes**

INTELECTO - Psicologia & Investigação

Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social (IPCDHS)

[josemendes78@gmail.com](mailto:josemendes78@gmail.com)

### Sumário

As novas tecnologias têm-se demonstrado um importante instrumento na promoção da qualidade de vida e segurança das pessoas idosas. A pesquisa centrou-se maioritariamente em estudos publicados nos últimos cinco anos, com o objetivo de compreender a participação das pessoas idosas numa sociedade mediada pela *internet*. Explorou-se a relevância das novas tecnologias de informação e comunicação

(TIC) no quotidiano das pessoas idosas e a importância de melhorar a literacia destas num envelhecimento construtivo. As TIC quando adaptadas às necessidades da pessoa idosa, podem revelar-se uma importante ferramenta na participação de movimentos sociais, promovendo a pessoa idosa numa sociedade em constante transformação tecnológica.

**Palavras-chave:** Idoso, informação, internet, novas tecnologias.

## Information and Communication Technology in Day Life of Elder People: a Brief Review Narrative

### Abstract

New technology was demonstrated an important tool to promote the security and quality of life in older people. This research was centred in publish studies in the last five years. The objective is to understand their participation in society through the internet. New information and communication technology (ICT) were

explored in the older people day life and the importance to improve literacy an aging constructive. ICTs adapted to the needs of the elderly can prove to be an important tool in the participation of social movements, promoting older people in a society in constant technological transformation.

**Keywords:** Older adults, information, internet, new technology.

## INTRODUÇÃO

A população mundial está cada vez mais envelhecida, prevendo-se que os idosos ultrapassem os grupos etários de crianças e adolescentes num futuro próximo (Amorim, Sampaio, Carvalho, & Vilaça, 2018; Carmo & Zazzetta, 2016; Moura, Gosling, Christino, & Macedo, 2017; Santos, Feitosa, & Silva, 2016). Neste sentido, o envelhecimento ativo insere-se de forma muito gradual nas novas tecnologias, especificamente às TIC (Santos et al., 2018).

A tecnologia e a ciência estão presentes no quotidiano de todos os indivíduos, desempenhando um papel determinante na transformação e modificação da economia mundial (Dias, 2005). A evolução social e tecnológica conduz o indivíduo a uma aprendizagem e educação formal ou informal (Ribeiro & Medeiros, 2016).

Tavares et al. (2017) referem que a dimensão social é percecionada como uma das dimensões que contribuem para um envelhecimento saudável. As novas formas de estar e viver dos idosos distinguem-se no processo de envelhecimento, conhecimento de si e participação de atividades cívicas, existindo a necessidade de fornecer o acesso destes às TIC (Ribeiro & Medeiros, 2016).

A discussão sobre os impactos da utilização das TIC são diariamente difundidas pelos meios de comunicação social (i.e., televisão, jornais), no entanto, é na faixa etária dos adolescentes que se concentram a maioria das questões sobre os benefícios e malefícios das TIC no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos mesmos (Silva & Silva, 2017). Medeiros (2016) defende que, perante o aumento da população idosa, existe uma necessidade de reajustamento social, devendo valorizar-se o papel das pessoas idosas e o seu contributo como cidadãos. Salienta-se, assim, a variedade de fatores que influenciam a heterogeneidade no processo de envelhecimento (Katzenstein, Schwartz, & Almeida, 2012), reconhecendo-se a falta de investigação que foque a utilização e dependência das TIC por pessoas idosas (Felizmino & Barbosa, 2018).

Até à segunda metade do século XX, o envelhecimento centrava-se na autonomia do indivíduo (Novo, 2016), envolvendo a componente biológica, social e psicológica (Dias, 2012), onde o processo de envelhecimento, apesar de idêntico em termos biológicos, não deve ser perspectivado de forma comum (Neves, 2016), pois a reconstrução da identidade do envelhecimento é um processo idiossincrásico (Novo, 2016). Medeiros (2016) defende o envelhecimento como um constructo complexo que exige uma atenção multidisciplinar, no intuito de promover a igualdade, a inclusão e o bem-estar psicológico da pessoa idosa.

A pessoa idosa, devido ao aumento da expectativa de vida, procura acompanhar a evolução das TIC (Pereira & Neves, 2011; Verona, Cunha, Pimenta, & Buriti, 2006), existindo, na maioria das vezes, dificuldade por partes das pessoas idosas em compreender e integrar esta nova realidade, excluindo-os de conhecer verdadeiramente a era digital (Pereira & Neves, 2011). Uma das razões pelas quais as pessoas idosas percebem as TIC como difíceis de utilizar (Raymundo & Santana, 2015), pode dever-se ao facto de estas se considerarem redes de comunicação altamente desenvolvidas ou ser resultado do próprio processo de envelhecimento (i.e., visão, motricidade) (Farias, Vitor, Lins, & Pedroza Filho, 2015).

O progresso tecnológico veio privar o idoso do seu papel e prestígio social, no entanto, a introdução das TIC apresentam novas possibilidades e limites na integração da pessoa idosa na sociedade (Dias, 2012). Petersen, Kalempa e Pykosz (2013) defendem a necessidade de o indivíduo envelhecer sem perder conexão com o mundo cada vez mais digital, onde a pessoa idosa pode ocupar o seu tempo e manter um conhecimento contínuo com recurso às TIC, conservando assim a sua saúde mental e manter uma rede de apoio social ativa.

Estudos têm demonstrado a importância das TIC como ferramentas relevantes na realização das atividades instrumentais na vida diária das pessoas idosas de forma a capacitar a sua autonomia e independência (Carmo & Zazzetta, 2016; Souza & Silva, 2016), capacitando-as na prevenção de acidentes domésticos (Campos et al., 2017). As TIC desenvolvem competências a nível de alfabetização e fluência digital (Machado, Grande, Behar, & Luna, 2016) e contribuem para uma saúde preventiva (Santos et al., 2018). Araújo et al. (2017) revelam que as TIC são um avanço da ciência que favorece os diversos serviços de saúde à pessoa idosa.

Apesar de a utilização das TIC pelas pessoas idosas se considerar uma “tecnologia assistiva” (Gil, 2014), Felizmino e Barbosa (2018) mencionam uma forte evolução da utilização das TIC por pessoas idosas nos últimos 10 anos, recorrendo às tecnologias como agente facilitador do quotidiano (i.e., compras, conhecer pessoas), remodelar a sua representação social e otimizar a saída da ociosidade e sedentarismo. As TIC proporcionam às pessoas idosas um estilo de vida saudável, aumentam a sua rede social, contribuem para o bem-estar, melhoram os níveis de independência (Lee, Han, & Chung, 2014) e proporcionam uma infinidade de possibilidades (Carmo & Zazzetta, 2016).

Um estudo de Chopik (2016) revela que são poucos os estudos que avaliam as associações entre a utilização das TIC por razões sociais e a saúde física/psicológica

entre as pessoas idosas. Perante a multiplicidade das TIC na interação, divulgação de mecanismos de mobilização e movimentos sociais, sobretudo pelos jovens (Queiroz, 2017), o desenvolvimento de novas formas de decisão política devido à mediatização da internet (Hayashi, Rigolin, Rothberg, & Hayashi, 2011) e a necessidade da construção partilhada de políticas públicas (Rothberg, 2010), revela-se pertinente compreender qual uso das TIC pelas pessoas idosas na participação em movimentos sociais.

## MÉTODO

Procedeu-se a uma filtragem de publicações elegíveis à revisão de literatura, tendo em consideração as seguintes etapas: i) definição de uma questão de investigação e critérios de elegibilidade; ii) pesquisa de artigos em base de dados (Google Scholar e Ebsco) com aplicação dos operadores booleanos AND e NOT, tendo em consideração as palavras chave: idoso; informação; internet; novas tecnologias. Adotaram-se os critérios de inclusão: i) uma relação entre as palavras chave; ii) as publicações pertencerem ao espaço lusófono e ibero-americano na língua portuguesa, francesa, espanhola e inglesa e iii) a publicação ser de cariz científico em texto completo entre os anos 2014 e 2019.

## RESULTADOS

A filtragem das publicações encontradas nas bases de dados permitiu identificar 24 publicações em texto completo.

### *As TIC nas políticas de inclusão da pessoa idosa*

A inclusão digital, além de contribuir para a inserção social, colabora com um envelhecimento ativo (Souza & Silva, 2016). O acesso equitativo e onipresente permitem que a população alcance o uso das TIC, em que a utilização da internet é propiciada pelo otimismo e proficiência, sendo o fator vulnerabilidade o fator de maior peso na inibição da adoção das TIC pelas pessoas idosas (Farias et al., 2015). No entanto, Raymundo e Santana (2015) observam dois processos contrários: um considerado pelo rápido desenvolvimento das TIC em países desenvolvidos e em

desenvolvimento e o outro pelo rápido envelhecimento da população de países em crescimento.

As pessoas idosas encontram-se no extremo oposto no que se refere à utilização das TIC quanto às gerações mais novas. Os avanços tecnológicos limitam muitas vezes as pessoas idosas de lidar com elementos básicos (e.g., eletrodomésticos mais sofisticados) no seu quotidiano (Santos, Feitosa, & Silva, 2016). A integração das pessoas idosas numa sociedade cada vez mais tecnológica, leva a uma necessidade de estes aprenderem a usar as TIC de forma a se relacionarem com a informação, comunicação digital, criatividade e atividades de lazer (Calvo, Elorriaga, Arruarte, Larrañaga, & Gutiérrez, 2017).

As dificuldades sentidas no uso das TIC podem estar relacionadas com os equipamentos digitais e a pessoa idosa, existindo uma necessidade de aceitação das TIC para que estas se possam inserir no quotidiano do indivíduo (Raymundo & Santana, 2015). O processo educacional das TIC para as pessoas idosas pode considerar-se complexo (Calvo et al., 2017), existindo a necessidade de criar propósitos de aprendizagem que facilitem o processo de ensino/aprendizagem por parte das pessoas idosas, permitindo o acompanhamento da evolução das novas tecnologias (Machado, Grande, Behar, & Luna, 2016).

O surgimento das TIC pode gerar preocupações e desconforto nas pessoas idosas, devido ao receio de estas poderem ser excluídas por não saberem utilizar tais tecnologias (Silva, 2016). Muitas pessoas idosas ainda estão digitalmente excluídas devido aos níveis de escolaridade e baixos rendimentos, revelando-se pertinente um maior investimento de estratégias que promovam a inclusão digital (Carmo & Zazzetta, 2016; Krug, Xavier, & D'Orsi, 2018)

### ***As TIC na promoção de saúde da pessoa idosa***

As TIC consideram-se importantes no quotidiano das pessoas idosas por lhes proporcionar maior autonomia, bem-estar e interação social, pois a conexão e comunicação com o mundo promovem a qualidade de vida das pessoas idosas (Skura, Velho, Francisco, Faria, & Macuch, 2013). Antunes e Abreu (2017) revelam que as TIC, além de proporcionam níveis de bem-estar físico, psicológico e relacionamento interpessoal, permitem a aquisição de novas aprendizagens.

As perdas biológicas na idade avançada obrigam os idosos a selecionar atividades mais significativas, de forma a otimizar as capacidades existentes por meio de práticas e novas tecnologias (OMS, 2015). Souza e Silva (2016) dão como exemplo as



aplicações para *smartphones* se considerarem importantes ferramentas no apoio das atividades instrumentais da vida diária das pessoas idosas. Estas aplicações permitem maior independência e sentimentos de segurança para o idoso e respetivos familiares e cuidadores.

Aspetos inerentes ao envelhecimento, podem inserir-se no quotidiano das pessoas idosas através das TIC. A elaboração de aplicações que promovam a prática de exercício selecionados para a postura, equilíbrio e marcha podem ser aliados na promoção de saúde e prevenção de declínio físico (Santos et al., 2018). Por exemplo, um programa de prevenção de quedas no domicílio com recurso às TIC, pode capacitar as pessoas idosas de maior conhecimento sobre as causas e possíveis acidentes domiciliários, despertando o interesse pelas TIC (Campos et al., 2017).

O envolvimento das TIC no envelhecimento ativo, tem produzido efeitos positivos na perceção que as pessoas idosas têm da sua qualidade de vida e aceitação social (Ferreira, Torres, Mealha, & Veloso, 2015). As TIC, através de aplicativos específicos, permitem e facilitam a comunicação entre as pessoas idosas e o sistema de saúde (e.g., médicos), transmitindo remotamente os sinais vitais e outras informações relevantes que possam colocar em causa o bem-estar e a qualidade de vida da pessoa idosa (Czaja, 2015).

Uma recente revisão de literatura verificou que os aplicativos desenvolvidos para o auxílio nos cuidados e na saúde da pessoa idosa influenciam a exploração das TIC por parte dos idosos (Amorim et al., 2018). Santos et al. (2018) reforçam a necessidade de delinear programas que relacionem o uso de tecnologias e a atividade física ao processo de envelhecimento.

Na sociedade atual, as TIC e a Saúde estão presentes no quotidiano de todos os indivíduos, principalmente nos profissionais de saúde (Schmeil, 2013), agilizam a informação (Santos et al., 2017) e auxiliam a gestão em saúde da pessoa idosa (Romero et al., 2018). No entanto, a pouca exploração das TIC pelos profissionais de saúde (Mota, Torres, Guimarães, Marinho, & Araújo, 2018) e a falta de diretrizes políticas que auxiliem estes profissionais a melhor utilizarem estas tecnologias, criam barreiras no planeamento e acompanhamento de programas de saúde do idoso (Romero et al., 2018).

### ***As TIC e a participação social da pessoa idosa***

A difusão de informação por meio da internet, é considerada como a revolução digital que passou dos meios de comunicação social para formas de difusão de in-

formação mais individualizada (Queiroz, 2017). A partilha de experiências de vida pelas pessoas idosas permite uma produção de conhecimento e desenvolve maior autoestima (Silva, 2016). O consumo cultural pode ser uma oportunidade de a pessoa idosa ter uma participação mais ativa na sociedade (Ferrigno, 2016). O aumento do conhecimento por meio da inclusão digital permite maior comunicação e interação, promovendo a participação em grupos de aprendizagem que propiciem novos hábitos de vida durante o envelhecimento (Carmo & Zazzetta, 2016).

A participação social é reconhecida como um indicador de envelhecimento ativo, influenciando a saúde e o bem-estar das pessoas idosas (Rebellato & Hayashi, 2014). Pinto e Neri (2017) apontam a necessidade de uma maior reflexão da idealização política que coloca em prática a participação social no envelhecimento ativo. Na opinião de Silva (2016), as pessoas idosas percebem a necessidade de uma convivência entre gerações onde as responsabilidades e a definição dos papéis sociais a serem desempenhados, influenciam a construção de uma cultura de civilidade.

A emergência das TIC tem promovido o envelhecimento ativo dotando os indivíduos de competências que contribuem para o menor isolamento, maior relacionamento interpessoal e novas perspectivas de vida (Antunes & Abreu, 2017). Estes autores defendem ainda que as pessoas idosas, por meio das TIC, assumem papéis ativos no seu processo de desenvolvimento. A participação social está intimamente ligada à cultura, crenças, hábitos e recursos disponíveis na comunidade (Pinto & Neri, 2017), salientando-se assim a importância de uma intervenção educativa, por exemplo, a implantação das TIC nas universidades seniores.

O comportamento social das pessoas idosas é influenciado por experiências vividas, existindo a necessidade de estas pessoas estabelecerem vínculos sociais precoces (Pinto & Neri, 2017). Puerta (2016) sugere um envelhecimento construtivo através de experiências educativas, que proporcionem uma aprendizagem contínua entre os diferentes níveis educativos. Este autor destaca que as universidades seniores, devem possuir características específicas e diferenciadas agrupando diferentes temáticas, proporcionando na visão de Ferrigno (2016), uma mudança na representação social das pessoas idosas, pelo interesse que estes mantêm em continuar a aprender.

### **Discussão e considerações finais**

Apurou-se com este trabalho que a maioria das investigações centradas na utilização das TIC pela pessoa idosa se centra no espaço lusófono, tendo como principais temáticas a importância da inclusão desta faixa etária para a utilização das TIC e o

seu impacto na qualidade de vida na pessoa idosa. As investigações realizadas no Brasil revelam, ao longo dos últimos cinco anos, uma preocupação com as políticas de proteção da pessoa idosa. Por sua vez, em Portugal, defende-se o “(RE)Pensar as pessoas idosas no século XXI” por meio de um pensamento articulado, participativo e construtivo (Medeiros, 2016).

Faz-se notar que a investigação na avaliação das TIC pelas pessoas idosas se concentra mais nas vantagens voltadas para o cuidado e capacidades funcionais sendo mais negligenciados aspetos como as potencialidades da utilização das TIC no quotidiano da pessoa idosa (i.e., participação cívica). Apesar de a popularização da *internet* ter desenvolvido novas formas de decisão política e implementação de mecanismos de consulta pública, não se encontraram artigos que manifestem a participação das pessoas idosas em movimentos sociais com recurso às TIC.

Tendo em consideração o modelo de aceitação de tecnologia, em especial, a percepção da facilidade do uso e a percepção da utilidade, comumente aplicado no estudo de Raymundo e Santana (2015), as pesquisas futuras devem concentrar-se em explorar a participação social das pessoas idosas por meio das TIC. Apesar da evolução tecnológica incorporada no quotidiano das pessoas idosas resultar em novos processos de exclusão (Silva, 2016), deve ter-se em consideração as desigualdades sociais e os diferentes níveis de escolaridade (Krug et al., 2018).

O surgimento da *internet* implementou inúmeras formas de comunicar (e.g., *sites*, redes sociais, *blogs*), mas são maioritariamente acedidas pelos jovens (Queiroz, 2017). As políticas de inclusão das TIC no quotidiano das pessoas idosas parecem estar mais direcionadas na capacitação desta tecnologia (Araújo et al., 2017; Krug et al., 2018; Santos et al., 2018) e negligenciam a potencialidade destas numa participação social ativa.

O envolvimento das pessoas idosas em atividades sociais influencia a saúde física e mental, colaborando no bem-estar global (Pinto & Neri, 2017). No entanto, a construção de uma democracia em rede ainda está longe de se tornar uma realidade por meio da criação de tecnologias cívicas criadas pela sociedade civil (Filho & Martins, 2017). Nesse sentido, é emergente desenvolver aplicações por meio das TIC, que permitam às pessoas idosas com necessidades especiais (e.g., questões ergonómicas) o direito as utilizar (Calvo et al., 2017), pois as dificuldades na utilização das TIC traz o desinteresse das pessoas idosas em utilizarem estas ferramentas no seu quotidiano (Batista, Souza, Schwartz, Exner, & Almeida, 2015).

Em conclusão, o presente estudo é comprovado por Medeiros (2016) onde se refere a necessidade de a investigação sobre as pessoas idosas se centrar na construção de um pensamento que otimize as relações intergeracionais, focando a capacidade da pessoa idosa na construção social.

## REFERÊNCIAS

- Amorim, D. N. P., Sampaio, L. V. P., Carvalho, G. A., & Vilaça, K. H. C. (2018). Aplicativos móveis para a saúde e o cuidado de idosos. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 12(1). doi:[10.29397/reciis.v12i1.1365](https://doi.org/10.29397/reciis.v12i1.1365)
- Antunes, M. C., & Abreu, V. (2017). As novas tecnologias na promoção do envelhecimento bem-sucedido. *Ensino e Tecnologia em Revista*, 1(1), 3–15. Retrived from <https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/5885>
- Araújo, S. N. M., Santiago, R. F., Barbosa, C. N. S., Figueiredo, M. L. F., Rangel, E. M. L., & Nery, I. S. (2017). Tecnologias voltadas para o cuidado ao idoso em serviços de saúde: uma revisão integrativa. *Enfermería Global*, 16(2), 562. doi:[10.6018/eglobal.16.2.247241](https://doi.org/10.6018/eglobal.16.2.247241)
- Batista, M. P. P., Souza, F. G., Schwartz, G., Exner, C., & Almeida, M. H. M. (2015). Utilização no cotidiano de tecnologias da informação e comunicação por idosos participantes da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade de São Paulo. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(4), 405–426. Retrived from <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/30257/20930>
- Calvo, I., Elorriaga, J. A., Arruarte, A., Larrañaga, M., & Gutiérrez, J. (2017). Introducing computer-based concept mapping to older adults. *Educational Gerontology*, 43(8), 404–416. doi:[10.1080/03601277.2017.1309635](https://doi.org/10.1080/03601277.2017.1309635)
- Carmo, E. G., & Zazzetta, M. S. (2016). Envelhecimento, novas tecnologias e aposentadoria. Em J. L. R. Costa, A. M. M. R. Costa, & G. F. Junior (Eds.), *O que vamos fazer depois do trabalho? Reflexões sobre a preparação para aposentadoria* (pp. 93–101). doi:[10.7476/9788579837630](https://doi.org/10.7476/9788579837630)

- Dias, I. (2012). O uso das tecnologias digitais entre os seniores: motivações e interesses. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 2012(68). doi:[10.7458/SPP201268693](https://doi.org/10.7458/SPP201268693)
- Dias, M. R. (2005). *Serão os mass media estratégias de saúde?* Lisboa: Climepsi Editores.
- Felizmino, T. D. O., & Barbosa, R. B. (2018). Idosos e dependência de internet: uma revisão bibliográfica. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(1), 139. doi:[10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1669](https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1669)
- Ferrigno, J. C. (2016). O cidadão idoso: consumidor e produtor cultural. Em A. O. Alcântara, A. A. Camarano, & K. C. Giacomini (Eds.), *Política nacional do idoso: velhas e novas questões* (pp. 343–358). Rio de Janeiro: Ipea.
- Filho, H. C. P. P., & Martins, R. A. P. (2017). Um impasse e três saídas para um novo ciclo de tecnologias cívicas livres de participação social. Em J. P. Mehl & S. P. Silva (Eds.), *Cultura Digital, internet e apropriações políticas: Experiências, desafios e horizontes* (pp. 193–202). doi:[10.24328/2017/5473.004/11](https://doi.org/10.24328/2017/5473.004/11)
- Gil, H. T. (2014). *Os cidadãos mais idosos (65+anos) do concelho de Castelo Branco na utilização das TIC, e-Saúde e e-Governo Local*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Retrived fom: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2463/1/Texto%20completo%20ccapa.pdf>
- Hayashi, Ma. C. P., Rigolin, C. C. D., Rothberg, D., & Hayashi, C. R. M. (2011). Democracia digital, participação e disseminação do conhecimento. Em M. C. Hayashi, C. M. Sousa, & D. Rothberg (Eds.), *Apropriação social da ciência e da tecnologia: contribuições para uma agenda* (pp. 191–217). Campina Grande: EDUEPB.
- Katzenstein, T., Schwartz, G., & Almeida, M. H. M. (2012). Reflexões sobre aproximação de idosos a tecnologias de informação e comunicação a partir dos arquétipos Senex\* e Puer. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(3), 203–218. Retrived from <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9883>
- Krug, R. D. R., Xavier, A. J., & D’Orsi, E. (2018). Fatores associados à manutenção do uso da internet, estudo longitudinal EpiFloripa Idoso. *Revista de Saúde Pública*, 52, 37. doi:[10.11606/S1518-8787.2018052000216](https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2018052000216)

**As Tecnologias de Informação e Comunicação no Quotidiano Social da Pessoa Idosa:  
Breve Revisão Narrativa**

- Lee, E., Han, S., & Chung, Y. (2014). Internet Use of Consumers Aged 40 and Over: Factors That Influence Full Adoption. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 42(9), 1563–1574. doi:[10.2224/sbp.2014.42.9.1563](https://doi.org/10.2224/sbp.2014.42.9.1563)
- Machado, L. R., Grande, T. P. F., Behar, P. A., & Luna, F. M. R. (2016). Mapeamento de competências digitais: a inclusão social dos idosos. *ETD - Educação Temática Digital*, 18(4), 903. doi:[10.20396/etd.v18i4.8644207](https://doi.org/10.20396/etd.v18i4.8644207)
- Medeiros, T. (2016). *(Re)Pensar as pessoas idosas no século XXI*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Mota, D. N., Torres, R. agosto M., Guimarães, J. M. X., Marinho, M. N. A. S. B., & Araújo, A. F. (2018). Tecnologias da informação e comunicação: influências no trabalho da estratégia Saúde da Família. *Journal of Health Informatics*, 10(2), 45–49. Retrived from <http://www.jhi-sbis.saude.ws/ojs-jhi/index.php/jhi-sbis/article/viewFile/563/330>
- Moura, A. C., Gosling, M. D. S., Christino, J. M. M., & Macedo, S. B. (2017). Aceitação e uso da tecnologia para escolha de destinos turísticos por pessoas da terceira idade: um estudo usando a UTAUT2. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 11(2), 239. doi:[10.7784/rbtur.v11i2.1277](https://doi.org/10.7784/rbtur.v11i2.1277)
- Neves, M. C. P. (2016). No nosso segundo aniversário, o envelhecimento... Em T. Medeiros (Eds.), *(Re)Pensar as pessoas idosas no século XXI* (pp. 31–45). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Novo, R. F. (2016). Desenvolvimento e envelhecimento: velhas e novas metáforas. Em T. Medeiros (Eds.), *(Re)Pensar as pessoas idosas no século XXI* (pp. 47-70). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Pinto, J. M., & Neri, A. L. (2017). Trajectories of social participation in old age: a systematic literature review. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(2), 259–272. doi:[10.1590/1981-22562017020.160077](https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160077)
- Puerta, J. A. (2016). Las Universidades para mayores en España: un espacio para el envejecimiento construtivo. Em T. Medeiros (Eds.), *(RE)Pensar as pessoas idosas no século XXI* (pp. 313–328). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Queiroz, E. F. C. (2017). Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. *Panorama*, 7(1), 2. doi:[10.18224/pan.v7i1.5574](https://doi.org/10.18224/pan.v7i1.5574)

- Raymundo, T. M., & Santana, C. da S. (2015). Elderly perception about the new technologies. *Inteligencia Artificial*, 18(55), 12. doi:[10.4114/intartif.vol18iss-55pp12-25](https://doi.org/10.4114/intartif.vol18iss-55pp12-25)
- Rebellato, C., & Hayashi, M. C. (2014). Participação social do idoso: estudo bibliométrico da produção científica recente (2010-2013). *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 8(3), 264–287. Retrived from <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/444>
- Ribeiro, E., & Medeiros, T. (2016). Educação sénior: a voz de estudantes adultos em idade avançada. Em T. Medeiros (Eds), *(Re)Pensar as pessoas idosas no século XXI* (pp. 241–264). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Romero, D. E., Castanheira, D., Marques, A. P., Muzy, J., Sabbadini, L., & Silva, R. S. (2018). Metodologia integrada de acompanhamento de políticas públicas e situação de saúde: o SISAP-Idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(8), 2641–2650. doi:[10.1590/1413-81232018238.10302016](https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.10302016)
- Rothberg, D. (2010). Contribuições a uma teoria da democracia digital como suporte à formulação de políticas públicas. *Revista CTS*, 14(5), 87–105. Retrived from <http://www.revistacts.net/volumen-5-numero-14/90-articulos/311-contribuicoes-a-uma-teoria-da-democracia-digital-como-suporte-a-formulacao-de-politicas-publicas>
- Santos, C. M. V. T., Andrade, J. A., Amorim, A. do C., Garcia, P. A., Carvalho, G. A., & Vilaça, K. H. C. (2018). Application on mobile platform “Idoso Ativo” (Active Aging): exercises for lower limbs combining technology and health. *Fisioterapia em Movimento*, 31. doi:[10.1590/1980-5918.031.ao17](https://doi.org/10.1590/1980-5918.031.ao17)
- Santos, D. B., Feitosa, E. T., & Silva, R. O. (2016). O uso de tecnologias pela população idosa brasileira. *Tecnologias em Projeção*, 7(2), 80–87. Retrived from <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao4/article/view/697>
- Santos, A. F., Fonseca S. D., Araujo, L. L., Procópio, C. S. D., Lopes, É. A. S., Lima, A. M. L., ... Matta-Machado, A. T. (2017). Incorporação de Tecnologias de Informação e Comunicação e qualidade na atenção básica em saúde no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(5). doi:[10.1590/0102-311x00172815](https://doi.org/10.1590/0102-311x00172815)

**As Tecnologias de Informação e Comunicação no Quotidiano Social da Pessoa Idosa:  
Breve Revisão Narrativa**

- Schmeil, M. A. (2013). Saúde e Tecnologia da Informação e Comunicação. *Fisioterapia em Movimento*, 26(3), 477–478. doi:[10.1590/S0103-51502013000300001](https://doi.org/10.1590/S0103-51502013000300001)
- Silva, M. R. F. (2016). Envelhecimento e proteção social: aproximações entre Brasil, América Latina e Portugal. *Serviço Social & Sociedade*, 126, 215–234. doi:[10.1590/0101-6628.066](https://doi.org/10.1590/0101-6628.066)
- Silva, M. C. (2016). As tecnologias de comunicação na memória dos idosos. *Serviço Social & Sociedade*, (126), 379–389. doi:[10.1590/0101-6628.074](https://doi.org/10.1590/0101-6628.074)
- Silva, T. O., & Silva, L. T. G. (2017). Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conetados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, 34(103), 87–97. Retrived from [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009)
- Tavares, R. E., Jesus, M. C. P., Machado, D. R., Braga, V. A. S., Tocantins, F. R., & Merighi, M. A. B. (2017). Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(6), 878–889. doi:[10.1590/1981-22562017020.170091](https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.170091)



# Impacto social de la política de legalización de *Cannabis sativa* (marihuana) en Uruguay

Ignacio Pablo Traversa Tejero

SNI. Sistema Nacional de Investigadores, Uruguay - [igtraversa@gmail.com](mailto:igtraversa@gmail.com)

## Resumen

La Marihuana (*Cannabis sativa* L.) es una planta con fines múltiples, el psicoactivo es el más diversificado y globalizado. En Uruguay esta droga fue legalizada, el objetivo de ésta investigación fue conocer el impacto social de su legalización. Fueron aplicados cuestionarios en seis municipios. Se encontró que la droga provoca efectos múltiples, un tercio de los uruguayos la probó al menos una vez, los canales de acceso a la droga son

informales, aunque las vías legales alcanzan un tercio del total. Las tres cuartas partes de la población desconoce el objetivo de la ley, por lo que su valoración cuantitativa en escala 1-10 es poco favorable (4,3). Además, piensan que conduce al consumo de otras drogas y que afecta el trabajo, el estudio y la vida social. El consumo es independiente del nivel económico. La población cree que la ley atrae al turismo cannábico.

**Palabras clave:** *Cannabis*, política pública, impacto social, psicoactivo.

# Impacto social da política de legalização da *Cannabis sativa* (marijuana) no Uruguai

## Sumário

A marijuana (*Cannabis sativa* L.) é uma planta com múltiplos usos, a psicoativa é a mais diversificada e globalizada. No Uruguai esta droga foi legalizada. O objetivo deste estudo foi identificar o impacto social da sua legalização. Foram aplicados questionários em seis municípios. Verificou-se que a droga causa múltiplos efeitos, um terço dos uruguaios já a utilizaram pelo menos uma vez, e que os canais de acesso ao medicamento são

informais, embora os meios legais cheguem a um terço do total dos inquiridos. Três quartos da população desconhecem o objetivo da lei, portanto a sua avaliação quantitativa na escala 1-10 é desfavorável (4,3). Além disso, consideram que a legalização leva ao consumo de outras drogas e afeta o trabalho, o estudo e a vida social. O consumo é independente do nível econômico. A população inquirida acredita que a lei atrai o turismo de cannabis.

**Palavras-chave:** *Cannabis*, política pública, impacto social, psicoativo.

## Social impact of legalization of *Cannabis sativa* (marijuana) in Uruguay

### Abstract

Marijuana (*Cannabis sativa* L.) is a multi-purpose plant, the psychoactive is the most diversified and globalized. In Uruguay this drug was legalized, the objective of this investigation was to know the impact of its legalization. Questionnaires were applied in six municipalities. It was found that the drug causes multiple effects, a third of Uruguayans tested it at least once, the access channels to the drug are informal, although legal means

reach a third of the total. Three-quarters of the population does not know the purpose of the law, so its quantitative assessment on a 1-10 scale is unfavorable (4.3). In addition, they think that it leads to the consumption of other drugs and that it affects work, study and social life. The consumption is independent of the economic. Half of the interviewees believe that the law attracts cannabis tourism.

**Keywords:** *Cannabis*, public politics, social impact, psychoactive.

### 1. INTRODUCCIÓN

Hace más de 4000 años, la Marihuana (*Cannabis sativa* L.) ha sido utilizada con múltiples fines, tales como: médicos, recreativos y religiosos, a partir de fibras textiles, usos medicinales, propósitos recreativos, en la gastronomía, y en lienzos para pinturas. Sus hojas presentan resina y contienen cerca de cuatrocientos compuestos químicos de los cuales sesenta pertenecen al grupo de los cannabinoides (Rodríguez et al., 2005). Esta planta posee propiedades psicoactivas y es considerada una de las drogas más consumidas en el mundo (UNODC, 2012)

En diferentes países, algunos de los factores que favorecen el consumo de drogas ilícitas son: el carácter competitivo de la actual sociedad, la incomunicación social, la discriminación, el abandono, la desorganización de la estructura familiar, los antecedentes familiares de consumo de alcohol y la existencia de redes de narcotráfico en gran parte del mundo (Quiroga et al., 2008).

En el Uruguay, ciertos sectores sociales se movilaron por la legalización del cannabis en 2007 cuando se unieron tres organizaciones constitutivas: Laplacita, Prolegal y Plantatuplanta (Filardo et al., 2012); en tiempos en que los sectores políticos ya

proponían su legalización como una medida dirigida desde la óptica de seguridad y protección hacia los derechos de los usuarios (Repetto, 2014). A partir del debate sobre la elaboración y implementación de esta ley se empezó a construir en la sociedad uruguaya un escenario con menos prejuicios, creando nuevas narrativas que posibilitaron un análisis más crítico y profundo y abierto a nuevas alternativas de políticas flexibilizadoras (de Armas Bernardi, 2016), sobretodo, considerando el fin medicinal popularizado que jugó a favor de la legalización (León Cam, 2017).

En marzo de 2011 en Uruguay se introdujo una proyecto de ley que luego no prosperó, en este se proponía permitir el porte de 25 gr. de marihuana, con la autorización de sembrar ocho plantitas (Filardo et al., 2012). A la fecha mencionada Uruguay es el único país de la región que ha aprobado la legalización de la marihuana (Rodríguez Florez, 2013), con la permisión del cultivo de seis plantas y un máximo de 480 gramos de recolección anual (Ley 19.172-2014, 2014).

Luego del alcohol y del tabaco, la marihuana es la droga más consumida en Uruguay, para acceder a ella los consumidores debían delinquir al entrar en el mercado de narcotráfico (Rovira et al., 2014). De acuerdo con Repetto (2014) con la Ley N°. 19.172 del año 2014 se pretendería interferir en los negocios de los narcotraficantes, teniendo como resultado adicional un aumento en los ingresos fiscales para el estado, además de permitir que las fábricas médicas, farmacéuticas y demás productoras de sustancias lícitas puedan hacer uso de cannabis para la creación de nuevos estupeficientes. Por su parte, Arocena y Aguiar (2017) mencionan que el poder ejecutivo de Uruguay apostó a que la regulación de la producción de *C. sativa* pueda ser una forma eficaz de combatir parte del narcotráfico y de esta manera contribuir a disminuir el crimen y la violencia.

Bajo la hipótesis de trabajo de falta de información y desconocimiento por parte de los ciudadanos o una posible polarización sobre el tema, los objetivos implicados en esta investigación están enfocados a conocer el impacto de la legalización de ésta droga a la vez de identificar la posible existencia del turismo cannábico sobre todo en la zona norte del país donde existe una frontera “seca” con el Brasil de fácil tránsito para el turista. De acuerdo con el Índice de desarrollo humano (IDH) la zona fronteriza tiene a Uruguay con un valor de 0,765 (escala 0-1) ocupando la posición 52 del ranking y a Brasil (0,699) ocupando la posición 73 (PNUD, 2010a).

## 2. METODOLOGÍA

### Área de estudio

El área muestreada se correspondió con los departamentos fronterizos del norte del Uruguay con Brasil. Esta frontera es más virtual que real dado que se permite un tránsito facilitado de personas y un fácil acceso de los turistas, es por ello que fueron analizados los departamentos uruguayos de Artigas, Rivera, Cerro Largo Tacuarembó y los municipios brasileros de Santana do Livramento y Quaraí. La faja fronteriza se extiende en la dirección sureste-noroeste. Se trata de una región que concentra la población en las ciudades, debido a ello la toma de datos se realizó en las capitales municipales. Solamente el departamento de Rivera concentra un 31% del total de la población de los cuatro departamentos uruguayos fronterizos (Mazzei & de Souza, 2013). Los departamentos uruguayos analizados fueron: Artigas, Rivera, Tacuarembó y Cerro Largo (Figura 1).



Figura 1. Área relevada (departamentos) de Uruguay.

En los últimos años ha ocurrido un leve descenso de la población fronteriza uruguaya, de acuerdo con la serie histórica la distribución poblacional fue de 326.333 personas (1996) y 329.657 personas (2011); por su parte, en la frontera brasilera ocurrió un fenómeno semejante, el censo del año 2000 estimó un total de 481.899 personas y el censo del año 2010, 468.821 habitantes (Mazzei & de Souza, 2013). El índice de desarrollo humano (valores 0-1) regional es muy similar para todos los municipios estudiados: Artigas 0,727, Rivera 0,739, Cerro Largo 0,720, Tacuarembó 0,736 (OTU, 2010), Quaraí 0,704, Livramento 0,727 (PNUD, 2010b).

### Recolección de datos

Se definieron espacios públicos como aquellas zonas con acceso no limitado, de uso compartido, que son oportunidades de encuentro, de aparición del otro, vinculadas al habitar común (Filardo et al., 2012). En estos espacios se aplicaron cuestionarios mixtos (preguntas abiertas y cerradas) (Baranger, 2006). Se diseñó y aplicó una encuesta (Valdés Vento et al., 2009), a manera de entrevista informal consistente en una conversación oral entre dos personas (entrevistado y entrevistador) (Roesch, 2009; Marconi & Lakatos, 2011). Las preguntas cerradas fueron tipificadas para facilitar la codificación y su posterior procesamiento (Baranger, 2006).

El tamaño de la muestra (n) fue seleccionado teniendo en cuenta la distribución normal estándar:

$$n = \frac{(Z_{\alpha})^2 * p(1-p)}{m^2}$$

donde “ $Z_{\alpha}$ ” (1,96) fue el nivel de confianza para un  $\alpha = 0,05$  (confianza 95%), “p” (0,05) fue la probabilidad estimada (5%); “m” el margen de error admisible de 5%, (valor estandarizado 0,05) (Infante & Zárate de Lara, 1994). De acuerdo con la fórmula anterior, el valor de n es igual a 73 unidades de muestreo para cada departamento (municipio) estudiado. Para los seis municipios estudiados fueron necesarias 438 unidades de muestreo. A los efectos de cubrir con más seguridad el margen de error los entrevistados fueron 440 personas). Fueron ocho variables estudiadas en los encuestados: si se declara consumidor de marihuana, si conoce los efectos a la hora de consumirla, su postura frente a la legalización de la Marihuana, si tiene conocimiento sobre la razón de la implementación de la ley, si manifiesta interés en la

marihuana, los usos que se le podría dar a la marihuana, la valoración del impacto de la legalización en Uruguay y las consecuencias sobre la Marihuana. De manera global, se consideró impacto social como la sumatoria de las percepciones de los sujetos frente a los aspectos considerados en los cuestionarios que fueron aplicados durante el período de julio a noviembre de 2018, derivados de la implementación de la ley 19172, promulgada por el Poder Ejecutivo en diciembre de 2013 y reglamentada en mayo de 2014.

### Procesamiento de Datos

Los datos recabados fueron procesados por medio de funciones estadísticas de la planilla de cálculo Microsoft Excel, en donde se aplicaron métodos de análisis numéricos (parámetros de tendencia central y de dispersión), métodos tabulares y métodos gráficos (Baranger, 2009). Los resultados de los cuestionarios se agruparon por frecuencias absolutas ( $f_i$ ) y por frecuencias relativas ( $h_i$ ), esta última calculada como  $f_i$  sobre el número total de observaciones ( $n$ ). Se consideró a la frecuencia relativa como un buen estimador de la probabilidad teórica buscada cuando el tamaño de la muestra es grande (Spiegel et al., 2014).

Las respuestas a las preguntas abiertas del cuestionario (no tipificadas, ej. efectos del consumo) fueron categorizadas por afinidad o similitud de las afirmaciones para poder así estimar las frecuencias relativas (probabilidad).

## 3. RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Las drogas estimulantes producen: aumento de la atención, estado de alerta, actividad psicomotora y del sistema nervioso autónomo, actúan sobre mecanismos neurológicos produciendo placer conductual, usurpan los mecanismos dopaminérgicos pero no producen efecto de saciedad, es decir que el aumento de la dopamina no se detiene (mecanismo básico de la adicción) (Mazzei, 2018). En esta investigación fue hallado que quienes son consumidores manifestaron efectos muy variados (Tabla 1).

Tabla 1  
*Efectos de C. sativa por frecuencias*

Efecto	Frecuencia relativa	Frecuencia relativa (%)
Relajación-paz	0,196	19,6
Alegría-Felicidad-Risas	0,121	12,1
Euforia-Excitación-Adrenalina	0,112	11,2
Sueño	0,112	11,2
Hambre	0,089	8,9
Tranquilidad	0,075	7,5
Alucinaciones y Delirio	0,037	3,7
Bienestar-placer	0,028	2,8
Desorientación-Descoordinación-Desconcentración	0,023	2,3
Mareos	0,023	2,3
Alivio-Calmante	0,023	2,3
Hipersensibilidad	0,019	1,9
Sed	0,019	1,9
Aburrimiento-Pereza	0,014	1,4
Sedante	0,014	1,4
Taquicardia-Presión alta	0,014	1,4
Vómitos	0,014	1,4
Ansiedad	0,009	0,9
Ojos rojos	0,009	0,9
Pánico	0,009	0,9
Reanimación	0,009	0,9
Tristeza-Depresión	0,009	0,9
Calor	0,005	0,5
Disminución de conciencia	0,005	0,5
Insomnio	0,005	0,5
Violencia	0,005	0,5
Total	1,000	100,0

## Impacto social de la política de legalización de Cannabis sativa (marihuana) en Uruguay

Los hallazgos concuerdan con Ruiz y Próspero (2014) quienes afirman que la marihuana provoca una serie de cambios en múltiples sistemas neuroquímicos y deteriora las funciones cognitivas al provocar que el cerebro procese más lentamente la información que percibe del medio ambiente. De acuerdo con Escobar Toledo et al. (2009) serían los cannabinoídeos los causales, dado que tienen efectos duales de agresividad y apatía.

La población fronteriza estudiada revela un apreciable nivel de consumo de *C. sativa*, aproximadamente un tercio de los entrevistados han consumido alguna vez o regularmente (Tabla 2).

Tabla 2  
*Efectos de C. sativa por frecuencias.*

Nivel de consumo	frecuencia relativa %
nunca consumieron	68,1
alguna vez consumieron	22,4
regularmente consumen	9,5
Total	100,0

A nivel mundial el nivel de consumo se mantuvo relativamente bajo, no obstante, en los años sesenta, estudios demostraron un aumento drástico del consumo de marihuana con fines recreativos, principalmente en adolescentes y adultos jóvenes (Rodríguez, 2012). En el año 2006, la marihuana era la droga ilegal más consumida en Uruguay, no obstante sólo el 12,2% de la población declaraba haber experimentado esta droga alguna vez en su vida, con un consumo mayor en Montevideo (16,7 %) contra apenas el 6,6 % en interior del país que es el área que se corresponde con esta investigación (ONU, 2006).

La extensión del consumo a nivel mundial tiene vínculos con la creación de canales o vías de adquisición del producto; en Uruguay todavía se encuentran niveles altos de canales informales de adquisición, donde el mercado negro constituye aún el 40%, aunque no son despreciables los modos formales de compra en farmacias y de autocultivo quienes sumados totalizan un tercio del total (Tabla 3).



Tabla 3  
*Modos de adquisición de C. sativa.*

Modo de adquisición	Frecuencia relativa %	Frecuencia absoluta
Mercado negro- boca de droga	39,5	85
amigos-conocidos-vecinos	21,9	47
farmacias	17,2	37
autocultivo-plantación	15,3	33
plazas-bailes	2,8	6
Total	96,7	208

Cuestionados los encuestados sobre los objetivos de la implementación de la legalización de *C. sativa*, aproximadamente las tres cuartas partes manifestaron no saber el porqué y el 20% para combatir el narcotráfico (Tabla 4).

Tabla 4  
*Objetivos de la Ley de legalización de C. sativa.*

Objetivo de la Ley	Frecuencia relativa %
no sabe	77,40
combate narcotráfico	18,08
control compra-venta	2,17
ganancias al estado	0,54
controlar consumidores	0,54
permitir venta en farmacias	0,36
reducir el consumo	0,18
aumentar la seguridad	0,18
abaratarse el producto	0,18
facilitarle al consumidor	0,18
obtención de votos	0,18
Total	100,00

Una asociación recurrente unifica droga y delincuencia, esta transitiva aparece en todo el espacio social y con particular intensidad en las posiciones económicas inferiores y en las personas mayores, en la medida que disminuye la edad aparecen matices, distinciones, fundamentalmente entre la marihuana y la pasta base (Filardo et al., 2012).

## Impacto social de la política de legalización de Cannabis sativa (marihuana) en Uruguay

En este estudio se encontró una postura mayoritaria poco favorable ante la ley, dado que el 73% de los encuestados no tiene interés sobre el tema frente a una minoría de 27% que si lo tiene. En cuanto a la postura frente a la legalización 36% dijo estar de acuerdo, 46% en desacuerdo y el resto no saber y en relación a la valoración del impacto de la ley, el reporte más frecuente fue regular (40% aproximadamente), no obstante la valoración mala y muy mala sumadas totalizan otro 40% (Figura 2). En escala numérica (1-10) la valoración tiene un promedio de 4,3 un desvío estándar 6,1.

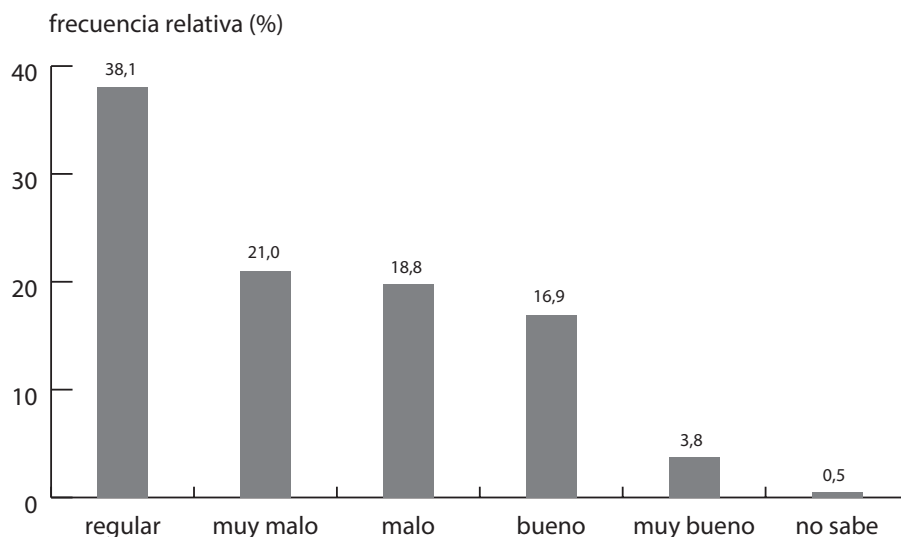


Figura 2. Valoración del impacto de la legalización de *C. sativa*.

En Montevideo, la percepción de un aumento del consumo y sus consecuencias públicas se extiende en todo el espacio social, pero la interpretación dada a sus consecuencias y la retórica fundante varían en relación con la edad, por ejemplo entre los más mayores predomina una visión más lejana, más abstracta de la droga, que equipara a las distintas sustancias ilegales en un conjunto, y que las asocia rápidamente con la delincuencia, también creciente (Filardo et al., 2012). Es posible que esta valoración negativa general esté basada en la creencia de que *C. sativa* induce al consumo de otras drogas (73%). De los entrevistados 287 del total manifestaron el vínculo con una amplia diversidad de drogas (Tabla 5) y (Figura 3).

Tabla 5

*Vínculo de C. sativa con otras drogas.*

Inducción a otras drogas	Frecuencia absoluta	Frecuencia relativa %
cocaína	106	36,9
pasta base	44	15,3
crack	43	15,0
alcohol	27	9,4
todas	25	8,7
éxtasis	11	3,8
tabaco	10	3,5
lsd	14	4,9
heroína	4	1,4
metanfetaminas	2	0,7
opio	1	0,3
Total	287	100,0

La droga extraída de *C. sativa* es la más consumida en el mundo, mantiene un ritmo de crecimiento sostenido y una disminución en la edad de inicio. En las últimas décadas la percepción de riesgo asociada al consumo entre estudiantes de secundaria, descendió de 60% en 1994 a 37% en 2004, lo cual da la pauta de una relación entre alto consumo y baja percepción o noción de riesgo (CONACE, 2005). Además, hay estudios que muestran que existe una relación entre el consumo de marihuana y el rendimiento académico (Gorosteguy & Viani, 2009).

## Impacto social de la política de legalización de Cannabis sativa (marihuana) en Uruguay

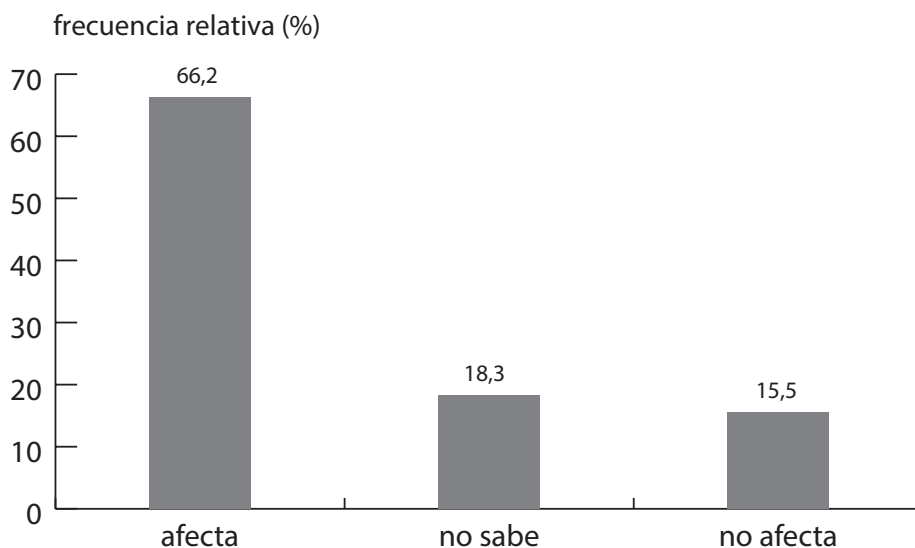


Figura 3. Postura frente a la afección de *C. sativa*.

La marihuana consumida esporádicamente y en pequeñas dosis promueve distintas alteraciones que van desde lo sensorial, a lo motor entre otras (Monckeberg, 2014). Se encontró que los cannabinoides, impactan negativamente en la memoria a corto plazo, en la memoria de trabajo, en la atención, en la toma de decisiones y la interacción entre los eventos cognitivos y la emoción y quizás tengan plausibilidad con problemas tales como accidentes de tránsito (Torres & Fiestas 2012). Existiría una predisposición al consumo según la edad, a modo de ejemplo, en los adolescentes está muy extendido y es uno de los factores de riesgo más importantes para el desarrollo de problemas sociales y de salud en edades más avanzadas (Muñoz-Rivas et al., 2005).

Las opiniones marcan que la afección de *C. sativa* no se correlaciona con los estratos socioeconómicos de las personas, dado que las tres cuartas partes entienden que individuos de todas las condiciones económicas están predispuestos a su afección (Figura 4).

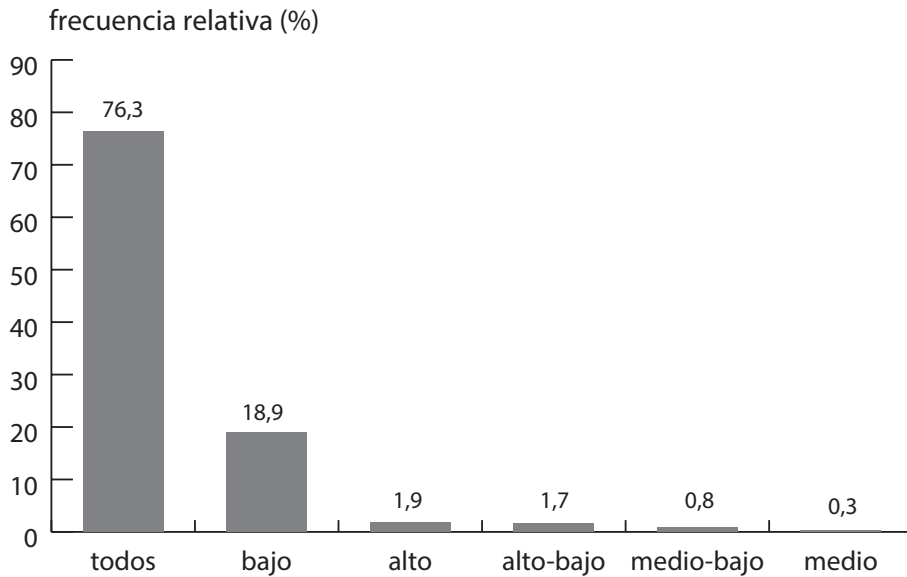


Figura 4. Postura frente a la afección de *C. sativa* según estrato socioeconómico.

Existen tres variedades de la planta Cannabis: *C. sativa*, *C. indica* y *C. ruderalis*, la primera es de África, el Caribe y América Latina. La variedad índica crece en Asia, mientras que la variedad ruderalis crece en el norte de Europa (Ramos & Fernández, 2000). En cuanto al conocimiento sobre la biología de la planta, de los respondientes, la gran mayoría identifica la hoja (57%), asimismo la gran mayoría no tiene idea de los requerimientos de cultivo (Tabla 6). Las semillas de la *C. Sativa* necesitan condiciones óptimas para desarrollarse, entre las cuales es necesario resaltar factores tales como: temperatura, humedad, fotoperíodo e intensidad luminosa, su germinación es en primavera, las plantas luego comienzan a crecer para florecer en verano, llegando al otoño cuando es posible la cosecha (López et al., 2014).

Tabla 6

*Conocimiento sobre la biología de C. sativa.*

Parte identificada	Frecuencia absoluta	Frecuencia relativa %
hoja	196	56,5
flor	77	22,2
aroma	44	12,7
planta	25	7,2
semilla	5	1,4
Total	347	100,0

Cuidados de la planta	Frecuencia absoluta	Frecuencia relativa %
no sabe	346	91,1
luz	15	3,9
calor-luz-agua	9	2,4
calor-luz	8	2,1
luz-agua	1	0,3
calor	1	0,3
Total	380	1,000

Las drogas estimulantes producen: aumento de la atención, estado de alerta, actividad psicomotora y del sistema nervioso autónomo. Actúan sobre mecanismos neurológicos produciendo placer conductual, usurpan los mecanismos dopaminérgicos pero no producen efecto de saciedad, es decir que el aumento de la dopamina no se detiene produciéndose sensibilización dopaminérgica, el mecanismo básico de la adicción (Mazzei, 2018). La planta del *Cannabis* sp. es químicamente compleja tiene más de 460 componentes que se dividen en cannabidiolos y cannabinoles. Los componentes activos del *Cannabis* sp. son efectivos para el tratamiento del dolor, náuseas (por quimo), anorexia por sida, entre otros, pero se deben evaluar rigurosamente sus efectos (Rodríguez Florez, 2013). Actualmente se ha demostrado que los cannabinoides pueden tener cierta acción terapéutica en: desórdenes neurológicos, lesiones medulares, alteraciones del movimiento, enfermedad de Parkinson, epilepsia y problemas cardiovasculares. (Zozaya Aldana et al., 2011), de hecho una alta proporción de los entrevistados reconoció el efecto medicinal de la marihuana y un vínculo saludable (Tabla 7).

Tabla 7

*Vínculo de los entrevistados con C. sativa y creencia sobre sus usos reales o potenciales.*

Vínculo de la marihuana	Frecuencia absoluta	Frecuencia relativa %
saludable	130	31,0
narcotráfico	126	30,0
legal	110	26,2
dañina	54	12,9
Total	420	100,0

Creencia sobre los usos	Frecuencia absoluta	Frecuencia relativa %
medicinal recreativo	188	44,76
medicinal	100	23,81
no sabe	68	16,19
recreativo	60	14,29
otros (investigaciones)	4	0,95
Total	420	100,00

El aceite de *C. sativa* es un producto resinoso y pegajoso que se obtiene al eliminar el solvente de los extractos que contienen los cannabinoides de los cogollos de la planta y que se preparan con diferentes solventes (butano, alcohol isopropílico, etanol o hexano). Su contenido de tetrahidrocannabinol (THC) y cannabidiol CBD puede variar según la variedad del vegetal y las condiciones de elaboración. La técnica de extracción con etanol es una de las más antiguas. En los años cincuenta era conocida como tintura de cannabis y a su vez éste estaba disponible en las farmacias para consumo de cualquier cliente (León Cam, 2017). El THC y sus análogos pueden proporcionar una mejor opción terapéutica en la enfermedad del Alzheimer así como contrarrestar sus síntomas y la progresión de la enfermedad (Eubanks et al., 2006).

Por último una proporción importante de los entrevistados casi 50% entiende que la liberalización de *C. sativa* atrae al turismo no obstante lo anterior en Uruguay se exige un registro del consumidor nacional (Figura 5).

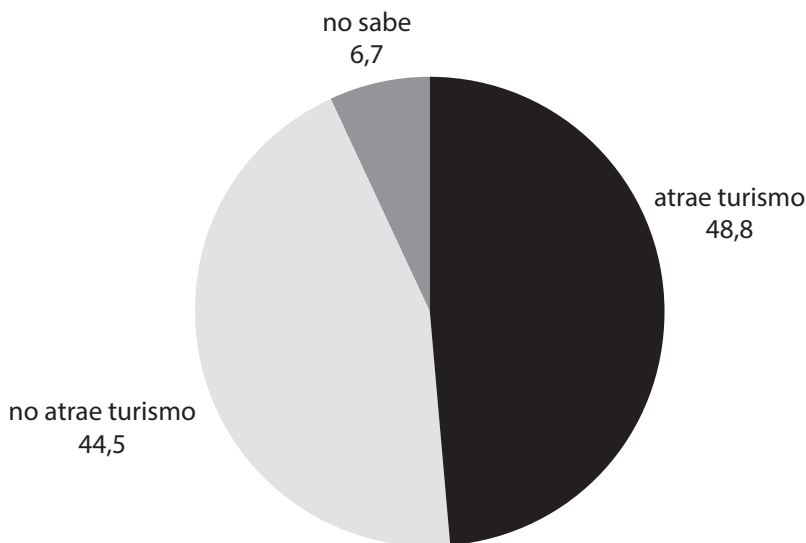


Figura 5. Postura frente a la afección de *C. sativa* según estrato socioeconómico.

#### 4. CONSIDERACIONES FINALES

La línea argumentativa de la legalización del *Cannabis* pasó por la evidencia de una expansión del consumo correlacionada con un aumento de la legitimidad social, sumado a que las políticas prohibicionistas no habían logrado reducir el consumo; junto a esto la inconsistencia de un consumo legal amarrado a un acceso ilegal que a su vez podía llevar a la adicción de sustancias más fuertes.

Los efectos de *C. sativa* son muy diversos y duales, es posible establecer que por lo menos un tercio de los uruguayos fronterizos del norte del país, ha probado al menos una vez esta droga por medio de canales principalmente informales, aunque las vías legales producto de la implantación de la ley ya alcanzan un tercio del total, sea por medio de la compra en farmacias o por el autocultivo. Teniendo en cuenta que la gran mayoría de los entrevistados nunca habían consumido cannabis (68,1%) es posible entender o correlacionar que también un alto porcentaje de encuestados no conozcan los objetivos de la ley de legalización del cannabis (77,4%) y que sólo un 20% crea que es una forma de combatir el narcotráfico. Es por ello, que la valoración cuantitativa en escala 1-10 sea poco favorable (4,3) y que la mayoría se manifieste en estar en desacuerdo con la ley.



Otras líneas argumentativas en pro de la legalización del Cannabis pasaron por la generación de un marco legal seguro y propicio para la reducción de daños de otras drogas más tóxicas y adictivas; sumado a ello, el reconocimiento en el terreno de la salud que la marihuana es menos nociva que drogas legales como alcohol y tabaco. No obstante, se encontró en esta investigación que la opinión más general de la población es que este psicoactivo conduce al consumo de otras drogas (tres cuartas partes) y que afecta el trabajo el estudio y la vida social (dos tercios). Además, las tres cuartas partes creen que su consumo es independiente del estrato socioeconómico afectando a todos por igual. En cuanto al reconocimiento de la planta la mayoría la reconoce por la hoja (60%), sin embargo en relación a su biología el 90%, desconoce los factores necesarios para el crecimiento y desarrollo de las plántulas. Un 30% reconoce el poder medicinal de la marihuana y un 50% entiende que la promulgación de la ley atrae al turismo cannábico.

Es posible que el mercado legal se encuentre desplazando paulatinamente al mercado ilegal provocándole una estrangulación por la falta de dinero que esté dejando de circular; si la hipótesis estuviere ajustada podría asociarse a escenarios de conflictividad en el circuito ilegal con derivaciones ulteriores producto de la reventa de la droga comprada en el circuito legal.

Finalmente, es posible que el impacto de la legalización implique asumir y atender este problema social en las edades tempranas de la educación formal. Durante la formación de ciudadanía quizás será necesario abordar tópicos que marquen el foco en responder a los niños y adolescentes sobre: que es la marihuana, sus efectos de medio y largo plazo, su relación con el consumo de otras drogas, su relación con el embarazo, la libertad de elección sobre las propias conductas, su asociación con conductas de riesgo, su adicción y relación con la habilidad para conducir, su vínculo con las relaciones familiares, el rendimiento académico el trabajo y la vida social y por último la existencia de los posibles tratamientos disponibles en el país. No menos importante resultaría socializar los gastos relacionados con las drogas así como continuar con la medición de impacto de las políticas de control de drogas. Como líneas proyectivas de esta investigación se recomienda el análisis del discurso público y su influencia en la formación de opinión, sobre todo en la prensa, donde las drogas y la marihuana son referidas fundamentalmente como objetos de tráfico y asociadas con la delincuencia.

## REFERENCIAS

- Arocena, F., & Aguiar, S. (2017). Tres leyes innovadoras en Uruguay: Aborto, matrimonio homosexual y regulación de la marihuana. *Revista de Ciencias Sociales*, 30(40), 43-62. Recuperado en 21 de junio de 2018, de [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0797-55382017000100003&lng=es&tlng=es](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0797-55382017000100003&lng=es&tlng=es)
- Baranger, D. (2006). Construcción y análisis de datos. Introducción al uso de técnicas cuantitativas en la investigación social. In Posadas Canales Cerón, *Metodologías de investigación social*. 1ª ed. Santiago: Lom Ediciones.
- CONACE. Comisión Nacional para el Control de Estupefacentes. (2006). *Sexto estudio nacional de drogas en población escolar de Chile, 2005, 8º básico a 4º medio*. Chile: Informe final.
- de Armas Bernardi, C. (2016). 'Legalización del cannabis en Uruguay; representaciones sociales y medios de comunicación'. Universidad de la República (Uruguay). Facultad de Psicología.
- Escobar Toledo, I., Berrouet Mejía, M., & González Ramírez, D. (2009). Mecanismos moleculares de la adicción a la marihuana. *Revista Colombiana de Psiquiatría*, 38 (1), 126-142.
- Eubanks, L. M., Rogers, C. J., Albert, E., Koob, G. F., Olson, A. J., Dickerson, T. J., & Janda, K. D. (2006). A molecular link between the active component of marijuana and alzheimer's disease pathology. *Mol. Pharm.*, 3(6) 773-777.
- Filardo, V., Aguiar, S., Musto C., & Pieri, D. (2012). La marihuana provoca esquizofrenia. Espacio público y drogas en Uruguay. Comisión Sectorial de Investigación Científica. UDELAR. Universidad de la República, Uruguay.
- Fundación Daya. (2017). *Cannabis: Evidencia Científica de uso medicinal, regulación y políticas públicas*. Recuperado 22 de agosto de 2018 de <http://cannabismedicinal.cl/wp-content/uploads/2017/10/Evidencia-Cannabis-Medicinal-2017.pdf>

- Gorosteguy, A., & Viani, S. (2009). Adolescentes consumidores de marihuana: implicaciones para la familia y la escuela. *Revista Salud Mental*. Recuperado 29 de agosto de 2018 de <http://www.medigraphic.com/cgi-bin/new/resumen.cgi?IDARTICULO=21989>
- INE. Instituto Nacional de Estadística. (2017). *Uruguay en cifras*. Recuperado de <http://www.ine.gub.uy>
- Infante G. S., & Zárata de Lara, G. P. (1994). *Métodos estadísticos*. México: Ed. Trillas.
- Instituto Brasileiro de Geografía y Estadística. Censo 2010 (2010). Recuperado de <https://censo2010.ibge.gov.br>
- León Cam, J. (2017). El aceite de Cannabis. *Revista de la Sociedad Química del Perú*, 83 (3), 261-263.
- Ley 19. 172-2014. (2014). Legalización de la marihuana. Uruguay. Recuperado de <https://www.presidencia.gub.uy/comunicacion/comunicacionnoticias/promulgacion-regulacion-cannabis>
- López, A. G., Brindis, F., Cristians Niizawa, S., & Ventura Martínez, R. (2014). Cannabis sativa L., una planta singular. *Revista Mexicana de Ciencias Farmacéuticas*, 45 (4). Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=57940028004>
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2011). *Metodología Científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas.
- Mazzei, E., & De Souza, M. (2013). *La Frontera en Cifras*. Melo. Departamento de Cerro Largo 2012. CBA. Montevideo.
- Mazzei, J. A. (2018). Problemática del consumo de Cannabis. *Revista Americana de Medicina Respiratoria*, 18 (2).
- Monckeberg, F. (2014). *Los pro y contra de la marihuana*. Chile. Recuperado de [https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0370-41062014000200014&script=sci\\_arttext&tlng=en](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0370-41062014000200014&script=sci_arttext&tlng=en)
- Muñoz-Rivas, M., & Andreu, J., Gutiérrez P. (2005). Género y continuidad en el consumo de alcohol, tabaco y cannabis en jóvenes. *Salud y drogas*, 5 (2), 67-79.

## Impacto social de la política de legalización de Cannabis sativa (marihuana) en Uruguay

- ONU. Organización de las Naciones Unidas. (2006), Jóvenes y drogas en países sudamericanos: un desafío para las políticas públicas. Primer estudio comparativo sobre uso de drogas en población escolar secundaria.
- OTU. (2010). Observatorio territorio Uruguay. Recuperado de [http://www.otu.opp.gub.uy/sites/default/files/docsBiblioteca/IDH%20-%20S%C3%ADntesis%20metodol%C3%B3gica%20y%20de%20resultados\\_2.pdf](http://www.otu.opp.gub.uy/sites/default/files/docsBiblioteca/IDH%20-%20S%C3%ADntesis%20metodol%C3%B3gica%20y%20de%20resultados_2.pdf)
- PNUD. (2010a). Programa Naciones Unidas Desarrollo. Recuperado de [http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr\\_2010\\_es\\_complete\\_reprint.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2010_es_complete_reprint.pdf)
- PNUD. (2010b). Recuperado de <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>
- Quiroga, P. N., Yohena, I., Contartese, C. M., González, H., & López, C. M. (2008). Profile of consumption of cocaine, cannabis and opiates in the toxicology laboratory CENATOXA. *Acta bioquímica clínica latinoamericana*, 42(4), 549-555. Recuperado en 29 de agosto de 2018, de [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0325-29572008000400006&lng=es&tlng=en](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0325-29572008000400006&lng=es&tlng=en)
- Ramos, J. A., & Fernández, J. (2000). Cannabinoides: propiedades químicas y aspectos metabólicos. *Adicciones*, 12(2), 41-58.
- Repetto, L. (2014). Regulación del cannabis: ¿un asunto de seguridad? Entrada y mantenimiento en agenda de un problema de política pública. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, 23(1), 119-141. Recuperado en 29 de agosto de 2018, de [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-499X201400100005&lng=es&tlng=pt](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-499X201400100005&lng=es&tlng=pt)
- Rodríguez Florez, M. E. (2013). *Desafíos que enfrenta el debate y la propuesta de la legalización del Cannabis*. TIPS Trabajos de investigación en Políticas Públicas. Recuperado de <http://new.econ.uchile.cl/uploads/publicacion/eb05aa230306d9187a71b345ce8ea11e6f511832.pdf>
- Rodríguez, R. (2012). Los productos de Cannabis sativa: situación actual y perspectivas en medicina. *Salud Mental*, Vol. 35, 247-256.
- Rodríguez, U., Carrillo, E., & Soto, E. (2005). Cannabinoides: Neurobiología y usos médicos. *Revista Elementos*. Vol. 60, 3-9. Recuperado 20 de junio, 2018 de <http://www.elementos.buap.mx/num60/pdf/3.pdf>

- Roesch, S. M. A. 2009. *Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração*. 3ª ed. São Paulo: Atlas.
- Rovira, F., Decia, J. P., & La Rosa, G. (2014). La nueva legislación uruguaya sobre marihuana y sus derivados. *Cadena Ibero-Americana*, (vol 3), 1-12. Recuperado de <http://publicaciones.fmdv.org/ojs/index.php/cuadernosderechosanitario/article/viewFile/130/153>
- Ruiz, A., & Prospero, O. (2014). La marihuana. *Revista ciencia*. Enero-marzo, 62-69. Recuperado de: <https://www.revistaciencia.amc.edu.mx/images/revista/65/1/PDF/Marihuana.pdf>
- Spiegel, M. R., Lipschutz, S., & Liu, J. 2014. *Fórmulas y tablas de matemática aplicada*. (4ª Ed.) México: McGraw Hill.
- Torres, G., & Fiestas, F. (2012).. Efectos de la Marihuana en la cognición: una revisión desde la perspectiva neurobiológica. *Rev Peru Med Exp Salud Publica*. 29(1), 127-34.
- UNODC. (2012). *Oficina de las Naciones Unidas contra la droga y el delito. Informe Mundial sobre las Drogas*. Nueva York: Naciones Unidas. Recuperado de [https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/WDR2012/WDR\\_2012\\_Spanish\\_web.pdf](https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/WDR2012/WDR_2012_Spanish_web.pdf)
- Valdés Vento, A. C., Morales Suárez, I. R., Díaz Cabrera, J. C., Sánchez Fuentes, A. L. & Cuallar Álvarez, R. (2009). Criterios de evaluación de la variable “pertinencia e impacto social” específicos para la carrera de Medicina. *Educación Médica Superior*, 23(3), 45-62. Recuperado de <http://scielo.sld.cu/pdf/ems/v23n3/ems05309.pdf>
- Zozaya Aldana, B., Medina Rodriguez, I., & Tamayo Pineda, N. (2011). Cannabinoides y su posible uso en el glaucoma. *Revista Cubana de Farmacia*, 45(3), 439-448 Recuperado en 30 de agosto de 2018, de [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75152011000300013&lng=es&tlng=es](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75152011000300013&lng=es&tlng=es)

# Psicanálise e Vida: Mitologia e Cinema<sup>1</sup>

Henrique Testa Vicente

Instituto Superior Miguel Torga - [henrique.t.vicente@gmail.com](mailto:henrique.t.vicente@gmail.com)

## Resumo

O presente ensaio equaciona a relação entre mito e busca de conhecimento na vida do ser humano, nomeadamente com a actividade criadora, na sua dupla vertente artística e científica. Tomando como ponto de partida diversos apontamentos biográficos de Freud, o lugar que conferiu à psicanálise aplicada na sua obra e as referências aos mitos da antiguidade, são analisadas duas produções cinematográficas contemporâneas de ficção científica: as trilogias de “*Star Wars*” e “*Back to the Future*”. Estas análises permitem ilustrar de que forma o campo mitológico (em particular, o mito edipiano) é reatualizado nas narrati-

vas cinematográficas. O cinema pode assim ser perspectivado como um palco de eleição para a “redescoberta” dos mitos pelo espectador, tal como o teatro e a tragédia de Sófocles permitiram a Freud visitar o mito edipiano e pensar o desenvolvimento do ser humano. A análise psicanalítica das obras cinematográficas entabulada, bem como a reflexão sobre a actividade criadora de Freud, facultam suporte empírico adicional à conexão entre mitos e vínculo do conhecimento, proposta por Wilfred Bion, os quais se constituem, ontem como hoje, “geradores” de arte e ciência.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Mitologia, Cinema, *Star Wars*, *Back to the Future*

# Psychoanalysis and Life: Mythology and Cinema<sup>2</sup>

## Abstract

This paper addresses the relation between myth and search for knowledge through artistic and scientific creative endeavours. Starting from Freud's biographical sketches,

the importance he conferred to applied psychoanalysis and the references he made to Classical Antiquity myths in his body of work, two contemporary cinematic productions of

1 Oração de sapiência proferida em 21 de Novembro de 2018 na Cerimónia Solene de Abertura do Ano Lectivo no Instituto Superior Miguel Torga. O autor gostaria de expressar a sua gratidão ao Prof. Dr. Carlos Farate pelo apoio na delimitação do escopo deste ensaio, pelo diálogo reflexivo e criativo sobre o tema, pelas valiosas sugestões e críticas, e finalmente pela revisão do manuscrito final.

2 Public lecture at the Solemn Opening Ceremony of the Academic Year at the Miguel Torga Institute of Higher Education (November 21, 2018). The author would like to express his gratitude to Professor Carlos Farate for his support in delimiting the scope of this essay, for the reflective and creative dialogue on the subject, for his invaluable suggestions and remarks, and lastly for the revision of the final manuscript.

science fiction are analysed: “Star Wars” and “Back to the Future” trilogies. These analyses allow to illustrate how the mythological field (in particular, the Oedipus myth) is reupdated in cinematographic narratives. Cinema can thus be seen as a prime stage for the “re-discovery” of myths by the spectator, just as Sophocles’ theatre and tragedy allowed Freud to revisit the Oedipus myth and propose an innovative theory of human developmental

processes. The psychoanalytic analysis of cinematographic works, as well as the inquiry into Freud’s creative activity when confronted with the inescapable transience of life, provide additional empirical support for the intimate connection between myths and links of knowledge proposed by Wilfred Bion. Myths seem to constitute, then as today, “generators” of art and science.

**Keywords:** Psychoanalysis, Mythology, Cinema, Star Wars, Back to the Future

*Vita brevis breviter in brevi finietur,  
Mors venit velociter quae neminem veretur,  
Omnia mors perimit et nulli miseretur.  
Ad mortem festinamus peccare desistamus.*

*Ni conversus fueris et sicut puer factus  
Et vitam mutaveris in meliores actus,  
Intrare non poteris regnum Dei beatus.  
Ad mortem festinamus peccare desistamus.<sup>3</sup>*

Excerto do virelai “*Ad mortem festinamus*”  
Llibre Vermell de Montserrat (séc. XIV)

---

<sup>3</sup> A vida é breve e muito em breve terminará,  
Depressa vem a morte que perante ninguém se detém,  
Tudo a morte aniquila e de ninguém tem piedade.  
[Porque] para a morte nos precipitamos, do pecado desistamos.

Se não te virares para trás e ao estado de criança regressares,  
Se não mudares de vida e nela melhores actos fizeres,  
Nunca poderás, abençoado, no reino de Deus entrar.  
[Porque] para a morte nos precipitamos, do pecado desistamos.

I

Em 1898, quando se encontrava a analisar o sonho das “Três Parcas”, as associações livres de Freud conduzem-no a uma recordação de infância muito particular, associada a uma cruel e amarga verdade existencial (Anzieu, 1959/1990; Razinsky, 2013): “quando eu tinha seis anos e recebia as primeiras lições da minha mãe, esperava-se que eu acreditasse que era feito de pó e teria pois de voltar ao pó. Mas isso não me satisfazia e pus a doutrina em causa” (Freud, 1900/2009, p. 152). Este *memento mori* materno teria sido o primeiro contacto de Freud com a noção da transitoriedade e fugacidade da vida humana (“deves à natureza uma morte”), e na auto-análise empreendida muitos anos mais tarde desemboca no seguinte pensamento onírico: “não devemos deixar escapar nada; devemos apanhar tudo o que pudermos, mesmo à custa de um pequeno delito; nunca devemos deixar escapar uma oportunidade; a vida é muito curta e a morte inevitável” (Freud, 1900/2009, p. 153).

O espectro da morte pairou diversas vezes sobre o criador da psicanálise. Na obra “*Le corps de l’œuvre*”, Anzieu (1981) aproxima o trabalho criador do trabalho do luto, assinalando que foi nos momentos em que a sombra da morte se abateu sobre Freud que se operaram importantes “descolagens” criadoras. Anzieu (1981) refere que por quatro vezes esta sombra se avolumou no seu horizonte, e por quatro vezes desencadeou expressivas transmutações na sua obra.

A primeira ocorreu na primavera de 1894. A entrada na segunda metade da existência (crise de meia idade) acoplada a um problema cardíaco passageiro (miocardite pós-infecciosa ou trombose coronária benigna) trazem consigo o pensamento da sua morte pessoal (Anzieu, 1959/1990). Quando se encontra completamente restabelecido, na primavera do ano seguinte, apodera-se dele um sentimento de urgência em terminar a obra que havia começado, que conduz a uma série de decisões cruciais. A tomada de consciência da sua finitude traz como corolário um afastamento de tudo e todos que sente desviarem-no de prosseguir o seu caminho. Distancia-se de Josef Breuer, com quem havia recentemente publicado os “Estudos sobre a histeria” (1895), que sente não o acompanhar (e até o retardar) na exploração da sexualidade infantil, começa finalmente a estudar os sonhos, fenómeno psíquico que o fascinava, e inicia o processo de auto-análise.

A segunda experiência está associada, não a uma morte imaginada no futuro, mas a uma perda real no presente. O falecimento do pai Jacob em 1896 vai exigir um doloroso trabalho de luto e uma descida aos infernos, ao jeito de Eneias, com quem



faz uma identificação heróica. Tal como o herói grego, filho dos vencidos de Tróia, cabe-lhe agora mergulhar no submundo para reencontrar a imagem do pai perdido (da figura de autoridade serena que marcou a sua infância) (Fine, 1981), e reemergir das profundezas para fundar uma nova cidade: a psicanálise. O fruto deste trabalho de luto é “A interpretação dos sonhos”, obra publicada em 1900 que marcará indelevelmente a centúria seguinte.

O terceiro confronto com a morte ocorre em 1912, precisamente no auge do conflito com Carl Gustav Jung, que estimava como um filho mais velho e considerava seu sucessor e príncipe herdeiro (McGuire, 1974), um antagonismo que conduzirá a uma derradeira, amarga e dolorosa separação. Em Munique, no final de uma reunião de trabalho que visava apaziguar as animosidades entre ambos, Freud desmaia e ao acordar desabafa que “deve ser doce morrer”. Desta crise surgirão as obras “Totem e tabu” em 1913 e “Sobre o narcisismo” em 1914.

O quarto e último episódio ocorre com a entrada na velhice, tendo como pano de fundo, não apenas a morte de familiares próximos e os massacres da Primeira Guerra Mundial, mas também o crescente reconhecimento da psicanálise pela comunidade científica. A obra edificada, porque finalizada, perde o seu valor, e Freud enfrenta a necessidade de voltar a criar ou então resignar-se a morrer silenciosa e lentamente. Esta última descolagem criadora opera-se entre 1916 e 1923, e ao contrário das anteriores não deriva de um corte com mestres ou colegas, nem tampouco do trabalho de luto por familiares queridos, mas antes de uma ruptura consigo mesmo e com o seu trabalho, que o encaminha para uma remodelação significativa da teoria psicanalítica.

É neste contexto que surge “Além do princípio do prazer” (1920), obra em que Freud reformula a sua teoria dualista dos instintos, alojando no cerne do ser humano uma polaridade dinâmica e conflitual entre pulsões de vida, cujo objectivo seria a preservação, união e ligação do organismo em unidades de complexidade crescente, e as pulsões de morte, uma força antagonista que visaria a dissolução, destruição e desintegração de tudo o que existe. Como é seu apanágio, Freud (1920, p. 61) confere às pulsões de vida substrato mítico, fazendo uma correspondência entre as mesmas e uma divindade antiga, “o Eros dos poetas e filósofos, o qual mantém unidas todas as coisas vivas”.

Segundo a Teogonia de Hesíodo (1990), Eros era o mais belo entre os deuses imortais, fazendo parte do círculo restrito de elementos primordiais do universo, juntamente com Caos (vazio primitivo), Gaia (Terra, mãe universal de todos os se-

res) e Tártaro (o abismo, a escuridão primeva, o mais profundo dos infernos). Eros, enquanto divindade primordial, “provoca ou inspira a inexplicável atracção entre os seres, para os unir sexualmente e procriar outros. O seu poder não só aproxima, une, mistura, varia as espécies animais e vegetais, como os minerais, os líquidos e fluídos” (Lamas, 1961/2000, p. 288). Eros detém um papel indispensável na criação do Cosmos, pois sem a sua intervenção o Caos, enquanto estado primitivo do mundo que contém os princípios de todos os seres, não teria conseguido gerar as restantes divindades (Lamas, 1961/2000).

No Banquete de Platão, todos os convivas se desfazem em louvores ao deus Eros, o mais honrado, poderoso, benemérito e nobre entre os deuses. Mas entretanto intervem Sócrates, que revela o erro fundamental em que a verborreica assembleia estava a cair: confundir aquilo que se ama, o objecto do amor (que por ser amado é coberto de elogios) com o porquê de se amar, a essência do amor (deseja-se porque se sente falta e carência de algo). Recuperando a sabedoria da sacerdotisa Diotima de Mantinea, Sócrates esclarece a plateia sobre a genealogia de Eros, que seria o filho da Pobreza (Pénia) e do Expediente (Poros), filho da Sabedoria. O Amor nasceu assim pobre da parte mãe, mas pleno de recursos por parte do pai, um filósofo e feiticeiro maltrapilho, ávido de sabedoria e corajoso, que deambula pela terra, descalço e sem-abrigo. Na perspectiva de Sócrates (ou melhor, de Diotima)....

Eros seria desde o início essa carência que (...) alimenta uma energia poderosa e inventiva e arranca o homem da sua miséria ontológica. O amor (...) é na essência esta força sublime, esta energia que ajuda os homens a atingir a única forma de imortalidade que está ao seu alcance. A imitação de imortalidade que se obtém ao sobreviver por intermédio de uma criança ou de uma obra. (Lancelin e Lemonnier, 2010, p. 34)

A eternidade para aqueles que concebem um novo ser humano com o corpo e para aqueles que com a alma engendram algo valoroso. Será então sob a égide de Eros, em oposição a Thanatos, que se pode compreender a actividade criadora de Freud como uma forma de lutar contra a morte e afirmar uma convicção de imortalidade (Anzieu, 1981), um desmentido cabal da teoria que a mãe lhe transmitira na infância, com a qual não se contentou.

Praticamente toda a obra científica de Freud é pontuada pela referência aos mitos da antiguidade, que considerava “vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos

de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem” (Freud, 1908, p. 142), uma espécie de “precipitado” da actividade imaginativa do homem primitivo (Freud, 1926) que condensava realidades psicológicas e culturais profundas (Fleming, 2003).

Embora mito e conhecimento tenham sido precocemente desvinculados e colocados em campos opostos na história do pensamento (Belmont, 2005), mito e ciência estão intimamente conectados. Para Maria Lamas (1961/2000, p. 13), o mito é um campo experimental dos valores humanos e “uma das primeiras manifestações da inteligência e inquietação humanas”. Ainda seguindo a mesma linha de pensamento, Guirand (2006, p. 16) considera que os mitos “traduzem, de modo figurado, a experiência dos sábios, as meditações dos filósofos”, constituindo a primeira encarnação do Logos junto do ser humano.

Entre os vários mitos que Freud convoca ao longo da sua extensa bibliografia, importa naturalmente abordar a lenda de Édipo, referenciada pela primeira vez por Freud em 1897 numa carta endereçada a Fliess e explorada em detalhe na obra “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2009). É impossível subestimar o papel do mito edípiano na história da psicanálise. Ele constitui a pedra angular sobre a qual se erguerá o edifício psicanalítico. Como refere Bion (1963), o mito edípiano foi o instrumento utilizado por Freud para descobrir a psicanálise, e a psicanálise, por seu turno, o instrumento que lhe possibilitou a descoberta do Complexo de Édipo, ponto nodal do desenvolvimento do ser humano.

Édipo foi o filho dos reis de Tebas, Laio e Jocasta, abandonado à morte no monte Citéron por sobre ele pairar a terrível profecia que iria assassinar o pai. Resgatado da morte certa por um pastor, Édipo é adoptado pelos reis de Corinto, que nunca lhe contaram as vicissitudes das suas origens, criando-o como filho biológico. Quando anos mais tarde a sua filiação é questionada, Édipo confronta os pais adoptivos que nada revelam. Resolve então consultar o oráculo de Delfos, que não o elucida acerca da sua filiação, mas revela o seu fado: mataria o pai e casaria com a mãe. Horrorizado com o destino de parricida incestuoso que lhe era vaticinado, Édipo resolve fugir de Corinto, para longe daquela que acreditava ser a sua casa, e precipita-se sobre Tebas. Nesse caminho encontra e mata um desconhecido numa disputa sobre o direito de passagem. A vítima deste confronto era na verdade Laio, o próprio pai de Édipo que desta forma cumpria metade da profecia. Ao aproximar-se de Tebas resolve o enigma da Esfinge, libertando a cidade deste monstro fabuloso, e como prémio pelo feito é-lhe concedida a mão da recém-enviuada rainha Jocasta em casamento, cumprindo assim na totalidade a predição do oráculo (Freud, 1900/2009; Guirand, 2006).

O drama da peça de Sófocles tem início, *in media res*, precisamente neste ponto da história. Passaram anos e Édipo é um rei amado pelos seus súbditos, tendo já quatro filhos do seu casamento com Jocasta, quando uma nova pestilência se abate sobre Tebas. Ao consultar o oráculo este declara que a praga é um castigo divino por ainda não ter sido encontrado e expulso do país o assassino de Laio. Édipo assume prontamente o desafio de descobrir o culpado, que na verdade é ele próprio, e a acção da peça consiste num desvendar gradual desta realidade atroz. A tragédia de Édipo é afinal a tragédia da condição humana, de um Homem que se move nas trevas, condicionado pela cegueira da ignorância, iludido pela limitação e imperfeição do seu conhecimento (Fialho, 1999). A “aquisição dolorosa da lucidez” (Fialho, 1999, p. 31), o deciframento do crime de Édipo, é por isso equacionada por Freud (1900/2009) como análoga ao trabalho desenvolvido num processo de psicanálise.

Para além de constituir um modelo do processo psicanalítico, Freud (1900/2009) considerava que o encantamento que a peça de Sófocles exercia sobre incontáveis gerações de espectadores residiria no facto de colocar no espaço cénico a realização dos desejos amorosos e hostis em relação aos pais que, enquanto criança, todo o ser humano experienciou, mas que depois esqueceu por acção do recalçamento: “Como Édipo, vivemos na ignorância dos desejos que ofendem a moral, dos desejos que a natureza nos impôs, e cuja revelação nos levará talvez a preferir desviar o olhar das cenas da nossa infância” (Freud, 1900/2009, p. 192). Para o fundador da psicanálise existiria uma homologia estrutural e histórica entre sonhos e mitos (Fleming, 2003), pelo que a lenda edípiana teria emergido de um material onírico primitivo provocado pelos primeiros impulsos sexuais. Para sustentar esta hipótese, Freud (1900/2009) recorre a uma passagem do próprio texto de Sófocles, em que Jocasta procura consolar Édipo, referindo que os homens frequentemente sonham em deitar-se com a mãe, mas que estes devaneios oníricos nada representam de significativo, não devendo por isso motivar preocupações desnecessárias.

Que pode um homem temer, se está sujeito à lei do acaso e em nada lhe é possível uma presciência clara? Melhor é viver à deriva, como cada um puder. E não vivas no temor das núpcias de tua mãe: é que muitos foram já os mortais que em sonhos a sua mãe se uniram. Mas quem destas coisas não cuida, a esse mais fácil lhe é suportar a vida. (Sófocles, 1999, p. 117)

Estas palavras de Jocasta ecoam a asserção frequentemente difundida de que viver embalado pelas ondas suaves da ignorância é uma bênção. Não foi esse o caminho navegado pelo Édipo da tragédia de Sófocles, nem por Freud, que sob a injunção socrática de que uma vida não reflectida e examinada não é digna ser vivida, continuaram determinados em busca do conhecimento proibido. “Não, pelos deuses, se é que tens a tua vida em alguma conta, não indagues mais” (Sófocles, 1999, p. 126), implora Jocasta. Mas Édipo mostra-se inabalável perante as súplicas, imbuído por um amor à verdade que o leva a responder “as minhas raízes, por mais humildes que sejam, é meu intento conhecê-las” (Sófocles, 1999, p. 127).

A importância do mito edípiano foi igualmente sublinhada pelo psicanalista britânico Wilfred Bion, que identifica similitudes estruturais significativas com dois outros grandes mitos da humanidade: o mito do Éden e o mito da Torre de Babel. Em todas estas narrativas míticas é possível encontrar um deus onisciente e onipotente, uma atitude de curiosidade e desafio que comporta um castigo (expulsão do paraíso no mito edénico; confusão de línguas e destruição da capacidade de comunicar no mito de Babel; cegueira e desterro inglório no mito de Édipo) e um modelo para o crescimento mental (respectivamente, a árvore do conhecimento, a torre que atingia o Céu e o enigma da Esfinge). No desenvolvimento e crescimento do ser humano é a curiosidade que estimula a busca de conhecimento, o acesso ao saber, e que pode levar o indivíduo à descoberta da sua verdade, mas o temor do desconhecido e a intolerância à dor estão sempre à espreita, e podem conduzir ao adiamento ou mesmo à anulação desta procura (Fleming, 2003; Grinberg, Sor e Bianchedi, 1972). Nesta perspectiva, Édipo pode ser considerado um herói psicanalítico, não tanto porque matou o pai e dormiu com a mãe, mas porque teve a tolerância à dor necessária para levar a cabo um penoso e dramático processo de autoconhecimento, porque não desistiu de procurar a verdade sobre si, mesmo quando confrontado com os veementes desencorajamentos de Tirésias e Jocasta.

O mito encontra-se assim no alfa e ômega da teoria psicanalítica freudiana. No princípio Édipo enquanto símbolo do conhecimento, no final Eros como símbolo do amor. A conjugação destes elementos permite assim equacionar que no âmago da psicanálise, na sua matriz originária e desenvolvimentos subsequentes, está simplesmente inscrito o amor pelo conhecimento (proibido).

### II

Quando Freud utiliza pela primeira vez o termo “psicanálise” em 1896, este refere-se apenas ao método psicoterapêutico que inicialmente desenvolveu juntamente com Breuer para o tratamento de pacientes neuróticos e permitia explorar “os obscuros caminhos da ideação inconsciente” (Freud, 1896, p. 150). Mas o trabalho criativo de Freud cedo transformou a psicanálise em algo mais do que um simples procedimento psicoterapêutico, passando a incluir igualmente um método de investigação de processos mentais inacessíveis baseado na interpretação do significado inconsciente de comportamentos, palavras e produções imaginárias conducente a uma teoria original da mente, “uma coleção de informações psicológicas (...) que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica” (Freud, 1923, p. 253; Laplanche e Pontalis, 1985). Para que esta evolução se concretizasse e a psicanálise adquirisse o estatuto de ciência muito contribuíram os estudos do que se convencionou denominar “psicanálise aplicada”, que consistem na utilização do método psicanalítico em áreas distintas (e distantes) da clínica psicológica, como a literatura, as artes plásticas, o teatro, o cinema, os estudos religiosos, a mitologia, a antropologia ou a sociologia (Mijolla-Mellor, 2005; Roudinesco e Plon, 1998).

Na visão de Freud, as aplicações da psicanálise “extramuros” (Laplanche, 1988) do consultório eram essenciais e serviam vários objectivos. Primeiramente constituíam um modo adicional de confirmar as descobertas emanantes da investigação clínica, aumentar o valor da teoria psicanalítica e reforçar a intemporalidade dos elementos inconscientes (Balaban, 2012; Freud, 1926; Mijolla-Mellor, 2005). Em segundo lugar, permitiam atingir um público mais vasto, tornando mais conhecidos os “estranhos achados” da psicanálise (Freud, 1915-1916). Por último, e talvez o mais importante, facultavam à psicanálise a possibilidade de se desvincular definitivamente da tutela da medicina<sup>4</sup>. Estes estudos mostravam que a psicanálise não era apenas um méto-

---

4 Esta questão era particularmente sensível para Freud que em “A questão da análise leiga” (1926, p. 238) comentava: “Pois não consideramos absolutamente conveniente para uma psicanálise ser devorada pela medicina e encontrar seu último lugar de repouso num livro de texto de psiquiatria sob a epígrafe ‘Métodos de Tratamento’, juntamente com procedimentos tais como sugestão hipnótica, auto-sugestão e persuasão, que, nascidas da nossa ignorância, têm de agradecer a indolência e a covardia da humanidade por seus efeitos efêmeros. Merece melhor destino e, pode-se esperar, o terá. (...) O emprego da análise para o tratamento das neuroses é somente uma das suas aplicações; o futuro talvez demonstre que não é o mais importante”.

do psicoterapêutico subjacente à psiquiatria, mas uma ciência por direito próprio: a ciência do inconsciente, “indispensável a todas as ciências que se interessam pela evolução da civilização humana e suas principais instituições como a arte, a religião e a ordem social” (Freud, 1926, p. 238). Retomando a metáfora mitológica, a psicanálise aplicada seria a ambrósia que ajudaria a psicanálise a atingir a imortalidade e a conquistar o seu legítimo lugar no Olimpo das ciências.

Neste contexto a análise de obras literárias e das artes plásticas tornou-se um campo particularmente fértil, frequentemente laborado por Freud e seus seguidores (Mijolla-Mellor, 2005). O fundador da psicanálise afirmava a sua admiração incensurável pelos artistas. Para ele o artista era muito similar ao neurótico, mas com uma diferença significativa. Também ele se afastava da realidade para o mundo da fantasia, mas conseguia encontrar o caminho de volta através da criação de uma obra que satisfazia imaginariamente os seus desejos inconscientes. Assim, enquanto o sonho nocturno é narcísico e associal, a obra de arte é uma espécie de sonho público e partilhado, capaz de evocar no espectador os mesmos desejos inconscientes que presidiram à sua criação e que frequentemente fazem parte da condição humana (Freud, 1925). Por esse motivo, Freud debruçou-se sobre diversas formas de expressão artística, romances, pinturas e esculturas, mas sempre mostrou alguma desconfiança relativamente à nascente sétima arte (Falzeder, 2002; Guattari, 1975/1984; Sklarew, 1999) que dava os primeiros (titubeantes) passos em finais do século XIX e início do século XX.

Esta reticência freudiana não era partilhada pela restante comunidade psicanalítica, e um dos seus mais próximos colaboradores, Otto Rank, num estudo publicado em 1914, refere que o cinema possui uma capacidade extraordinária para retratar complexos eventos psíquicos (Rank, 1914/1971). Os surrealistas, profundamente influenciados pela teoria psicanalítica, consideravam que as técnicas cinematográficas permitiam mimetizar o sonhar, e muitos dos autores que inicialmente se propuseram analisar produções fílmicas de um prisma psicanalítico encararam as mesmas como um sonho, contendo um conteúdo manifesto (correspondente ao que se podia efectivamente visualizar e ouvir) e um conteúdo latente (os conteúdos reprimidos e os desejos subjacentes) que se poderia decifrar através da interpretação (Creed, 1998; Lapsley e Westlake, 1998).

A teoria psicanalítica do cinema evoluiu significativamente desde esses momentos inaugurais (notavelmente para incluir os contributos teóricos de Jacques Lacan), descrevendo um trajecto impossível de resumir em breves palavras. No presente ensaio



procura-se simplesmente questionar se os mitos de antanho, que tanto marcaram a psicanálise, permanecem uma força geradora relevante, continuando a imiscuir-se nas narrativas fílmicas e a marcar o seu imaginário. Será que Sófocles ainda desempenha algum papel no contexto da sociedade tecnológica e capitalista contemporânea<sup>5</sup>? Para atingir este objectivo propõe-se uma breve análise de duas trilogias de ficção científica que figuram entre as mais famosas da história do cinema: “*Back to the Future*” (1985-1990) e “*Star Wars*” (1977-1983).

Tratando-se de um género onde as convenções ditam que o átomo e a ciência ocupam um lugar mais proeminente do que o amor e o romance (Goligorsky e Langer, 1969), importa tecer algumas breves considerações sobre a escolha de filmes de ficção científica para analisar a reactualização do campo mitológico no espaço cinematográfico.

Num trabalho particularmente influente, publicado na década de 1970, Tarratt (1970-1971/2003) argumenta que, embora aparentemente focada em preocupações

---

5 Em 1975, num artigo intitulado “O divã do pobre”, Félix Guattari (1984, pp. 13-15) afirmava que o cinema se havia transformado numa “gigantesca máquina de modelar a libido social”, um instrumento ao serviço do capitalismo que captava “a energia do desejo para a voltar contra si própria, para a anestesiar e separar do mundo exterior de modo que deixe de ameaçar a organização e os valores do sistema social dominante”. No cenário cinematográfico contemporâneo, de colonização profunda do inconsciente e investimento de “cargas libidinais fantásticas”, Sófocles já não desempenhava nenhum papel. Contudo, com esta afirmação Guattari (1975/1984, p. 23) não descartava a possibilidade do cinema continuar a estruturar-se narrativamente em torno do modelo edipiano, mas afirmava que mesmo nesses casos procurava adaptar o indivíduo, “não aos modelos ultrapassados, arcaicos do freudismo, mas aos que estão implicados na produção capitalista”. Anos mais tarde, ao abordar criticamente o moderno cinema de ficção científica, Sobchack (1987/2004, p. 233) comenta: “*it is the “political unconscious” of the new American SF film that most powerfully symbolizes and brings to visibility this apparent paradox of the simultaneous spatial dispersion and yet “nuclear” concentration of economic and political power (although, as the unconscious is wont to do, it elaborates and projects its negative self-imagery onto an evil “Other”). The “Empire” of the Star Wars trilogy literalizes both the “cosmic” technological expansion and dispersion of economic and technological power and the most intense and implosive technological concentration of that power – in the “black star” that is figured as the Death Star*”. Neste sentido, a saga “Guerra das Estrelas”, abordada no presente ensaio, seria o epitome absoluto da máquina libidinal referida por Guattari (1975/1984), permitindo ao espectador a realização alucinatória do desejo de revolta social pela identificação natural aos opositores deste maléfico Império, aos bandidos, contrabandistas e soldados de um exército rebelde cuja ligação a uma religião obscurantista e *modus operandi* – possuem bases secretas em grutas e cavernas de planetas remotos e os seus membros predis põem-se a ataques suicidas aos símbolos imperiais – os aproximam mais dos grupos terroristas fundamentalistas do que do “ocidente civilizado”. Este desejo ficaria assim seguramente contido no conforto da sala de cinema. Como refere Guattari (1975/1984, p. 14), no cinema “pretende-se que nenhuma produção semiótica do desejo tenha uma incidência real. Tanto o pequeno cinema da psicanálise como a psicanálise de massas do cinema, proscrevem as passagens à acção, os *acting-out*”.



sociais contemporâneas derivadas do avanço tecnológico e respectivo potencial destrutivo, a maioria dos filmes de ficção científica parece particularmente envolvida numa reflexão sobre a natureza interior do ser humano. Para esta autora, as batalhas com alienígenas e monstros sinistros constituiriam uma externalização e dramatização do conflito entre a moral civilizada e os desejos sexuais incompatíveis. Neste sentido, o cinema de ficção científica seria um local privilegiado para o retorno do reprimido sob uma máscara de inocência, para a elaboração de repressões culturais através de processos textuais inconscientes que, como os sonhos e actos falhados, justificariam uma interpretação psicanalítica (Kuhn, 1990).

Efectivamente, psicanálise e ficção científica apresentam mais pontos de contacto do que um primeiro olhar, incauto ou superficial, poderia identificar: i) ambas nascem sensivelmente no mesmo momento histórico e concretizam rupturas em relação à ciência e literatura vigentes (Thaon, 1986); ii) ambas incluem reflexões sobre o passado e imaginam futuros alternativos (Goligorsky e Langer, 1969); iii) por último, e possivelmente a conjugação mais relevante, em ambas existe um apelo evidente ao domínio da fantasia e do sonho (Thaon, 1986).

Por outro lado, o filósofo esloveno Zizek (2007) assinala que uma das formas de questionar as críticas de reducionismo à interpretação psicanalítica no campo do cinema (ou seja, que a psicanálise tende a remeter toda e qualquer narrativa fílmica para complexos familiares e questões desenvolvimentais) consiste em analisar precisamente aqueles filmes que mais se parecem distanciar dos dramas existenciais e familiares prosaicos, notavelmente aqueles em que eventos fantásticos como uma invasão alienígena, um conflito intergaláctico ou uma rebelião das máquinas aparentemente ocupam toda a atenção do espectador<sup>6</sup>.

Finalmente, se o cinema de ficção científica da década de 1950 era um fenómeno essencialmente localizado e restringindo a um grupo limitado de seguidores indefectíveis, actualmente dispõe de uma imensa popularidade e atrai grandes e eclécticas audiências (Kuhn, 1990), constituindo um dos mais relevantes fenómenos da cultura popular<sup>7</sup> con-

6 Um dos exemplos apresentados por Zizek (2007) é “*War of the Worlds*” de 2005, um filme realizado pelo norte-americano Steven Spielberg cuja filmografia considera ser permeada por um motivo recorrente: a recuperação da figura do pai e da autoridade paterna. Nesta revisão radical da história original de H. G. Wells de 1898, a tónica é colocada na relação conturbada e negligente entre um pai divorciado e os filhos. A invasão alienígena parece simplesmente ocorrer para despertar os instintos paternos adormecidos e restabelecer os laços familiares quebrados. A trama edipiana ocupa assim uma posição central na narrativa, ao passo que o conflito alienígena constitui apenas a sua extensão metafórica (Zizek, 2007).

7 Apesar da sua admiração pelos grandes dramaturgos e mestres do renascimento, Freud não desprezava as manifestações da cultura popular. Entre os seus escritos encontra-se a análise de um romance popular

temporânea, apelativo e transversal a diversos grupos sociodemográficos (Villela-Min-nerly e Markin, 1987).

### III

O primeiro filme da trilogia “*Back to the Future*” de 1985 aborda um tema caro à ficção científica: a possibilidade de viajar no tempo e os paradoxos e dilemas que estas viagens encerram. Mas é também uma comédia para toda a família, um êxito de bilheteira que atraiu espectadores de todas as idades e um sucesso junto da crítica especializada, tendo sido nomeado para o Óscar de melhor argumento original. A questão que naturalmente desperta o interesse da crítica psicanalítica é o paradoxo de se tratar de uma comédia familiar em que uma temática tão sensível como o incesto tem um lugar proeminente na narrativa (Gordon, 2010).

A personagem principal é Marty McFly, um adolescente desenvolto, mas profundamente inseguro e frustrado na escola e no amor. As sequências iniciais do filme, que reflectem um dia da sua vida quotidiana na pequena, degradada e decadente cidade de Hill Valley, podem ser lidas como um extenso catálogo dos seus falhanços (Gordon, 2010). Quando chega a casa, o cenário familiar que encontra é igualmente desolador: o pai George é um homem patético, infantil, submisso e vergado aos abusos do patrão e vilão Biff Tannen; a mãe Lorraine é uma mulher infeliz e castradora, alcoólica e fumadora. O futuro não parece ser promissor para Marty e o director da escola reforça esse mesmo presságio, acusando o jovem de ser igual ao pai, um preguiçoso e falhado. Acrescenta que nunca nenhum McFly havia conseguido singrar na história de Hill Valley, ao que Marty responde, em tom de desafio, que a história iria mudar.

A esta sequência realista, que nos apresenta o problema de base, segue-se a sequência fantástica, a viagem no tempo possibilitada por uma máquina inventada pela

---

(“Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” de 1907) e um artigo intitulado “Os sonhos no folclore”, redigido em co-autoria com Ernst Oppenheim possivelmente em 1911 mas apenas publicado em 1957. Neste último texto a dupla de autores refere: “desejávamos sugerir que não se deve deixar desencorajar pela natureza amiúde repulsivamente suja e indecente deste material popular de nele buscar confirmação valiosa das opiniões psicanalíticas. (...) Por outro lado, gostaríamos de expressar a opinião de que é cometer uma injustiça com o povo comum supor que emprega esta forma de entretenimento simplesmente para satisfazer os desejos mais grosseiros. Parece antes que por trás destas feias fachadas se acham ocultas reações mentais a impressões da vida que devem ser tomadas a sério” (Freud e Oppenheim, 1911, p. 220).

figura paterna de substituição, o excêntrico cientista Emmett “Doc” Brown. Marty viaja acidentalmente no tempo para 1955, que para além de remeter para um momento idealizado na história norte-americana, foi também o ano em que os pais se conheceram e o amigo teve a ideia que lhe permitiria, anos mais tarde, construir uma máquina do tempo. Trata-se assim de uma revisitação das origens, uma viagem de recriação auto-reflexiva (Bick, 1990), um sonhar acordado despoletado pelas frustrações e desapontamentos da realidade (Gordon, 2010). Na sequência onírica do filme, Marty inadvertidamente invalida o encontro originário dos pais e passa a ser o alvo libidinal da mãe que, contrariamente à representação inicial, revela-se agora uma adolescente atraente, lasciva e desinibida. O pai George é liminarmente erradicado da equação amorosa, e apesar dos esforços, incipientes e patéticos, é completamente ignorado pela mãe Lorraine, que apenas tem olhos para Marty. Como refere Gordon (2010), Marty repete os passos de Édipo, ocupando o lugar do pai como objecto do desejo da mãe, mas é um Édipo relutante que procura desesperadamente reparar a ligação entre os pais e resgatar a figura paterna.

A ansiedade psicosexual do espectador, o desejo e medo associados ao tabu do incesto continuam presentes, mas são atenuados pela segurança veiculada por cenários familiares e personagens estereotipadas e pela dimensão cómica associada aos episódios que marcam os encontros de mãe e filho (Gordon, 2010). Marty acaba por conseguir reunir o casal parental e simultaneamente reabilitar o pai, que finalmente ganha coragem e enfrenta o vilão, conquistando a admiração da futura esposa. “*Back to the Future*” apresenta assim uma variante da fantasia da “cena primitiva” (com a personagem principal a engendrar a relação sexual que lhe dará origem) e também do “romance familiar” descrito por Freud (1909), característico do desenvolvimento da identidade na adolescência (Miller e Sprich, 1981), com a substituição imaginária/fantasiada dos pais decepcionantes e insatisfatórios por outros idealizados (Bick, 1990; Gordon, 2010). Quando regressa a 1985, no final do filme, Marty encontra um cenário familiar idílico, um pai bem-sucedido e uma mãe resplandecente de vida, mas mesmo antes dos créditos finais Emmett “Doc” Brown surge inesperadamente para levar Marty numa nova viagem no tempo.

As duas sequelas de “*Back to the Future*” assentam na premissa que a resolução da crise edipiana não é tão fácil quanto parece (Gordon, 2010). Marty havia efectivamente conseguido substituir um imago paterno abjecto e desprezível por um outro mais poderoso, condicente com a sua fantasia edipiana. Mas fê-lo a expensas da construção imaginária de um romance familiar, contornando a necessidade de amadure-

cimento e crescimento intrapsíquico (Bick, 1998). No final de contas, ele continuava o mesmo adolescente inseguro. Assim, os dois filmes subsequentes apresentam novas revisões da problemática edipiana e as viagens no tempo funcionam como facilitadores do processo de maturação.

No segundo filme de 1989, o mais negro e violento da série (Bick, 1998), as personagens principais viajam para o futuro onde encontram uma família McFly tão desapontante como aquela que marcou o início do primeiro episódio. De regresso a 1985, Marty confronta-se com uma alteração radical do cenário, com o sonho idílico a transformar-se num terrível pesadelo. Neste 1985 alternativo o vilão Biff Tannen tornou-se o homem mais rico dos Estados Unidos, matou o seu pai e casou com a mãe. Mais uma vez é possível identificar com clareza a matriz edipiana da narrativa, mas na versão de Shakespeare, com Marty a assumir o papel de Hamlet, filho do rei da Dinamarca assassinado pelo usurpador Cláudio, aqui encarnado por Biff Tannen, que casou com a ingénua e submissa viúva Lorraine em representação da rainha Gertrudes da tragédia poética do dramaturgo inglês (Gordon, 2010).

O terceiro filme, lançado em 1990, opera a mais longínqua reavistagem das origens da trilogia. Marty viaja agora para 1885, para uma Hill Valley que dava os primeiros passos como cidade no Velho Oeste idealizado. Aqui encontra os antepassados mais remotos em solo americano, um casal de emigrantes irlandeses simpáticos e pacíficos que, para além de o informarem sobre a história da família e os padrões transgeracionais que a caracterizavam, facultam igualmente um Ideal do Ego familiar. A questão edipiana marca novamente presença, sendo deslocada para a figura de Emmett Brown, que neste episódio se enamora por uma professora e pretende ficar em 1885. Finalmente, abdicando das suas demandas edípicas e consciente do poder destrutivo das suas inseguranças, Marty regressa sozinho ao ponto de partida em 1985, mas agora o seu futuro é uma incerteza, e não a tragédia do destino vaticinada inicialmente.

“*Star Wars*” de 1977 apresenta como ponto de partida uma configuração relacional similar a “*Back to the Future*”. Tal como Marty McFly, também o herói de “*Star Wars*” é um adolescente virginal, entediado e insatisfeito com o seu destino. Luke Skywalker sente estar preso a uma vida de camponês simplório com os tios em Tatooine, um planeta desinteressante, remoto e desolado, mas sonha em viajar pelo espaço. No início deste conto de fadas moderno (Miller e Sprich, 1981), Luke encontra uma figura paterna de substituição num velho cavaleiro Jedi, Obi-Wan Kenobi, que o encoraja à aventura de se tornar ele próprio um cavaleiro e salvar uma princesa, de nome Leia Organa, líder da resistência contra as forças do Império. Obi-Wan Kenobi

revela ainda alguma informação, parcial e incompleta, sobre a filiação desconhecida de Luke e lega-lhe o sabre de luz, inequívoco símbolo fálico (Balaban, 2012), que pertencia ao pai. Este é identificado pelo velho mestre como Anakin Skywalker, um cavaleiro Jedi que tinha morrido às mãos de Darth Vader, o vilão da trilogia original, um maléfico ciborgue, meio homem, meio máquina, cuja face se encontra sempre oculta por uma máscara negra, e que no decorrer da película acabará por matar Obi-Wan Kenobi. Tal como em “*Back to the Future*” a ameaça de incesto marca presença (Balaban, 2012), pois Luke desenvolve sentimentos amorosos pela princesa que se propõe resgatar, desconhecedor, como Édipo, dos laços familiares que os uniam. Afinal, Leia era irmã gémea de Luke.

No segundo filme da série, “*The Empire Strikes Back*” (1980), a ameaça de incesto fraternal ainda paira ominosamente no ar durante as cenas iniciais, antes de Luke partir sozinho em peregrinação para um planeta distante, para cumprir o resto do seu treino cavaleiresco junto de Mestre Yoda, segunda figura paterna de substituição na trilogia. Neste filme existe um momento crucial, em que Luke pergunta o que está oculto num recanto sinistro da floresta, no qual sente perigo e morte. Yoda previne-o de que esse é um local dominado pelas forças do mal, mas onde encontrará o que carrega consigo mesmo, tal como o profeta cego Tirésias adverte Édipo<sup>8</sup>. A dimensão heróica traduz-se nesta postura ética de enfrentar o desafio do autoconhecimento, mesmo correndo riscos e perigos. Neste caso, ao entrar na escuridão da caverna, Luke depara-se com Darth Vader, travando com ele uma luta alucinatória. Luke brande o seu sabre de luz e decapita o lorde das trevas. O corpo do inimigo parece evaporar-se, mas o seu capacete cai no chão e a máscara quebra-se. Perplexo, Luke descobre por detrás da máscara uma imagem da sua própria cabeça, indiciando a profunda ligação entre as duas personagens. O tema do desvendamento das origens do herói acaba por culminar no clímax do filme, o momento em que Luke confronta na realidade Darth Vader, que revela ser o seu verdadeiro pai e lhe corta a mão, numa alusão à castração simbólica já prefigurada pela decapitação no episódio da caverna (Balaban, 2012). No final Luke consegue evadir-se e realiza o implante de uma mão cibernética, o que constitui um primeiro esboço de identificação ao pai ciborgue. Luke e Leia voltam a reunir-se, mas a tensão incestuosa parece ter desaparecido.

O terceiro e último filme da série original, “*Return of the Jedi*” (1983), tem iní-

---

8 Como assinala Amaral Dias (1994), Tirésias cegou porque teve o atrevimento de querer saber o que os homens não podem saber, de se apropriar do conhecimento apenas reservado aos Deuses. A advertência que faz a Édipo sobre as suas demandas é feita com conhecimento de causa.

cio com Luke a resgatar o namorado viável para a irmã, afastando definitivamente a ameaça de incesto. Neste filme assiste-se a uma reedição do confronto entre Luke e Darth Vader, mas desta feita o herói consegue sobrepujar a obscena figura paterna onnipotente e cortar a sua mão, a castração do pai tirânico diabolizado que traz como corolário a sua humanização. Apesar da raiva e hostilidade que sente em relação ao pai, Luke resiste aos incitamentos perversos de um imperador malévolos em matá-lo, e toda a batalha edipiana culmina na reconciliação pai-filho (Balaban, 2012) e no desvendamento do rosto profundamente humano que se ocultava por detrás da máscara negra. No final, o espectador pode finalmente encontrar um Luke Skywalker em paz consigo mesmo, a observar tranquilamente os fantasmas das três figuras paternas que marcaram os três filmes da série, um indicador da identificação ao pai e instauração do superego, que marca o final da crise edipiana.

Para além das óbvias conexões com o mito de Édipo pela via do desejo incestuoso e do parricídio, Marty e Luke aproximam-se também da personagem da tragédia de Sófocles pela viagem de autoconhecimento que empreendem. Como Édipo vivem na ignorância, e como Édipo mostram curiosidade e uma determinação e tenacidade inabaláveis ao percorrerem um trajecto doloroso de descoberta de si próprios. Os adolescentes Marty e Luke aceitam o desafio necessário ao crescimento mental e abordam as tarefas desenvolvimentais de subtracção da autoridade paterna (ao mesmo tempo que integram um imago paterno poderoso mas afectuoso), superação das fixações do amor edipiano e solidificação da identidade. “Édipo como viajante no tempo” (Gordon, 2010), Édipo como viajante no espaço, directamente da antiguidade clássica para uma sala de cinema próxima de si.

#### IV

Nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, Freud (1917, p. 292) assinala que a ciência infligiu três golpes revolucionários no amor-próprio da humanidade. O primeiro surge no campo da cosmologia, pela pena de Copérnico, quando este afirmou que a Terra (e por extensão o ser humano) não estava no centro do universo, constituindo apenas o “diminuto fragmento de um sistema cósmico de uma vastidão que mal se pode imaginar”. O segundo golpe narcísico havia sido perpetrado pela investigação biológica, com a teoria evolucionista de Darwin a deitar por

terra “o lugar supostamente privilegiado do homem na criação” divina e a provar a “sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal”. Para Freud, o terceiro e mais violento golpe na “megalomania humana”, tinha sido desferido pela investigação psicanalítica, quando esta afirmou que o ego “não é senhor nem mesmo em sua própria casa”, ou seja, quando reconheceu que apenas uma diminuta parte da mente é consciente e que o resto é território desconhecido, o inconsciente dinâmico, constituído por matéria inadmissível e involuntária que motiva e influencia significativamente o comportamento.

Contudo, o reconhecimento da irracionalidade basilar do ser humano não implica uma atitude niilista, de desespero ou rendição à inevitabilidade. Este reconhecimento convoca o ser humano para lutar arduamente pela racionalidade, através de uma indagação dos aspectos inconscientes da mente, mesmo sabendo de antemão que o conhecimento atingido neste processo está destinado a ser incompleto e provisório (Rubens, 1992). Como assinala Freud (1917, p. 292), “os psicanalistas não foram os primeiros e nem os únicos que fizeram essa invocação à introspecção; todavia, parece ser nosso destino conferir-lhe expressão mais vigorosa e apoiá-la com material empírico que é encontrado em todas as pessoas.”

Em 1947, apenas dois anos após o término da Segunda Guerra Mundial, Bion (1961/2009) sugere que a pesquisa psicanalítica se deveria estender aos grupos e sociedades, as quais ainda não haviam reconhecido que os seus descontentamentos, por exemplo aqueles decorrentes do impacto dos avanços tecnológicos, radicariam na acção de impulsos emocionais inconscientes, o factor psicológico “incógnito” associado à ascensão e queda das civilizações (Cortiñas, 2009). O carácter efémero das soluções avançadas por filósofos, políticos e legisladores derivaria de uma abordagem superficial e estéril das relações humanas associada a uma incapacidade em considerar angústias primitivas e factores emocionais que, independentemente da vontade humana, continuam operantes ao nível individual, grupal e social (Cortiñas, 2009). A presença de traços ou vestígios de mitos ancestrais nas mais recentes produções cinematográficas constitui mais uma evidência da permanência desses elementos inconscientes.

Em conclusão, mito, arte e ciência (em particular, psicanálise) parecem formar um triângulo harmónico, uma espécie de trindade em que três são um, para recuperar a fórmula bíblica do Evangelho de João. O mito, enquanto gerador de arte e ciência, “inventou” a psicanálise. A psicanálise “reinventou” o mito e identificou as angústias primitivas e as fantasias inconscientes que lhe subjazem. A arte cinemato-



gráfica, enquanto linguagem artística contemporânea, “reinventa” o mito em ficção arquetípica. A ciência psicanalítica faculta os instrumentos que permitem analisar a reatualização do campo mitológico no cinema e o mito é “redescoberto”.

E o ciclo de nascimento, morte e renascimento completa-se...

## REFERÊNCIAS

- Amaral Dias, C. (1994). O meu problema é não ter título. Em C. Amaral Dias, L. S. Ribeiro e Núcleo de Investigação Universitária da AEISPA (Eds.), *Caos & Meta-Psicologia* (pp. 307-314). Lisboa: Fenda.
- Anzieu, D. (1981). *Le corps de l'œuvre. Essais psychanalytiques sur le travail créateur*. Paris: Éditions Gallimard.
- Anzieu, D. (1990). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise* (Volumes I e II). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1959).
- Balaban, G. (2012). Um olhar psicanalítico sobre a série “Guerra nas Estrelas” (“Star Wars”). *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 33 (1), 127-137.
- Belmont, N. (2005). Myths. Em A. Mijolla (Ed.), *International Dictionary of Psychoanalysis* (p. 1099). New York: Thomson Gale.
- Bick, I. J. (1990). Outatime: Recreationism and the Adolescent Experience In Back to the Future. *Psychoanalytic Review*, 77 (4), 587-608.
- Bick, I. J. (1998). Back to the Future I and II: Re-Creationism, Repetition, and Perversity in the Time Travel Romance. *Psychoanalytic Review*, 85 (6), 909-930.
- Bion, W. R. (1963). *Elements of Psycho-Analysis*. London: William Heinemann Medical Books.
- Bion, W. R. (2009). *Experiences in groups and other papers*. London: Routledge. (Obra original publicada em 1961).
- Breuer, J. e Freud, S. (1895). Estudos sobre a histeria. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. II). Rio de Janeiro: Imago.



- Cortiñas, L. P. (2009). *The aesthetic dimension of the mind: Variations on a theme of Bion*. London: Karnac.
- Creed, B. (1998). Film and psychoanalysis. Em J. Hill e P. C. Gibson (Eds.), *The Oxford guide to film studies*. Oxford: Oxford University Press.
- Falzeder, E. (Ed.) (2002). *The Complete Correspondence of Sigmund Freud and Karl Abraham 1907-1925*. London: Karnac.
- Fialho, M. C. (1999). Introdução. Em Sófocles, *Rei Édipo* (pp. 9-49). Lisboa: Edições 70.
- Fine, R. (1981). *A história da psicanálise* (B. Jablonski & R. Fucs, Trad.). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome: Pensar o sofrimento* (2ª ed.). Porto: Afrontamento.
- Freud, S. (1896). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. III). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1907). Delírio e sonhos na Gradiva de Jensen. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. IX, pp. 19-88). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908). Escritores criativos e devaneio. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1909). Romances familiares. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913). Totem e tabu. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: Uma introdução. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1915-1916). Conferências introdutórias sobre psicanálise (partes I e II). Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XV). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III). Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XVI). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923). Dois verbetes de enciclopédia. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1925). Um estudo autobiográfico. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1926). A questão da análise leiga. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2009). *A interpretação dos sonhos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. e Oppenheim, E. (1911). Os sonhos no folclore. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Goligorsky, E. e Langer, M. (1969). *Ciencia ficcion: Realidad y psicoanalisis*. Buenos Aires: Paidós.
- Gordon, A. (2010). Back to the future: Oedipus as time traveller. Em S. N. Fhlainn (Ed.), *The Worlds of Back to the Future: Critical Essays on the Films* (pp. 29-48). Jefferson, NC: Mcfarland & Company, Inc.
- Grinberg, L., Sor, D. e Bianchedi, E. T. (1972). *Introducción a las ideas de Bion*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

- Guattari, F. (1984). O divã do pobre. Em *Psicanálise e cinema: Colectânea do n.º 23 da Revista Communications* (pp. 11-23). Lisboa: Relógio d'Água. (Obra original publicada em 1975).
- Guirand, F. (Dir.). (2006). *História das Mitologias I* (L. S. Bárbara, trad.). Lisboa: Edições 70.
- Hesíodo (1990). *Obras y fragmentos* (A. P. Jiménez e A. M. Díez, trad.). Madrid: Editorial Gredos.
- Kuhn, A. (1990). Introduction: Cultural theory and science fiction cinema. Em A. Kuhn (Ed.), *Alien Zone: Cultural theory and contemporary science fiction film* (pp. 1-12). London: Verso.
- Lamas, M. (2000). *Mitologia Geral* (Volume 1) (4.<sup>a</sup> Ed.). Lisboa: Editorial Estampa. (Obra original publicada em 1961).
- Lancelin, A. e Lemonnier, M. (2010). *Os filósofos e o amor: Amar de Sócrates e Simone de Beauvoir*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Laplanche, J. (1988). *Novos fundamentos para a psicanálise*. Lisboa: Edições 70.
- Laplanche, J. e Pontalis, J. B. (1985). *Vocabulário de psicanálise* (6.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Lapsley, R. e Westlake, M. (1988). *Film theory: An introduction*. Manchester: Manchester University Press.
- McGuire, W. (1974). *The Freud/Jung Letters: The correspondence between Sigmund Freud and C. G. Jung* (R. Manheim e R. F. Hull, Trad.). New Jersey: Princeton University Press.
- Mijolla-Mellor, S. (2005). Applied psychoanalysis and the interactions of psychoanalysis. Em A. Mijolla (Ed.), *International Dictionary of Psychoanalysis* (pp. 107-110). New York: Thomson Gale.
- Miller, M. e Sprich, R. (1981). The Appeal of Star Wars: An Archetypal-Psychoanalytic View. *American Imago*, 38 (2), 203-220.
- Rank, O. (1971). *The Double: A psychoanalytic study*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press. (Obra original publicada em 1914).

- Razinsky, L. (2013). *Freud, Psychoanalysis and Death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rubens, R. L. (1992). Psychoanalysis and the tragic sense of life. *New Ideas in Psychology*, 10 (3), 347-362.
- Sklarew, B. (1999). Freud and Film: Encounters in the Weltgeist. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 47 (4), 1238-1247.
- Sobchack, V. (2004). *Screening space: The American science fiction film*. London: Rutgers University Press. (Obra original publicada em 1987).
- Sófocles (1999). *Rei Édipo* (M. C. Fialho, trad.). Lisboa: Edições 70.
- Tarratt, M. (2003). Monsters from the Id. Em B. K. Grant (Ed.), *Film Genre Reader III* (pp. 346-365). Austin: University of Texas Press. (Trabalho original publicado em 1970-1971)
- Thaon, M. (1986). La science-fiction, du nom à l'écrit. Em M. Thaon, G. Klein, J. Goimard, T. Nathan e E. Bernabeu, *Science-fiction et psychanalyse: L'imaginaire social de la S.F.* (pp. 1-9). Paris: Dunod.
- Villela-Minnerly, L. e Markin, R. (1987). Star Wars as Myth: A Fourth Hope? *Psychoanalytic Review*, 74 (3), 387-399.
- Zizek, S. (2007). *A pervert's guide to family*. Acedido em <https://www.lacan.com>

### Filmografia

- Canton, N., Gale, B. (Producers), & Zemeckis, R. (Director). (1989). *Back to the Future Part II* [Motion picture]. United States: Universal Pictures.
- Canton, N., Gale, B. (Producers), & Zemeckis, R. (Director). (1990). *Back to the Future Part III* [Motion picture]. United States: Universal Pictures.
- Gale, B., Canton, N. (Producers), & Zemeckis, R. (Director). (1985). *Back to the Future* [Motion picture]. United States: Universal Pictures.
- Kazanjian, H. (Producer), & Marquand, R. (Director). (1983). *Return of the Jedi* [Motion picture]. United States: 20th Century Fox.

Kennedy, K., Wilson, C. (Producers), & Spielberg, S. (Director). (2005). *War of the Worlds* [Motion picture]. United States: Paramount Pictures.

Kurtz, G. (Producer), & Kershner, I. (Director). (1980). *The Empire Strikes Back* [Motion picture]. United States: 20th Century Fox.

Kurtz, G. (Producer), & Lucas, G. (Director). (1977). *Star Wars* [Motion picture]. United States: 20th Century Fox.

# Immunization Campaigns: Mitigating Barriers - Designing Communication<sup>1</sup>

**Deepak Gupta**

Strategic Communication Programmes - UN system in Asia and the Pacific Regions - [drguptad11@gmail.com](mailto:drguptad11@gmail.com)

**Badrul Hassan**

UN Programme Specialist - [badrulsocial@gmail.com](mailto:badrulsocial@gmail.com)

**Anusha Agarwal**

Indian Institute of Management, Lucknow - [anusha.agarwal@iiml.org](mailto:anusha.agarwal@iiml.org)

**Avni Bhasin**

Management Development Institute, Gurugram - [pg18avni\\_b@mdi.ac.in](mailto:pg18avni_b@mdi.ac.in)

## Abstract

This paper revisits varied conceptual frameworks of the strategic communication, especially applicable on vaccination challenges that the immunization programmes are confronted with world over and how critical it is to ensure addressing the 'last mile' gaps in attaining cent percent vaccination coverage. It is based on consolidated reflections gathered together through varied field experiences and study of programme approaches. It assumes further significance as ensuring social-inclusion of vulnerable, hard-to-reach and poor populace is the key to using strategic communication as a marketing communication approach in bringing about positive behaviour change in the communities. Across the world, the public health programmes have

been struggling for many decades in reaching out to communities and delivering the vaccination programmes. Despite the efforts invested in by the respective governments on supply aspects of vaccinations, social scientists continue to face challenges with the demand generation dimensions of the immunization programmes. Therefore, a significant emphasis on the 'health seeking behavior' aspects in individuals and their respective communities play a significant role in achieving cent percent immunization coverage. The current paper propounds a model called Vaccination Communication Model, i.e. 'VCM' which provides a modular approach in facilitating design of its immunization communication strategy.

**Keywords:** Vaccination barriers, Strategic Health Communication, Vaccination communication model, Social inclusion.

---

<sup>1</sup> Authors have dedicated this work to the International Immunization Week of 2019 that is observed in the last week of April.

## Campanhas de Imunização: Mitigando Barreiras - Projetando a Comunicação

### Sumário

Este texto revisita as diversas estruturas conceituais da comunicação estratégica, especialmente aplicáveis aos desafios da vacinação, com os quais os programas de imunização são confrontados em todo o mundo, salientando como é importante assegurar a abordagem das lacunas do “quilómetro final” na obtenção da cobertura de cem por cento de vacinação. O ensaio baseia-se em reflexões consolidadas reunidas através de experiências de campo variadas e estudo de abordagens de programas. Assume ainda mais importância, pois garantir a inclusão social de populações vulneráveis, difíceis de alcançar e pobres, é a chave para usar a comunicação estratégica como uma abordagem de comunicação de marketing, de forma a promover mudanças positivas no comportamento nas comunidades. Em todo o mundo, os pro-

gramas de saúde pública têm lutado, ao longo de muitas décadas, para chegar às comunidades e realizar os programas de vacinação. Apesar dos esforços investidos pelos respectivos governos no fornecimento de vacinas, os cientistas sociais continuam a enfrentar desafios com as dimensões de gestão da procura dos programas de imunização. Assim, uma ênfase significativa nos aspetos do “comportamento de busca da saúde” nos indivíduos e nas respetivas comunidades desempenha um papel significativo na obtenção de uma cobertura de cem por cento de imunização. O presente ensaio propõe um modelo designado Vaccination Communication Model, ou seja “VCM”, que fornece uma abordagem modular para facilitar o desenho da estratégia de comunicação de imunização.

**Palavras-chave:** Barreiras na vacinação, Comunicação estratégica em saúde, Modelo de comunicação de vacinação, Inclusão social.

The key strategies in ensuring child survival, both in mitigating morbidities and mortalities, include adherence to the immunization schedule. Across the world, the public health programmes have been struggling for many decades in reaching out to communities and delivering the vaccination programmes. Despite the efforts invested in by the respective governments on supply aspects of vaccinations, social sci-

## Immunization Campaigns: Mitigating Barriers - Designing Communication

entists continue to face challenges with the demand generation dimensions of the immunization programmes. Therefore, a significant emphasis on the 'health seeking behavior' aspects in individuals and their respective communities play a critical role in achieving cent percent immunization coverage.

Globally, the national immunization programmes are confronted with varied challenges. These include multiple issues related to the supply aspects and equally critical concerns focusing on the demand side. Ensuring sustainable demand for immunization is only possible when caregivers and communities trust the safety and efficacy of vaccines, as well as the quality and reliability of immunization services. They also need to have the necessary information, access and motivation to complete the recommended immunization schedule on time. A select few demand aspects of the immunization that include, but not limited to, are: resistance, reluctance, trust and belief in vaccine-efficacy and vaccine-hesitancy. Vaccine hesitancy and lack of access to vaccination, for varied reasons and in different settings, is an important issue that requires urgent attention. This is more so due to the risk of decrease of vaccination coverage and consequent control of preventable diseases. Though it is not considered a specific determinant, yet weak or inadequate communication can contribute to a great extent, to vaccine hesitancy and thus negatively influence vaccination uptake.

The aim of the current *Vaccination-Communication-Model (VCM)*, as propounded in this paper, is to present to the broader audiences, i.e. international public health and development managers an overarching approach, proposing the identification of the lead actions that should be taken into account and prioritized in order to improve strategic communication in the domain of immunization campaigns. Communication and community-centered behaviour change are the integral parts of social science, which can be applied in varied ways entirely depending on specific programme needs, structure and spread of communities, wide expanse of networks and the political and economic realities of a given country. There are a number of standardized guidelines and approaches available for using in communication for immunization, yet there is no one-size-fits-all communication strategy that can truly bring about the real positive change in attaining the immunization success. Hence, the current vaccination communication model (VCM) explores a number of associated risk-factors and proximate/s, which if addressed through 'enablers' shall facilitate designing appropriate strategic communication interventions to foster strengthened immunization.



## IMMUNIZATION | CONTEXT

Global vaccination coverage remains at 85%, with no significant changes occurring in the past several years; it rather deteriorated in recent years. A total of 124 countries reported diphtheria, pertussis, and tetanus (DPT) vaccine coverage rates of 90% or greater in 2017, which was 135 countries in 2012. By the end of 2017, 85% of children received one dose of measles vaccine by their second birthday, and 167 countries had included a second dose as part of routine immunization and 67% of children received two doses of measles vaccine according to national immunization schedules. It is also reported that the number of measles cases are rapidly increasing in the USA and many other western countries. According to CDC (USA), there were 372 measles cases reported in 2018. A considerable large size of populations continues to pose a major challenge as they suffer from limited access to immunization services. Such a gap in immunization coverage amongst well and poorly performing countries is only widening on an annual basis. Studies indicate that millions of children were not protected against diphtheria, pertussis, and tetanus diseases. As it is evident, polio continue to be endemic in three countries (Afghanistan, Pakistan and Nigeria), while the newer vaccines still throw a challenge of low uptake in many regions across the world. A complete lack of or poor access to health facilities and vaccination programmes, insufficient and inappropriate use of available resources, poor technical capacity and least empowered immunization decision-making bodies (such as National Immunization Technical Advisory Group), lack of political will, civil conflict and war, and natural disasters – all of these risks contribute to under-immunization.

Targeting smallpox was the very first vaccine, which was discovered and came into use in the late 1700s and early 1800. Yet, it was not until almost two centuries later that immunization services began to reach majority of the children in low- and middle-income countries (LMICs). In the year 1974, World Health Organization (WHO) and UNICEF proposed the Expanded Program on Immunization (EPI) with the goal of universal coverage by the year 1990. As per the documented studies, by the year 2012, an estimated 2.5 million deaths were averted each year by vaccination. However, nearly 1.5 million children still die from the diseases preventable by vaccines recommended by the WHO (2012). About 29% of deaths in children 1–59 months were vaccine preventable in 2012. And in the year 2019, the world will be marking the completion of 45 years of the EPI; it is

## Immunization Campaigns: Mitigating Barriers - Designing Communication

the time perhaps to step back, reflect, deliberate and urgently take appropriate actions to ensure that the benefits of available vaccines reach to all the eligible children and that all the caregivers are positively engaged with addressing child morbidity and mortality through vaccine preventable diseases. Therefore, reaching out, engaging, knowledge-sharing, persuading with evidence, enabling and empowering communities to practice adherence to immunization for all children is a significant common denominator to every national immunization programme, including the immunization programmes confronted with the last-mile coverage challenges.

### EVOLUTION OF HEALTH COMMUNICATION | PERSPECTIVE: COMMUNICATING IMMUNIZATION

With much of the field-research documented in the social and behaviour change communication (SBCC) for health, especially routine immunization in many developing countries, it is found that the social mobilization and community based communication has witnessed broader shifts in its conceptual and theoretical approach over a period of time (*IEC >> Programme Communication >> Health Promotion/Education >> SBCC*). Therefore, integral to programme design is strategic amalgamation of meeting the information and communication needs of marginalized, hard-to-reach and vulnerable people, especially in integrating them with the empowerment process, while the intended communities evolve to a more positive behavior-change for health practice.

Communication strategies, especially targeting immunization programmes in addressing the sustained behavior-change interventions shall work on the premise of a paradigm called '**Another Development**'. It is within communities that the reality of development is experienced, thus community participation in the design and implementation of health & development programmes remains an essential element to the positive change process. Alternative communication (local & community-owned) systems and media practices are therefore, regarded as significant means for local people to engage in health & development activities, and as a two-way process in which communities can participate as key change-agents in evolving to a more positive behaviour practice. Inherent to the paradigm is an increased priority to horizontal, multi-directional communication methods that utilize a mix of channels and

emphasize the importance of two-way communication through sustained dialogue in facilitating trust and mutual understanding, which provide adequate space to the voice of socially-excluded and disempowered people and empower them to identify ways of overcoming the targeted problems in order to improve their own health and well-being.

In fostering a sustained social and behaviour change communication interventions in communities, within the gamut of development and health programmes, the proponents of various communication theories and frameworks have cited how social change takes place and how a positive and progressive change is communicated through select communication channels over a period of time to individuals, communities and society. Integrated within the immunization programmes, a few select conceptual frameworks are recommended to be employed.



Figure 1. Socio-Ecological Model in the Communication for Health & Development paradigm. Source: Adapted from Mckee, N. Social Mobilization and Social Marketing Development Communities (1992).

## Immunization Campaigns: Mitigating Barriers - Designing Communication

A set of recommended interventions under the vaccines' communication strategy, if technically assessed at various proposed stages of their evolution, will employ four primary theoretical conceptual frameworks in strategic health communication, namely: **Theory of Diffusion of Innovations** (*Evert M. Rogers*); **the Theory of Planned Behaviour** (*Icek Ajzen*); **Stages of Change Theory** (*Prochaska DiClemente & Norcross*) and; **Health Belief Model** (*Hochbaum & Rosenstock*).

SBCC expands BCC, explicitly recognizing the importance of changing social norms and increasing social support for behaviour change, and acknowledging that change at the individual level occurs within the concentric circles of influence of family, community and society. This dynamic inter-relationship between individual, family, community and society is also well illustrated through the **Socio-Ecological Model** (Figure 1) in the Communication for Health & Development paradigm. It is noteworthy that while approaching Child Survival (health communication), whether increasing vaccination services access, motivating for breastfeeding adherence, fostering hygiene & sanitation behaviors, and even maternal health care services, socio-ecological model stands its ground.

All the successful social & behaviour change communication interventions are built on an understanding of the complex social, cultural and economic factors that make up the multiple levels of determinants of health and health behavior. Two complementary (and sometimes overlapping) health communication theories are used in designing behaviour change interventions: explanatory or predictive theories, which examine why a particular behaviour occurs; and change theories, which focus on how behaviors can be changed (Schmidt, 2014). Explanatory models are essential for guiding the formative steps of designing a behaviour change communication intervention: Without a clear understanding of why people perform or don't perform a particular behavior, interventions are not likely to succeed. This also signifies the inherent need for integrating qualitative and formative research into any SBCC design and interventions, which essentially bring forth the true human-faces behind the hidden statistical data.

These conceptual models are poised to serve as common denominators at various stages of the intended health communication interventions under the immunization programmes.

In the process of behaviour change, the ultimate end result is also gauged with the number of change-catalysts termed as advocacy-agents, who in turn serve as positive deviants in a given community. These are converted advocates of a given health-

behaviour such as adhering to a complete prescribed vaccination schedule as they not only practice it but also serve as positive examples in a given community. The concept of positive deviance was further refined and consolidated by Jerry Sternin (Tufts University, Boston, USA). It demonstrated how positive behaviour by a few individuals in the community (called **Positive Deviants- PD**) who do things differently or practice healthy behaviors as compared to others in the community can eventually lead to far-reaching positive changes within the community. More often than not, caregivers practicing complete vaccination – who have successfully undergone the complete cycle of routine immunization for their children and have emerged as ‘Child Health champions’ – can serve as the forceful advocates of the immunization programme. Such ‘catalysts’ (positive change-agents) invariably encourage rest of the community in promoting reaching out to the health facility/vaccinators, seeking immunization facilities and adhering to its complete course. PD offers a systematic framework to identify assets, indigenous knowledge, and home-grown solutions, and to amplify them for wider adoption.

Out of various available media approaches, **integrated approach** (*a strategic mix of mass media and interpersonal communication*) is largely proposed as integral to the immunization communication strategies as a sustained approach to reach out to, engage with, educate and foster positive change (Figure 2). Such a campaign design will draw strategic advantage from and thus, combine a strong presence of mass-media for awareness and branding and strategic use of interpersonal and extension approach in reaching out to individual households and caregivers in the communities; thus, engaging with individuals and communities in bringing about a positive behaviour change for promoting vaccination.

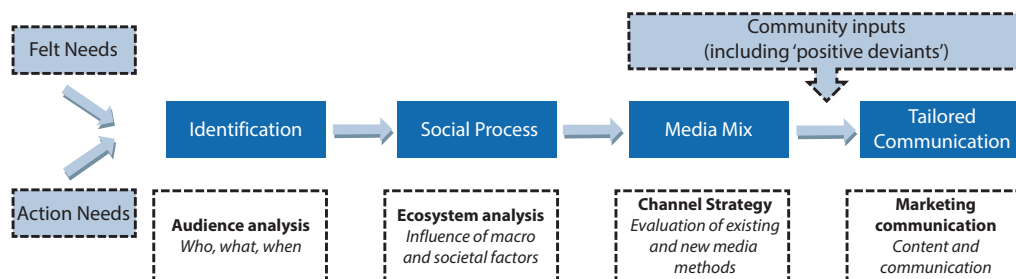


Figure 2. Integrated Communication Approach.

## Immunization Campaigns: Mitigating Barriers - Designing Communication

Translating and effectively converting technical-information and complex socio-behavioral messages into creative, appealing and acceptable approaches that trigger sustained dialogue among participants is often one of the most difficult and daunting tasks within the design and delivery of SBCC initiatives for immunization campaigns. Therefore, the immunization campaign needs to take into account, as its starting point, both the ‘felt needs’ at community or local level, and the ‘action needs’ as to be identified through risk-factors analysis. The operational immunization campaign strategy for meeting these two sets of needs shall ideally follow four stages of activities.

The **first** stage is identifying and analyzing the innovations sought by the community and those that the programme goal desire to introduce to whom, when and with what material means. This is generally known as the diffusion stage in the conceptual framework of development or strategic health communication.

At the **second** stage, which is also known as the social process stage, the fulcrum of activities is towards determining how existing social, cultural, psychological and indigenous communication factors, as well as government organizational factors, would help or hinder the adoption of (or adherence to) new practices and behaviors among the groups of people targeted under the EPI campaign.

In the **third** stage, all efforts are put together towards identifying available media at the field level and how they relate with the people; wherein it must include hard-to-reach and vulnerable populace. At this stage, campaign team should look at what best combination of communication channels exist and how they can be used in the communities most effectively – that includes traditional and interpersonal channels, as well as modern print and electronic media - for communication ‘feed’ both into and from the community.

And in the **final stage**, locally tailored communication interventions shall be drawn and implemented in phases with the real action potential in the communities. This process will indeed be taking into account available supplementary inputs from outside the community, which are positioned to compliment the strategic process of SBCC for sustained practice of Routine Immunization.

Considering the stratified and multi-layered immunization campaign design, the relevant SBCC strategy for the immunization interventions should consider positioning the following approach (Figure 3) in ensuring reaching all individuals and communities in respective countries with the mandate of equity:

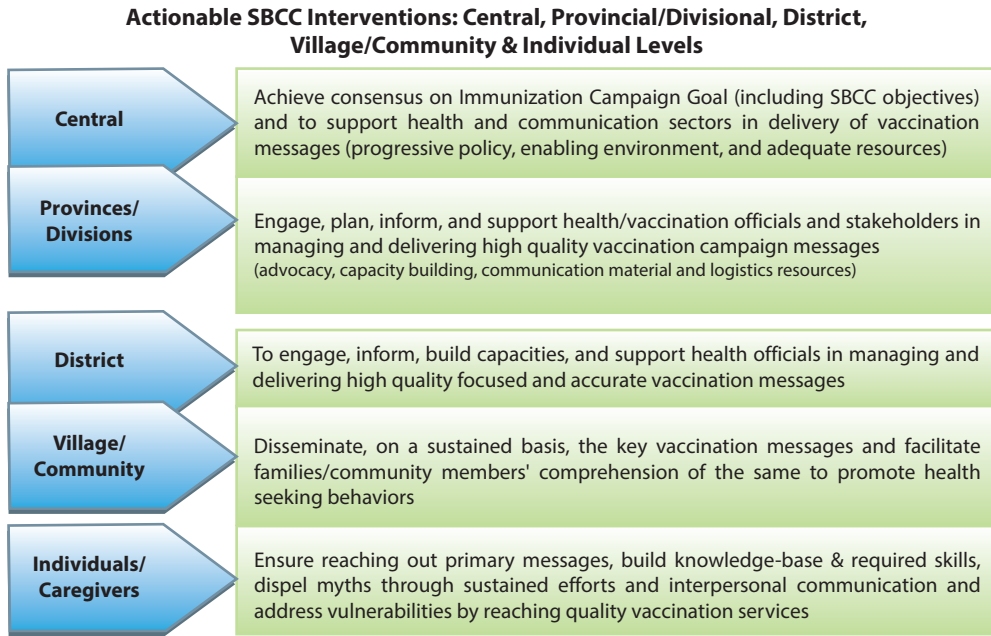


Figure 3. Actionable SBCC Interventions.

Despite the success of routine childhood immunization programmes in reducing the incidence of vaccine-preventable diseases (VPDs), immunization uptake varies among countries across the world, including among various ethnic and vulnerable groups. As the research demonstrates, there are also vast recorded differences in the coverage between the different scheduled vaccines. Inequity in uptake of routine vaccines has contributed to an accumulation of susceptible individuals in several countries across the globe; hence, also to the continued occurrence and spread of some vaccine-preventable diseases.

**Addressing Inequities** - Inequities in health are associated with the social determinants of health; furthermore the inequities in the immunization strategies are also related to the concepts of social justice, fairness and ethics.



**Inequity in immunization:** Avoidable differences in immunization coverage between population groups that arise because barriers to immunization among disadvantaged groups are not addressed through policies, structures, governance or programme implementation

**Equitable access to vaccines:** All individuals are offered the same vaccines through delivery services that are tailored to meet their needs

**Social determinants of health:** The underlying conditions in which people are born, grow, live, work and age. These determinants include parental income, education, living standards, gender equity, distribution of power, policy frameworks and social values, thus directly bearing its impact on health-behaviors.

It is important to acknowledge that immunization coverage may be affected by social determinants and it is a critical factor in addressing those differences in uptake that arise from inequity in vaccine delivery and access. Generating adequate demand (re: health seeking behavior) in communities, especially in ensuring strategic communication outreach to vulnerable, hard-to-reach and socially excluded populace – is an equally critical investment, while the strengthened system of vaccine delivery and logistics continue to play a pivotal role.

In the global context, the usual process of designing a SBCC strategy in fostering strengthened EPI further consolidate the prevailing perception that there is a clear need to move beyond measuring the difference between worst and best-performing geographical areas and to accurately identify who or which groups are not being immunized and where (and why). The much needed and inherent process of risk-factors' analysis and community-level consultations facilitates participatory approach therefore, it further strengthens the campaign-design process in choosing the most appropriate communication-tools, strategic messages and the linked interventions for vulnerable and the hard-to-reach populace. This process also ascertains the mandate of equity and social inclusion through strategic communication in support of immunization. The process of addressing respective barriers, which individuals and community face, and thus empowering them through 'enablers', is the key to achieving the vaccination success.

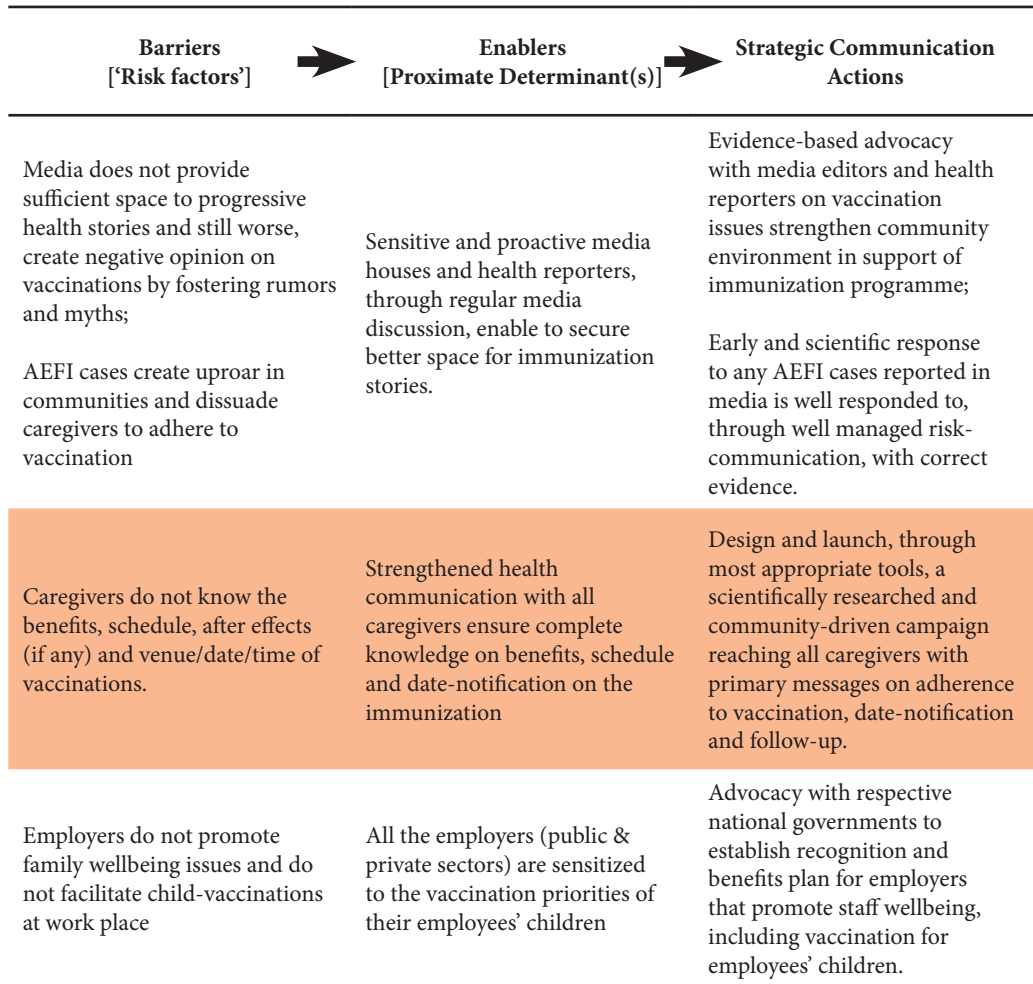


## IMMUNIZATION CAMPAIGN: MITIGATING PRIMARY BARRIERS IN DESIGNING STRATEGIC COMMUNICATION INTERVENTIONS

Barriers [‘Risk factors’]	Enablers [Proximate Determinant(s)]	Strategic Communication Actions
<p>Caregivers/families, due to poverty, cannot afford a health service, such as vaccinations for their children</p>	<p>Poverty alleviation strategies mitigate drudgery of people and foster economically empowering initiatives; Vaccination services are made free to all the individuals.</p>	<p>Empowering caregivers with free access to safe and quality vaccination services at the door-step through knowledge, skills and enhanced access</p>
<p>Illiteracy and lack of knowledge about benefits of completed immunization for child survival</p>	<p>People are ensured to have access to affordable and quality education for all and provided with the ‘quality of life’ knowledge and skills, including health &amp; hygiene knowledge</p>	<p>Fostering sustained engagement with caregivers and community leaders in imparting necessary knowledge &amp; skills to practice adhered vaccination schedule</p>
<p>Misconceptions and rumors restrict caregivers from practicing routine immunization for their children</p>	<p>All the misconceptions &amp; associated rumors are timely intercepted and mitigated by the credible sources such as, Health Professionals, Faith Leaders and sustained Media discussions</p>	<p>Ensuring health providers’ sustained engagement with caregivers and community leaders in imparting necessary knowledge &amp; skills to practice vaccination and also promote continued positive media coverage, thus removing all possible misconceptions and addressing rumors.</p>
<p>Hard-to-reach, geographically vulnerable populace and constantly on-the-move/migratory populations are devoid of accessing vaccination services</p>	<p>Respective governments and local administrations make sure that all the vaccination services are targeted with ‘equity’, i.e. reaching the unreached and vulnerable.</p>	<p>Advocating with government to strengthen immunization services and persuasive messages reaching hard-to-reach, ethnic/indigenous communities and vulnerable populations, including ensuring quality accessibility to vaccination schedules for mobile populations</p>

## Immunization Campaigns: Mitigating Barriers - Designing Communication

Barriers [‘Risk factors’]	Enablers [Proximate Determinant(s)]	Strategic Communication Actions
Religious practices or faith leaders discourage or ban the followers from practicing vaccination due to misbelieve or misinformation	All faith leaders are positively engaged with the vaccination programmes and shared scientific knowledge with on immunization issues.	Effectively mitigating misinformation on vaccinations through evidence-based advocacy with faith leaders’ alliance
Weak health system that is not capable of ensuring logistics, maintenance of appropriate vaccines with cold-chain and reaching out to the communities	Health System Strengthening (HSS) is accorded the highest priority by the respective governments and planners.	Sustained and evidence-driven advocacy with the senior political leadership and policy makers to strengthen the health systems in a given country
Vaccination teams do not have communication/transportation facilities in reaching the communities that are far	Governments ensure that appropriate and timely transportation is provided to the vaccination teams and that the providers are well equipped with the required communication aids.	Policy advocacy with national governments fostering development of a business case for vaccine transportation/ communication through community involvement
Vaccinators lack basic communication & counseling skills in engaging with the caregivers and communities	Immunization managers initiate and regularly organize and thus, ensure that vaccinators are empowered with the new-generation counseling & IPC skills	Facilitate a minimum standard package for vaccine session at any facility to ensure quality of vaccination, counseling, take-away messages and follow up actions.
Health programme does not have sufficient resources in fostering a comprehensive immunization programme (policy, human resources, vaccines, political support)	National governments ensure adequate resources to facilitate quality vaccination programmes and legislate appropriate bills/ policies.	Promote, through data-driven advocacy, immunization as an integral part of the national health service delivery system benefitting all children (Support a systematic budget analysis)
Practicing health professionals (OB/Gyn, General Practitioners, Traditional Healers, Pharmacies, Health Counselors & Vaccinators) either do not have knowledge of or do not proactively advice on adherence to vaccinations	Private doctors, traditional healers and pharmacy shops are engaged with in communicating benefits of immunization adherence.	Foster partnership model between public vaccinators and practicing health professionals and pharmacies in order to facilitate motivation for caregivers for ensuring vaccination.



### ‘VCM’ | BASED ON MOSLEY & CHEN THEORY

The current work on ‘Vaccines Communication Model’ (*Gupta/Hassan/Agarwal/Bhasin*), as propounded herein, has its leanings from the earlier research of Mosley and Chen (1984) on proximate theory of social determinants of child morbidity and mortality. Mosley and Chen proposed a conceptual framework for the study of the determinants of child survival, especially in developing countries that incorporated both social and biological variables. The primary feature of the Mosley-Chen

framework is the due emphasis on a set of proximate determinants that are directly linked with and thus, influence the risk of morbidity and mortality in children. It is noted that all social and economic determinants must operate through the proximate determinants to affect child survival. Therefore, in order to strengthen national immunization programmes, it is of paramount importance to address the surrounding risk-factors that directly restrict or limit the caregivers' accessibility, affordability, ability, knowledge and behaviour from practicing the scheduled vaccination for their children.

### **STRATEGIC COMMUNICATION IN IMMUNIZATION | A ROAD AHEAD FOR THE LAST-MILE COVERAGE**

Scientifically designed strategic communication interventions in support of immunization programs often focus on generating clients demand. Herein the mass media have also helped mobilize communities in rapidly increasing the vaccination coverage. However, health communication is poised to address more complex issues of long-term sustainability, reaching out to hard-to-reach populace, and in managing certain negative repercussions of high rates, for example, diminishing concerns about the seriousness of disease. This assumes significance especially in the context of countries confronted with addressing the last-mile coverage challenges.

Increasingly, most countries are reporting vaccination data which indicate high access to immunization services (BCG, DPT1, and OPV1 rates) but rather lower complete coverage. And this is due to a large number of dropouts, in other words the 'critical gap' remains in covering the last-mile. Needless to emphasize, these dropouts reflect a problem in one or both of the two given areas, i.e. (i) service barriers (such as missed opportunities to vaccinate); and (ii) consumer barriers (such as lack of access to or understanding of correct information, fear of side effects, or competing belief systems). In many countries immunization managers are realizing that it is more difficult to achieve and sustain the final ten percent or fifteen percent of coverage than it was to achieve the initial targets of 60 percent or even 75 percent. Hence, in each of such cases strategic-communication has a critical role to play. It is clear that the strategic-communication offers feasible strategies for reducing both service and consumer barriers to foster complete coverage and for promoting and sustaining positive immunization behaviour among these groups on a long-term basis.

## REFERENCES

- Athar Ansari M., Khan Z., & Khan I. (2007). Reducing resistance against Polio drops. *Perspectives in Public Health-2007-1*.
- Bergdall, D. (1993). *Methods for Active Participation-Experiences in Rural Development from East and Central Africa*. Nairobi, Kenya: Oxford University Press.
- Berrigan, F. J. (1981). *Community Communications: The role of the community media in development*. Paris: UNESCO.
- Bocquier A., Ward J., Raude J., Peretti-Watel P., & Verger P. (2017). Socioeconomic differences in childhood vaccination in developed countries: a systematic review of quantitative studies. *Expert Rev Vaccines*,16(11), 1107-18.
- Canary, Daniel J., Cody, Michael J., & Manusov, Valerie Lynn. (2008). *Interpersonal communication: a goals-based approach* (Fourth edition). Bedford/St. Martin's, Boston, MA.
- CDC. (2019). *National Notifiable Diseases Surveillance System. Measles/rubella 2013 case definition*. Atlanta, GA: US Department of Health and Human Services, CDC; 2019 and <https://www.cdc.gov/measles/cases-outbreaks.html>
- Davis, Terry C., & Kennen, Estela M. (2006). Vaccine Risk/Benefit Communication: Effect of an Educational Package on Public Health Nurses. *Health Educ Behav*. 33(6), 787-801.
- Freire, P. (1970). *Pedagogy of the Oppressed*. , New York: Continuum/Seabody.
- Frederiksen, L. W., Solomon, L. J., & Brehony, K. A. (1984). *Marketing health behavior: Principles, techniques, and applications*. New York: Plenum Press.
- Fugelsang, A., & Chandler, D. (1987). *Development Communication Case Study: The paradigm of communication in development: From knowledge transfer to community participation-lessons from the Grameen Bank*. FAO: Rome.
- GAVI. (n.d.). *Demand promotion and community engagement, Health System and Immunization Strengthening*. Retrieved from <https://www.gavi.org/support/hss/demand-promotion>

## Immunization Campaigns: Mitigating Barriers - Designing Communication

- Grover, C., & Grover, I. (1991). Effective Communication of Messages to Rural Women Through Media-Mix. *VIDURA, PII*, Vol. 28, Issue No. 2.
- Gupta, D., Ariyaratne, K., Refai, A., & Rathnayake, S. (2018). Confronting Health Communication Challenges Addressing Tuberculosis in Sri Lanka: Synopsis. *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, (35), 134-147. doi:[10.31211/interacoes.n35.2018.e1](https://doi.org/10.31211/interacoes.n35.2018.e1)
- Gupta, D., & Bansal, K. (2014, July). Strategic Communication in Polio Eradication, *Journal: Media Map*, ISSN 2349-5944, Issue IV, Volume I, 31-33.
- Health Survey Results Unit [MOHFW]. (2010). Publication/Final Version; Evaluation and Intelligence Division, Ministry of Health and Family Welfare, Government of India.
- Hettne, Björn (1990). *Development theory and the three worlds*. New York: Wiley.
- Hornik, R. C. (2002). *Public health communication: evidence for behavior change*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lewin, T., & Patterson, Z. (2012). Approaches to Development Research Communication. *IDS Bulletin*, Volume 43, Number 5.
- Mason, A. M., & Wright, K. B. (2014). Department of Communication, George Mason University, Fairfax, Virginia, USA; The Life Cycle of a Virus: The Infectious Disease Narrative of NDM-1, *Journal of Health Communication: International Perspectives*.
- Mayo J., & Servaes J. (eds.) (1994). *Approaches to Development Communication: An Orientation and Resource Kit*. UNESCO & UNFPA.
- McCombs, Maxwell E., & Donald L. Shaw (1993). The evolution of agenda-setting research: Twenty-five years in the marketplace of ideas. *Journal of Communication* 43, 58-67.
- Mosley, W. H., & Chen, L. C. (1984). An analytical framework for the study of child survival in developing countries. *Population and Development Review* 1984; 10(Suppl): 25-45. Reprinted in *Bull WHO* 2003, 81(2), 140-148.
- Robert Hornik (ed.) (2001). *Public Health Communication: Evidence for Behaviour Change*. NJ, USA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers.

- Schiavo, Renata (2007). *Health communication: From theory to practice*. San Francisco: Jossey-Bass
- Shmidt, K. (2014). *Applying Lessons from Behavior Change Communications to the Design of an Intervention Promoting Family and Community Support for Learning to Read*. Education Data for Decision Making (EdData II), Task Order 20. Report. RTI International. Retrieved from <https://www.globalreadingnetwork.net/eddata/applying-lessons-behavior-change-communications-design-intervention-promoting-family-and>
- Schulz, Peter J. (ed.) (2010). *Communication Theory*, 4 vols. Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Shimp, L. (2004). *Strengthening Immunization Programmes: Communication Component*. Arlington, Virginia, Partnership for Child Health Care, Basic Support for Institutionalizing Child Survival (BASICS).
- Singhal, A., Buscell, P., & Lindberg, C. (2010). *Inviting everyone: Healing healthcare through positive deviance*. Bordentown, NJ: Plexus Press.
- The World Bank. (2003). *Strategic Communication for Development Projects: A toolkit for task team leaders*. Washington, D.C.
- World Health Organization. (2017). Immunization Coverage – Facts/Coverage 2017. Retrieved from <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/immunization-coverage>
- World Health Organization. (2013). Global routine Vaccination Coverage, 2012. *Weekly Epidemiological Rec.*, 88, 482–5.
- Wright, Kevin B., Sparks, L., & O’Hair, H. D. (2008). *Health communication in the 21st century*. Malden, MA: Wiley-Blackwell.

# FICHA TÉCNICA

Diretor/Director: **Carlos Amaral Dias**

Editor: **Vasco Almeida**

Conselho de Redação/Associated Editors: **Fernanda Daniel, Henrique Vicente, Inês Amaral, Maria João Barata**

Conselho Editorial/Editorial Board:

**Ana Albuquerque Queiroz**, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

**Ana Maria Botelho Teixeira**, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

**Ana Maria Loffredo**, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

**Arley Andriolo**, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

**Carlos Flores Jacques**, School of Humanities and Social Sciences, Al Ahkawayn University Ifrane, Marrocos

**Fernanda Rodrigues**, Faculdade de Ciências Sociais, Mestrado em Serviço Social, Universidade Católica Portuguesa, Braga

**Francisco Esteves**, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE-IUL - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Instituto Universitário de Lisboa

**Isabel Maria Farias Fernandes de Oliveira**, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal RN

**Isabel Soares**, Departamento de Psicologia Aplicada, Universidade do Minho, Braga

**José A. Bragança de Miranda**, Departamento de Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

**José Carlos Zanelli**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis SC

**José Esteves Pereira**, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

**José Marques Guimarães**, CEPES - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, Porto

**José Paulo Netto**, Escola de Serviço Social da UFRJ, Rio de Janeiro

**José Pedro Leitão Ferreira**, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

**José Pinheiro Neves**, Departamento de Sociologia ICS, Universidade do Minho

**José Pinto Gouveia**, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

**Jorge Trindade**, Instituto de Psicologia, Porto Alegre

**Lúcia Barroco**, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Leny Sato**, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo

**Manuel Morgado Rezende**, Programa de Graduação em Psicologia da Saúde, Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

**Maria Carmelita Yasbek**, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Maria José Aguilar Idáñez**, Departamento de Derecho de Trabajo y Trabajo Social, Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca

**Maria Nunes Dinis**, Division of Social Work, California State University, Sacramento, USA

**Mathilde Neder**, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Núcleo de Psicologia Hospitalar e Psicossomática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Paula Cristina Tavares**, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

**Paulo Coelho de Araújo**, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

**Paulo César Sandler**, Sociedade Brasileira de Psicanálise

**Pedro Nobre**, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

**Yara Frizzera Santos**, Escola de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica Belo Horizonte MG

---

Proprietário:  
Instituto Superior Miguel Torga  
NIPC 900201835  
Sede de Redação:  
Largo da Cruz de Celas n.º 1  
3000-132 Coimbra

Design, Paginação e Web:  
**Paulo Pratas**

ISSN: 2184-2929